



Luana Maria de Aristeu Vilarim Moraes

**“Chegou o progresso”. A paisagem como
instrumento de análise do desenvolvimento em
uma comunidade tradicional caiçara**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Departamento de Geografia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Rodrigo Penna-Firme

Rio de Janeiro,
Janeiro de 2023



Luana Maria de Aristeu Vilarim Moraes

“Chegou o progresso”.

**A paisagem como instrumento de análise do
desenvolvimento em uma comunidade tradicional
caiçara**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Geografia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do
grau de Doutor em Geografia.

Prof. Rodrigo Penna-Firme

Orientador

Departamento de Geografia – PUC-Rio

Prof. José Borzacchiello

PUC-Rio;

Prof. David Tavares

UFPE;

Prof. Gustavo Carvalhaes Xavier Martins Pontual Machado

UFRJ;

Prof. Rogério Ribeiro de Oliveira

IIS.

Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Luana Maria de Aristeu Vilarim Moraes

Graduou-se em Geografia na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 2015. É mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, PPG EICOS - UFRJ. Tem sua pesquisa e produção acadêmica direcionadas a ecologia política, conflitos socioambientais, áreas protegidas e populações costeiras, desenvolvimento e qualidade de vida.

Ficha Catalográfica

Moraes, Luana Maria de Aristeu Vilarim

“Chegou o progresso” : a paisagem como instrumento de análise do desenvolvimento em uma comunidade tradicional caiçara / Luana Maria de Aristeu Vilarim Moraes ; orientador: Rodrigo Penna-Firme. – 2023.

166 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, 2023.

Inclui bibliografia

1. Geografia e Meio Ambiente – Teses. 2. Desenvolvimento. 3. Paisagem cultural. 4. Comunidade tradicional. 5. Caiçara. I. Pedrosa, Rodrigo Penna Firme. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Geografia e Meio Ambiente. III. Título.

CDD: 910

Aos amigos da Trindade,
com votos de liberdade e esperança!

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A Deus.

À família, aos amigos.

Ao querido orientador Rodrigo.

Aos professores que encontrei ao longo da jornada.

A cada trindadeiro que por tantos anos me ajudaram a crescer.

Resumo

Moraes, Luana Maria de Aristeu Vilarim; Penna-Firme, Rodrigo Pedrosa. “Chegou o progresso”. **A paisagem como instrumento de análise do desenvolvimento de uma comunidade tradicional caiçara**. Rio de Janeiro, 2023. 173p. Tese de Doutorado - Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

“‘Chegou o progresso’ A paisagem como instrumento de análise do desenvolvimento de uma comunidade tradicional caiçara”. A tese tem por objeto de análise a problemática do desenvolvimento estudada em Trindade, extremo sul de Paraty, RJ. Trata-se, portanto, de um estudo de caso de caráter qualitativo e objetiva descrever a cultura e o território; identificando “desenvolvimento vivido” e “desenvolvimento idealizado”; e analisando as dinâmicas de desenvolvimento socioespacial entre os três grupos geracionais envolvidos no estudo. Para tal realização, a análise da paisagem é de fundamental contribuição, sendo executada através do levantamento de dados primários e secundários (Campo, Entrevistas, Imagens de Satélite, etc.). A análise gerou um inventário de eco-símbolos sobre o ecúmeno e um inventário de representações, valores e conceitos e política. Também uma tabela de identificação das diferentes formas que a paisagem de Trindade é percebida e usada para cada geração. Por fim, verificou-se que os anseios gerais da nova geração são relativamente semelhantes aos anseios para as futuras gerações, distinguindo-se nos caminhos que identificam como possíveis e na esperança que a juventude carrega de um desenvolvimento sadio, pensado e realizado por eles e para eles.

PALAVRA-CHAVE:

Desenvolvimento; Paisagem cultural; Comunidade tradicional.

Abstract

Moraes, Luana Maria de Aristeu Vilarim; Penna-Firme, Rodrigo Pedrosa (Advisor). **“Progress has arrived!’ The landscape as an instrument for analyzing the development of a traditional caiçara community.** Rio de Janeiro, 2023. 173p. Tese de Doutorado - Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

“‘Progress has arrived!’ The landscape as an instrument for analyzing the development of a traditional caiçara community”. The thesis has as object of analysis the problem of development studied in Trindade, extreme south of Paraty, RJ. It is, therefore, a case study of a qualitative nature and objective to describe the culture and the territory; identifying “experienced development” and “idealized development”; and analyzing the socio-spatial development dynamics between the three generational groups involved in the study. For this purpose, the analysis of the landscape is of fundamental contribution, being carried out through the survey of primary and secondary data (Field, Interviews, Satellite Images, etc.). The analysis generated an inventory of eco-symbols about the ecumene and an inventory of representations, values and concepts and politics. Also, a table identifying the different ways that Trindade's landscape is perceived and used for each generation. Finally, it was found that the general aspirations of the new generation are relatively similar to the aspirations for future generations, distinguishing themselves in the ways that they identify as possible and in the hope that youth carries of a healthy development, thought and carried out by them and for them.

KEYWORDS:

Development; Cultural landscape; Traditional community.

Sumário

1. Introdução	11
1.1 Questão motivadora, hipótese, objeto e objetivos	13
2. Teoria e território	16
2.1 Desenvolvimento	16
2.1.1 Panorama sobre a polissemia e transdisciplinaridade de um conceito.	16
2.1.2 Para além do único desenvolvimento: progresso, sustentabilidade, pós-desenvolvimento e mais o que?	23
2.2 Paisagem	32
2.2.1 Paisagem cultural	34
2.2.2 Paisagem como instrumento de análise	39
2.3 Comunidade Tradicional Caiçara	41
2.3.1 Trindade e as gerações caiçaras: Antigos, Filhos da luta, e Molecada.	42
3. Metodologia	61
3.1 Levantamento de dados	63
3.1.1 Trabalho de Campo	63
3.1.2 Entrevistas	65
3.1.3 Dados secundários	67
3.2 Processamento e análise dos dados	67
3.2.1 Inventários	67
3.2.2 Análise de conteúdo	70
4. Resultados e discussões	73
4.1 Resultados de campo	73
4.2 Os inventários de Trindade	81
4.2.1 Inventário de eco-símbolos sobre o ecúmeno.	84
4.2.2 Inventário das representações, dos conceitos e valores, e das políticas	101
4.3 O desenvolvimento vivido e o desenvolvimento idealizado.	136
5. Conclusões	156
6. Referências bibliográficas	160
Anexo A - Minha inserção no Campo	168
Anexo B - Roteiro semi-estruturado	170
Anexo C - Redes sociais e imagens de satélite.	171

Lista de Imagens

Figura 1 - Etimologia da palavra Desenvolvimento	16
Figura 2 Rios desaguando na Praia do Meio e na Praia do Cepilho. Fonte: própria	46
Figura 3 Vista a partir da encosta leste da Comunidade da Praia da Ponta Negra para as entradas de mar e encostas da praia do Sono e Trindade coberta de vegetação nativa.	46
Figura 4 - Casa de um Antigo em 1980. Fonte: Instagram @trindadevive	47
Figura 5 O café dos Antigos. Fonte: Instagram @trindadevive	47
Figura 6 - Ranchos, canoas e o mato alto ou jundú na Praia dos Ranchos. Fonte: waves.com. Andy Goldstein.	48
Figura 7 - cobertura vegetal do costão da praia do Meio em 1990	49
Figura 8 - Saída de barco da Praia do Meio para a Piscina Natural do Caixa d'áço. Na encosta vegetada é possível observar em verde mais claro, os espaços dos antigos roçados. Fonte: própria, 2022.	50
Figura 9 - Ranchos estruturados em alvenaria e muitos funcionando como bar e restaurante. Fonte: própria.	50
Figura 10 - Escola do Mar: Casa de farinha construída em 2017 na Zona de Uso Coletivo como espaço de memória e educação diferenciada. Fonte: própria.	51
Figura 11 - Casa de pescador intocada entre as pedras, o mato e o mar, Praia do Ranchos. Fonte: própria.	51
Figura 12 - Bois da Companhia na praia do Cepilho - Trindade.	53
Figura 13 - Revista Veja de 1987 apresenta Trindade como novo destino turístico.	54
Figura 14 - Mapa de localização do Parque Nacional da Serra da Bocaina e da Área de Proteção Ambiental do Cairuçu, que foram sobrepostas à Trindade. O bairro do Patrimônio marca o trevo entre a BR 101 e a entrada para a estrada do Deus me livre. Fonte: própria,	55
Figura 15 - Registros do ICMBio do Réveillon 2006/2007 da Praia do Meio com quantidade incontável de barracas. E registro da mesma área sob	

supervisão do ICMBio no Carnaval 2009 (As operações de verão são pontuais, com o fim dos feriados, a área reocupada).....	60
Figura 16 - “Caça ao tesouro” em dia de ressaca em frente a Zona de Uso Coletivo. Fonte: própria, 2022.	64
Figura 17 - Lanche neotradicional. Fonte: própria, 2022.	64
Figura 18 - Seu Norival Possidônio. Fonte: própria, 2022.	74
Figura 19 - Seu Manoel (de costas) atendendo aos turistas na mesa da ABAT. Fonte: própria, 2022.	75
Figura 20 - Área aproximada do terreno dos Carmo, com as residências própria e dos filhos, a pousada, e a igreja Assembleia de Deus; a área de camping e estacionamento; Genro e neto consertam telhado após a tempestade. Fonte: Instagram @espaçoindiotupi; e própria	76
Figura 21 - Robson aplicando barro na nova estrutura da ABAT; antiga moradia que atualmente tem uso de hospedagem. Fonte: Instagram @abattrindade; própria, 2022.	77
Figura 22 - Ao final da entrevista nos encaminhamos para a varanda de casa e nesse momento ele diz: - essa é a Trindade que quero para minha filha. Essa beleza, essa paz! Fonte: própria, 2022.	78
Figura 23 - 30 Réis e sua decoração simples mas bonita. À mesa na areia estão turistas aguardando o almoço que Kátia está preparando enquanto eu registro imagens do local. Fonte própria 2022.	79
Figura 24 - Augusto Possidônio, posa dando entrevista no mesmo local onde sua mãe e ele foram filmados em 1990 e seu tio comentou que era o canto de encontrar os amigos (1978). Fonte: própria, 2022; documentário sobre a morte de Ulysses Guimarães; acervo AMOT.	80
Figura 25 - Restaurante em que Fábio trabalha, com os prêmios na parede. Fonte: própria, 2022.	81
Figura 26 - Eco-símbolos sobre o ecúmeno. Fonte própria, 2022.	83
Figura 27 - Vila de Trindade em 1980, rua principal. Fonte: Instagram @tindadevive.	107
Figura 28 - Vila de Trindade em 1980, praia dos Ranchos. Fonte: Instagram @tindadevive.	107
Figura 29 - Vista do Cepilho para a Vila e Caixa d’áço, 1986 e 2022. Fonte: @trindadevive e própria.	108

Figura 30 - Cantinho da praia dos Ranchos. Fonte: @detrinda, 2022. ...	108
Figura 31 - Registro de sobrevoo de paraglider. Fonte: @trindadevive, 2022.	111
Figura 32 - Vista do Deus me livre em direção a Cabeça do Índio, 1988. Fonte: @trindadevive, 2023.	112
Figura 33 - Vista do morrão do Cepilho, pegando a Vila, o Caixa d'áço e a Cabeça do Índio, 2021. Fonte: @espaçoindígena, 2023.	112
Figura 34 - Panorâmica do Caixa d'áço; saída da trilha e chegada à praia; morador do Caixa d'áço prepara o barco para sair. Fonte: própria, 2022.	113
Figura 35 - Praia do Meio em julho de 2020, durante o fechamento. Fonte: @trindadevive, 2020.	115
Figura 36 - Registro do próprio entrevistado. Fonte: instagram pessoal do entrevistado, 2020.	119
Figura 37 - Vista da Praia do Caixa d'áço para a praia do Meio.	119
Figura 38 - Vista da Toca dos ossos para a Praia do Meio. Fonte: própria, 2016.	120
Figura 39 - Localização em Metrópoles	172
Figura 40 - Zoneamento de Trindade	173
Figura 41 - Área de moradia e trabalho 2003. Fonte: própria, 2022.....	174
Figura 42 - Área de moradia e trabalho em 2010. Fonte: própria, 2022.	175
Figura 43 - Área de moradia e trabalho 2021. Fonte: própria, 2022.....	176
Figura 44 - Área de moradia e trabalho 2022. Fonte: própria, 2022.....	177
Figura 45 - Área de trabalho no Cepilho 2010.....	178
Figura 46 - Área de trabalho no Cepilho 2021.....	179
Figura 47 - Área de trabalho no Cepilho 2021.....	180
Figura 48 - Ampliação de estradas no Cepilho 2021.....	181

“Então, Jesus contou aos seus discípulos uma parábola,
para mostrar-lhes que eles deviam
orar sempre e nunca desanimar”
(Lucas 18.1, Bíblia).

1. Introdução

O desenvolvimento da humanidade, isto é, a perpetuação de sua espécie às próximas gerações acompanhadas de melhorias nas condições de vida é inerente à existência humana nas mais diversas culturas e localizações no globo terrestre. É também um processo histórico situado sócio espacialmente, submetido ao “espírito do tempo” e ao “espírito do lugar” de cada sociedade, e que através da cultura proporá e subsidiará formas e caminhos para que este processo ocorra e a sobrevivência de sua sociedade seja garantida.

Algumas dessas formas vêm prevalecendo sobre outras ao longo do tempo e do espaço. Nos últimos três séculos a humanidade tem vivenciado uma tendência global e homogeneizante de modernização, aquilo que autores como Latouche (1994) e Chesneaux (1996) identificam como um processo de ocidentalização planetária. Indicando o ocidente não mais apenas como uma localização geográfica, mas como uma metáfora referente a cultura do ocidente que tem se dispersado pelo globo através de mecanismos de sujeição, cooptação e sedução desta em detrimento dos demais modos de vida e culturas “ainda não ocidentalizadas”.

Entretanto, Hall (2002) mostra que apesar de ser necessário reconhecer a localização (ocidental) e contexto (tempo Moderno de sociedade capitalista) do modelo de desenvolvimento que tem predominado sobre o globo, também é preciso desconstruir a ideia de um desenvolvimento hegemônico visto com lentes da simplificação, onde “Ocidente” e “Oriente” sempre estiveram relacionados por mitos e fantasias. Kamali Massoud (s/d) mostra a força dos discursos e das representações sobre o “outro” e sobre “si”, e desde 1990 Eduardo Said fala do Orientalismo como um modo ocidental de (tentativa de) dominação do Oriente.

Zibechi (2020) traz afirmações instigantes sobre uma nova ordem mundial que tem se configurado com o Oriente como Centro, e deslocado a capacidade de influência política e movimentação financeira da União Europeia e Estados Unidos para a antiga periferia das relações socioespaciais globais. Esta nova ordem, segundo o autor, encontrou espaço para ser introduzida devido a um período de caos do sistema-mundo. Oscar Ugarteche sustenta que a “China é fonte de cinco ramos da economia global: farmoquímica, automotriz, aeronáutica, eletrônica e de telecomunicações” (ZIBECHI, 2020, p. 116).

Apesar de questionar algumas afirmações de Zibechi (2020), trazer esse autor para agregar a apresentação da problemática sobre o desenvolvimento torna-se importante para demonstrar que se ao longo do tempo pode haver um deslocamento geográfico do centro de hegemonia político-econômica, todavia, o que parece permanente é a corrida modernizante via desenvolvimento tecnológico e ampliação de participação no mercado de consumo global. Modernizar, segundo esses aspectos, é desenvolver para além do ganho de qualidade de vida, é transformar humanos em cidadãos, e estes, por sua vez, em consumidores.

O deslocamento desse modelo de Desenvolvimento não se deu apenas no hemisfério Norte, mas também tem se multiplicado no Sul global, ainda que como reflexo ou desdobramentos do que fora irradiado pelos centros à Norte, sendo entendido como um desenvolvimento tardio e explicado por diferentes escolas de pensamento, como as Descolonizais, que veem o imperialismo cultural – leia-se a cultura do consumo – como uma continuidade da dominação colonial dos modos de vida do Norte em detrimento dos do Sul; ou escolas Marxistas com a Teoria da Dependência ou a do Desenvolvimento Desigual e Combinado, por exemplo.

A questão que mais uma vez se evidencia é o desejo em ter direito ao acesso de melhores condições de vida, que têm sido associadas ao modelo de desenvolvimento modernizante. Este desejo também faz parte do cotidiano de muitas comunidades tradicionais que existem nos dias atuais. Nestes casos, esse desejo pode estar associado a vontade de mudança do que Penna-Firme e Brondizio (2007) identificaram como condições materiais precarizadas, que por vezes são associadas a marcadores da identidade cultural daquela comunidade e as tem levado a vivenciar a imposição de um congelamento no tempo, de técnicas e das relações socioespaciais.

Entretanto, a inserção destes grupos e seus territórios nas redes regionais/nacionais/globais não ocorre sem disputas, pressões e resistências internas e externas, seja para a manutenção seja para a transformação dos marcadores das identidades culturais. Os atores locais passam a integrar redes com novas escalas de atuação, agindo de forma transescalar. Movimentos de re-existência (no sentido de recuperarem valores e práticas de suas culturas ancestrais e mesmo como novas reproduções de práticas antigas em novos territórios) também são ativados nessa dinâmica.

É evidente que ao longo do tempo houve um ganho de nuances de identidades culturais que muitas vezes parecem contraditórias e olhá-las à luz da dialética torna-se fundamental para analisar o desenvolvimento e contribuir com o entendimento de que queiram “desenvolver-se” ou queiram a “manutenção de sua cultura” (entre aspas para evidenciar os estereótipos das duas expressões), em ambos os movimentos, integrarão o sistema ocidente-modernidade-capitalismo, sendo possível observar características de um padrão de desenvolvimento que fora enquadrado como urbano-industrial capitalista.

1.1 Questão motivadora, hipótese, objeto e objetivos

É preciso lembrar que até aqui, foi apresentado um modelo de desenvolvimento, que tem se hegemonizado, mas não é o único caminho possível, pois os significados do que é desenvolver para cada sociedade pode variar conforme suas cosmovisões, conjunto de valores e práticas de como se relacionar em seu grupo, com grupos diferentes e com o meio que habitam.

Em ampla oposição a uma visão etapista linear e que vê o desenvolvimento com um fim pré-estabelecido, o que se reconhece aqui é um desenvolvimento socioespacial como movimento de transformação de territórios e paisagens. Abrindo possibilidade para reconhecimento, divulgação ou formulação de outros desenvolvimentos que emanam do território e informam sobre qual modelo de desenvolvimento tem sido vivenciado pelas comunidades tradicionais no século XXI.

Pensar sobre os diferentes caminhos que a humanidade pode seguir para alcançar qualidade de vida junto a justiça social entre os povos; como é possível identificar esses caminhos que foram percorridos ao olhar para os espaços de vivência dos grupos humanos? Em que essa distinção e consciência da mesma podem contribuir com o ganho da qualidade de vida, dos que me relaciono, da humanidade, do Planeta?

Pensamentos ousados? Mas se não ousarmos nem no pensar, quão medíocres seriam as nossas realizações. O fato é que esses questionamentos me levaram a refletir sobre as distintas formas de materialização e marcas dos grupos humanos sobre a superfície terrestre ao longo do tempo; e mesmo como era possível

a um observador notar tais diferenças. Ainda em campo¹, através do olhar a paisagem em que comunidades tradicionais estão associadas² perguntei-me se estava diante do modelo ideal? Facilmente, concluí que essa pergunta estava formulada desconsiderando toda a complexidade da teia social que atravessa, marca e transforma o espaço. E o quanto o espaço atravessa, marca e transforma o social.

Ainda no amadurecimento das ideias e percepções a respeito dos processos observados em campo, mais reflexões foram formuladas quanto às formas concretas de manifestação desse modo de vida identificado como caiçara. Agora, considerando o caráter dinâmico da cultura e o desenvolvimento inerente às sociedades humanas - e como não dizer: a vida, em geral? - formulei a questão central desta pesquisa no sentido de: conhecer, entender e analisar as especificidades do desenvolvimento socioespacial em grupos que se auto reconhecem como culturalmente distintos, como as comunidades tradicionais caiçaras.

Mais explicitamente, busco responder: o que é “desenvolvimento” a partir da perspectiva dos moradores destas comunidades e qual o entendimento deles a respeito desse processo ao longo dos anos no que diz respeito à cultura, ao território e à qualidade de vida? Como tem se desenvolvido a cultura e quais são as materializações reais sobre territórios³? E quais são as visões de futuro destas comunidades para os seus territórios tradicionais, se é que ainda se pretendem culturalmente distintos e desejam que a futura geração assim se prolongue e reconheça?

¹ Essas informações de campo tratam tanto do campo exploratório realizado dentro desse projeto de pesquisa de Tese, quanto de experiências associadas a minha trajetória acadêmica. Desde 2014, a partir do projeto “Diagnóstico de danos ambientais em unidades de conservação: Parque Nacional da Serra da Bocaina (Área de Proteção Ambiental do Cairuçu) e Reserva Ecológica da Juatinga” promovido pelo Laboratório de Geomorfologia Ambiental e Degradação dos Solos - UFRJ, tenho contato com a região e a rica complexidade de questões que estar lá nos propõe a pensar. Posteriormente, a dissertação de mestrado que produzi também foi sobre o recorte de Trindade. Agora, a partir das reflexões que apresentei, entendo como adequada a extrapolação para comunidades vizinhas, agrego ao campo de estudo as comunidades da praia do Sono e Ponta Negra. Para mais informações sobre a inserção da autora no campo leia o anexo A

² É possível ver remanescente de comunidades em meio a cidade? Sim! Principalmente, com os movimentos de retomada de território e queda de preconceitos que faziam descendentes de povos originários e negros não se autodeclararem. Ainda assim, o mais comum, é essas comunidades estarem associadas a paisagens mais naturais (à primeira vista).

³ Esses territórios, apesar de tradicionalmente ocupados por estas comunidades, atualmente contam com um regime de legislações que definem o que é ser tradicional, e o que seriam as características de um território tradicional, e nesse sentido, cabe ponderar as potencialidades e fragilidades que esses documentos podem manifestar nos territórios

A fim de responder tais questões, objetivo:

1. Descrever a cultura e o território caiçara de Trindade, situada na região sul do município de Paraty – RJ;
2. Identificar “desenvolvimento vivido” e “desenvolvimento idealizado”;
3. Analisar dinâmicas de desenvolvimento socioespacial entre as gerações.

Para responder essas questões estruturei essa pesquisa em 5 capítulos: Introdução, para apresentar a problemática e como delimitar o objeto de pesquisa, qual seja, o desenvolvimento da comunidade tradicional caiçara de Trindade;

O capítulo 2, para apresentar a Teoria e o Território, sendo a teoria trabalhada através das palavras-chaves para este trabalho: “desenvolvimento”, “paisagem”, “Comunidade Tradicional”. Seguido de uma apresentação imagética com meus registros de campo, a Trindade pelos meus olhos, considerando o dito popular que “uma imagem vale mais que mil palavras”.

No capítulo 3, da Metodologia, apresento as ferramentas que lancei mão para a coleta de dados, e como escolhi analisá-los, baseando cada tomada de decisão em estudos sobre as ciências sociais, a ética, as técnicas e os métodos já consagrados;

No capítulo 4, trago os Resultados e discussões

, onde sintetizo e exponho falas de moradores de Trindade que me ajudaram a compor este estudo. Apresento um inventário eco-geográfico e um de valores, representações e políticas baseado nos dados que levantei em campo. Também apresentando a análise do desenvolvimento vivido e do desenvolvimento idealizado;

Chegando ao capítulo 5 onde apresento as conclusões sobre o desenvolvimento do trabalho, dos objetivos propostos e dos questionamentos levantados.

2. Teoria e território

2.1 Desenvolvimento

2.1.1 Panorama sobre a polissemia e transdisciplinaridade de um conceito.

A definição do significado do conceito desenvolvimento depende dos valores historicamente construídos de cada sociedade, embora conserve em seu cerne a conquista de padrões de vida mais elevados, acessíveis à maioria da população (VIEIRA & SANTOS, 2012. p. 347-348).

Conforme discutido por Santos et. al. (2012), é preciso em primeiro lugar avaliar a etimológica da palavra "desenvolvimento" (Figura 1).

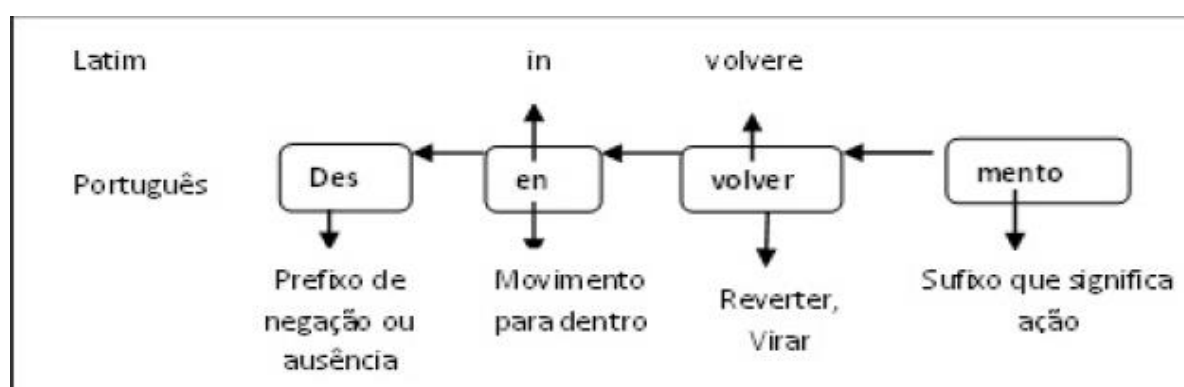


Figura 1 - Etimologia da palavra Desenvolvimento

Segundo os autores, com a junção dos fragmentos da palavra é possível atribuir o sentido de “sem movimento para reverter a ação” ou ainda “sem envolvimento”. Isso nos remete a uma conclusão de que é preciso algo para gerar o movimento e/ou envolvimento” (SANTOS et. al., 2012, p. 46) e aquelas sociedades consideradas desenvolvidas possuíam ou eram capazes de produzir seus próprios movimentos para o alcance de seu bem-estar.

Assim, desenvolvimento adquiriu o significado de autoconhecimento com o fim de implantar ações, nas quais pressupunha-se a existência da motivação dos participantes, com a finalidade de pôr em movimento um processo de mudança que faça “evoluir” a sociedade para um estado superior (SANTOS et. al., 2012, p. 46).

E como Abbagnano (2007 apud RECH; BRUMES, s/d.) também se refere, como um movimento em direção ao melhor. Mas a construção da noção de “desenvolvimento” está arraigada no seio de uma sociedade já calcada sob os

paradigmas cientificistas da Modernidade, chegando a ser entendido como um processo de materialização da própria modernidade (MALUF, 2000).

Pensar na história do desenvolvimento é reconhecer que se trata de um conceito historicamente situado e culturalmente realizado, isto é, para falar de desenvolvimento é preciso atribuir-lhe uma temporalidade e uma estrutura social (SANTOS; CARNIELLO, 2014). “É preciso mergulhar no concreto e no histórico para captar e apreender as manifestações concretas dos fenômenos relativos ao processo de desenvolvimento capitalista em cada situação” pois não existe uma teoria do desenvolvimento pronta e acabada (BRANDÃO apud RECH; VBRUME, s/d., p.11).

Mas afirmar isso, é ainda pouco diante da grande e variada produção daqueles que se debruçam a estudar o “desenvolvimento”, pois sua construção demanda compreensão mais ampla da vida econômica, política, social e cultural da sociedade, o que exige outro olhar, outro sentido, outros valores (SANTOS et. al., 2012).

O “desenvolvimento” que contribuirá com a análise aqui proposta é trabalhado como constructo das ciências sociais que olha para fragmentos do desenvolvimento humano, social e territorial das comunidades, onde cada um deles trará reflexões sobre a qualidade de vida, a cultura e a dinâmica territorial. A posteriori serão apresentadas algumas acepções de desenvolvimento a fim de favorecer a leitura do desenvolvimento vivido e pretendido nas comunidades.

A noção de desenvolvimento começa a ser pensada no século XVIII vinculada diretamente à questão econômica e mercantil das sociedades, aquilo que Svampa (2016) chama de mitologia do crescimento econômico, pois apenas os aspectos positivos do sistema econômico são evidenciados: quanto maior o progresso na produção, consumo e crescimento econômico de um país, mais desenvolvido este seria.

Svampa faz uma crítica a abordagem do desenvolvimento sob a ótica do pensamento liberal e as teorias da economia clássica, nas quais o desenvolvimento é pensado e proposto como modelo universal com etapas lineares a serem percorridas pelas nações consideradas ainda não desenvolvidas, a fim de chegarem mais rapidamente ao desenvolvimento já alcançado pelas nações que serviram de modelo (SILVA, 2011).

O desenvolvimento era entendido como um processo ainda não percorrido pelas nações atrasadas, a vista de pensadores como Adam Smith, com a obra “A riqueza das nações”, onde identifica causas e natureza de enriquecimento das nações, assim servindo de molde aquelas que desejavam enriquecer. E David Ricardo, que propunha uma divisão internacional do trabalho, onde cada país dedicaria sua produção econômica associada aos recursos disponíveis em seus territórios, o que implicaria em certa disparidade entre países com matrizes exportadoras diferentes.

Essa visão de desenvolvimento social como resultado de uma sociedade economicamente desenvolvida e com baixa intervenção estatal persiste até o início do século XX apesar de diversas nações ainda não terem conseguido enriquecer com o modelo liberal. Como Hobsbawm (1995) indica, o fim do século XIX estende-se cronologicamente até um período de grande instabilidade para as sociedades capitalistas. E são essas crises que criam um ambiente favorável à primeira mudança de perspectiva sobre o desenvolvimento.

Em meio a duas grandes guerras; uma crise de superprodução conhecida como “a grande depressão” com repercussões globais como a queima de toneladas de café no Brasil, principal produto de exportação (1929); e a ascensão de um outro regime político econômico e social pela URSS em 1917, evidencia-se que a correlação simplista entre enriquecimento, progresso e desenvolvimento social não resulta obrigatoriamente em um nível mais elevado na linha do “sucesso” entre as nações (BIELSCHOWSKY, 1991).

Como dito anteriormente, o modelo econômico liberal que tinha em sua concepção clássica uma pequena intervenção do Estado nas questões do mercado, passa a dar lugar a um Estado cada vez mais presente na economia, nas políticas de assistência social e mesmo na esfera privada da vida dos cidadãos de suas nações, culminando em alguns lugares, principalmente na América Latina, em governos autoritários cívico-militares.

A fase dos Estados desenvolvimentistas ou do desenvolvimentismo, tem por base os princípios de bem-estar social assegurados pelo Estado e tiveram como base intelectual as propostas do norte-americano John Keynes. Em meio à crise do mercado, e a dificuldade em dar respostas às mazelas sociais, a teoria Keynesiana afirma que devido ao fator subjetivo que perpassa as negociações financeiras, era necessário que o Estado fizesse intervenções na economia nacional, como o

protecionismo de suas commodities e regulação de inflação; além de assegurar a sua população características básicas de dignidade humana como saúde, educação e renda mínima.

No correr das décadas de 1930 e 1940, o cenário global que estava se reorganizando e passa a ver ascender Estados fortes, interventores econômicos e sociais: na Europa surgem os movimentos totalitaristas que culminam na segunda Guerra Mundial; nos EUA, Roosevelt implementa o New Deal e promove sua guinada industrial e de exportação; na URSS inicia-se uma industrialização pesada com os planos quinquenais; no Brasil inicia-se a Era Vargas com todas as suas nuances políticas, ora alinhadas ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão) ora alinhadas aos Aliados (França, Inglaterra, EUA) (BIELSCHOWSKY, 1991).

Essa contextualização histórica ajuda em uma compreensão mais profunda do desenvolvimento fundamentada na sua problematização temporal e corroborando para a superação de referenciais estabelecidos no senso comum (SANTOS; CARNIELLO, 2014). Assim, entende-se que a ideia atribuída ao conceito de geração de desenvolvimento sai da mão invisível do mercado e passa a estar nas grandes mãos dos Estados-Nações dando início na década de 1950 a era desenvolvimentista (SILVA, 2011).

Quer promovido por liberais, quer promovido pelos estadistas, o desenvolvimento continuou sendo vinculado à industrialização, à modernização tecnológica e ao aumento dos valores do Produto Interno Bruto. Os norte-americanos vivem os chamados “Anos dourados”; a Europa se recupera dos impactos no território através de financiamentos pelo Plano Marshall e dá os primeiros passos para uma organização em bloco; A URSS com sua economia planificada rivaliza com os EUA a hegemonia global; e o Brasil com Vargas e J.K. tem o “desenvolvimento” como palavra de ordem, deixando suas características rurais e aproximando-se do urbano-industrial, visando a formação de um consumo de massa (BIELSCHOWSKY, 1991).

Em 1970, Walt Whitman Rostow publica o livro “Etapas do Desenvolvimento Econômico: um manifesto não comunista” em resposta às críticas feitas pelos pensadores da União Soviética. Em seus escritos Rostow reafirma a linearidade etapista do processo de desenvolvimento econômico dividindo-o em: fase 1 - sociedade tradicional; fase 2 - pré-condições para o arranco; fase 3 - o arranco; fase 4 - marcha para a maturidade; fase 5 - era do consumo em massa.

A despeito das críticas e das transformações de sentido do “desenvolvimento”, a leitura deste autor, ainda que não seja replicável como modelo para todas as nações, pode demonstrar uma possibilidade dos muitos desdobramentos que esta visão de desenvolvimento pode gerar para determinado segmento da sociedade.

No ano em que Rostow publicou seus escritos a respeito das etapas que uma sociedade deveria percorrer para deixar de ser considerada tradicional e chegar ao ápice do desenvolvimento como uma sociedade de consumo, no Brasil vivia-se um dito “milagre” econômico marcado pelo crescimento do PIB, deflação, e superávit no balanço de pagamentos do país. Tais resultados foram alcançados pela expansão do comércio e dos fluxos financeiros internacionais; aumento dos gastos públicos em infraestrutura; e incentivo a empresas privadas e multinacionais a consolidarem parques industriais no Brasil.

Desta forma o país entra em uma fase de crescimento econômico, transacionando suas matrizes de exportação e importação; dinamizando ainda mais os centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo; e conectando-se cada vez mais a cultura Norte-americana; agora o Brasil, supostamente, segue mais uma vez rumo ao progresso. Entretanto, como denunciado pela crítica marxista, esse modelo de desenvolvimento é excludente e reforça a concentração de renda dos já ricos, deixando boa parte da população à margem das benesses desenvolvimentistas.

Como afirma Furtado (1983), os produtos que formaram uma massa de consumidores em países com histórico acúmulo de capital, quando chegaram a países sem o mesmo perfil socioeconômico, ou seja, países com uma população predominantemente de pobres, contribuíram para ampliação e distanciamento das camadas sociais fazendo com que uma pequena parcela da população pudesse consumi-los transformando-os em artigos de luxo para a época. Cabe ainda ressaltar que essa “pobreza” de certos países promoveu a retomada de estudos sobre o subdesenvolvimento a partir da década de 1950.

A relação desenvolvimento/subdesenvolvimento ganha vulto teórico junto aos estudos de Raul Prebisch, que discorreram sobre as relações centro-periferia e as observou nas relações econômicas entre as nações centrais (desenvolvidas com a exportação de manufaturas) e as nações periféricas (subdesenvolvidas pelo desequilíbrio na valoração dos produtos primários exportados). Reforçando a ideia

de dependência estrutural entre nações desenvolvidas e subdesenvolvidas, ou mesmo em desenvolvimento (COUTO, 2007).

Os estudos de Prebisch ganham notoriedade quando ele entra para a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), instituição fundada em 1948 pelas Nações Unidas com foco no desenvolvimento econômico e cooperação regional. Através de um método histórico-estrutural de análise das relações econômicas identifica que

As instituições e a estrutura produtiva herdadas condicionam a dinâmica econômica dos países em desenvolvimento e geram comportamentos que são diferentes do comportamento das nações mais desenvolvidas. Neste método não há "estágios de desenvolvimento" uniformes. O "desenvolvimento tardio" de nossos países têm uma dinâmica diferente das nações que experimentaram um desenvolvimento mais precoce (CEPAL, 2020).

Uma distinção entre estas nações é que o desenvolvimento esperado pela industrialização foi promovido por capital privado sob regime liberal, e nos países tardiamente industrializados contaram com os investimentos de Estado para tal feito, mas que ainda assim não foram suficientes para equiparar os “estágios de desenvolvimento”. Assim, começam a ser incentivadas novas visões a respeito do que é e como deve ser mensurado o desenvolvimento.

Desta forma, as décadas de 1950 e 1960 são marcadas na história geral da humanidade como um tempo de grandes transformações. A CEPAL as identifica como a década da industrialização e como a década de reformas para a desobstrução da industrialização, respectivamente. Mas esse processo de desenvolvimento econômico financiado pelo Estado não se sustenta financeiramente e passa a onerar os cofres públicos caindo em descrédito e dando lugar a uma nova visão econômica do desenvolvimento alinhada ao neoliberalismo.

A década de 1970 chega com mudanças paradigmáticas promovendo a ascensão de visões sobre a mensuração do desenvolvimento para além do acúmulo de riqueza das nações e do incremento industrial. Os movimentos ambientalistas lideram a crítica ativa ao modelo de desenvolvimento capitalista; e instituições não governamentais⁴ despontam em meio à sociedade civil para realizarem o que os

⁴ É interessante notar que o surgimento da sociedade civil como ator político é concomitante à ascensão dos ideais neoliberais, que afastam o Estado das demandas sociais permitindo que as mais diferentes organizações civis ocupem tal espaço de atuação.

Estados se ausentavam de fazer e rivalizavam com os grandes projetos de desenvolvimento de caráter economicista.

A análise cepalina sintetiza que os anos de 1970 serviram a uma reorientação dos "estilos" de desenvolvimento para a homogeneização social e a diversificação pró-exportadora; os anos de 1980 para a superação do problema do endividamento externo mediante o "ajuste com crescimento"; e na década de 1990, observou-se uma transformação produtiva com busca de equidade⁵. Pode-se dizer que é na efervescência dessas últimas três décadas do século XX que surgem novas visões de desenvolvimento, no sentido de refletir sobre: qual desenvolvimento as políticas públicas dizem respeito? Buscam alcançar a quem? E como deve ser realizado, se é que seja possível pensar em um modelo universal?

Com a chegada do novo milênio e a disseminação da terceira revolução técnico-informacional por “todo o globo” cria-se uma falsa ideia de conexão entre as nações - alinhadas ao pensamento hegemônico ocidentalizado, mais especificamente (norte) americanizado - e um renovo de esperança no velho modelo de desenvolvimento que outrora poderia ter falhado por limites tecnológicos. Daí a importância de conhecer a história, pois esta não seria a primeira vez que uma revolução das técnicas seria proposta como suficiente para trazer qualidade de vida aos povos ainda à margem do desenvolvimento esperado há quase um século.

Se por um lado a tecnologia foi usada como sobrevida de um modelo de desenvolvimento já destinado a não servir ao suposto desenvolvimento global - ainda que em análises quantitativas do PNUD os índices demonstrem um aumento percentual acumulado até o ano de 2020, quando ocorreu um grave decréscimo devido a pandemia pelo coronavírus. - Por outro lado, o mundo ainda tão heterogêneo, para mal ou para bem, também passou a ser conectado.

Não mais ilhas isoladas de resistência contra hegemônica; não mais uma única forma de pensamento crítico ao desenvolvimento capitalista, mas uma diversidade de encontros e de modos de vida, de possibilidades de saber-fazer alternativos ao que por tanto tempo foi apresentado como único caminho possível para a humanidade, isto é, a saída de uma sociedade tradicional para uma sociedade

⁵ História da CEPAL - em <https://www.cepal.org/pt-br/historia-de-la-cepal>

de consumidores. Essas “ilhas de tradição” agora se articulam e formam um arquipélago de alternância, ora mais banhados pela maré da modernidade, ora mais “enxutos” dessas águas.

2.1.2 Para além do único desenvolvimento: progresso, sustentabilidade, pós-desenvolvimento e mais o que?

“Desenvolvimento”, esta é a palavra que tem sido apresentada à humanidade em forma de panaceia universal desde que começamos a nos deparar com problemas de qualidade de vida e bem-estar dos povos humanos. É como se a palavra ganhasse poderes mágicos e passasse a ser capaz de atender aos mais diferentes motes discursivos de distintas ideologias (SILVA, 2016, p. 171). Esta seção visa apresentar características de propostas de desenvolvimento que permeiam algumas destas distintas formas (por vezes, nem tanto) de idealizar e viver o desenvolvimento.

A primeira forma de desenvolvimento a ser apresentada será a que o tem por sinônimo de progresso técnico-industrial e crescimento econômico. Esta forma de desenvolvimento é a mais corriqueira em discursos político-institucionais e também nas esferas da vida cotidiana, submetendo os diversos modos de vida dispersos pelo globo a uma lógica modernizante, que pela sedução, cooptação e sujeição subjugou como atrasado e inferior tudo aquilo que não trabalhava em favor da manutenção e dispersão planetária da modernidade capitalista ocidental.

A segunda forma de desenvolvimento surge a partir das críticas ao modelo desenvolvimentista técnico-industrial no pós segunda guerra mundial, onde o mundo viu-se confrontado com os resultados do uso deste desenvolvimento: bombas atômicas; produtos químicos para defender lavouras, mas que silenciavam a fauna dos campos⁶; o aumento da produção de alimentos não diminuiu a fome no mundo; a constante degradação da natureza. Estes foram alguns acontecimentos que deram abertura para a construção da noção de desenvolvimento socialmente justo, ambientalmente equilibrado e economicamente viável, e que posteriormente viria a ser chamado, sinteticamente, por desenvolvimento sustentável.

⁶ Ver obra de Rachel Carson (1962), “Silent Spring”.

A corrente de pensadores do pós-desenvolvimento é dividida entre os que são críticos radicais ao desenvolvimento, relacionando-o diretamente ao modelo economicista e considerando que a própria noção de desenvolvimento deve ser combatida por ter sido pautada pela sociedade moderna capitalista ocidental. Dando lugar a movimentos que se colocam contra o crescimento⁷. E aqueles que entendem o pós-desenvolvimento como uma nova forma de viver e tem se propagado após a crise do Desenvolvimento, a qual também se baseia em uma crítica a redução do desenvolvimento ao viés econômico, mas foca sua argumentação em um desenvolvimento para além de um modelo a ser seguido, prezando pela autonomia dos povos sobre seus territórios e projetos de sociedade.

Assim, essa breve explanação sobre estes tipos de desenvolvimento não pretende esgotar o debate teórico acerca da noção polissêmica do(s) desenvolvimento(s), mas pretende contribuir nas reflexões sobre: qual desenvolvimento está se falando? Quais são os seus benefícios e mazelas? E quais são os sujeitos e territórios que recebem/interagem com cada uma destas características?

Crescimento econômico e Progresso, uma visão incompleta do Desenvolvimento.

A noção de desenvolvimento como força de transformação da sociedade começa a ser pensada no século XVIII vinculada diretamente à questão econômica e mercantil das sociedades. Svampa (2016, p.139) sustenta que o paradigma do desenvolvimento se apoiou na mitologia do crescimento econômico, onde o sistema econômico com seu carrossel de produção, consumo e crescimento seriam suficientes para enriquecer uma nação para depois distribuir a riqueza por seu território em forma de infraestrutura urbana, industrial e tecnológica, chegando ao mais alto nível do desenvolvimento.

Este mito encontrou base de sustentação nas teorias da economia clássica e nos fundamentos do pensamento liberal. De Adam Smith a Donald Trump⁸, o

⁷ Degrowth Movement

⁸ Adam Smith (1723-1790) foi consagrado pai da economia liberal ao publicar sua obra “A riqueza das nações: uma investigação sobre a natureza e as causas das riquezas das nações” (1776); Donald Trump, presidente dos Estados Unidos da América durante o mandato de 2016 a 2020.

crescimento e enriquecimento da nação via progresso técnico-industrial foi sustentado como discurso sinônimo de desenvolvimento. É interessante observar que esta linha do tempo foi perpassada por pensadores liberais e críticos ao liberalismo, por políticos que trabalharam com um Estado mínimo e também com o Estado Grande. O Desenvolvimento, sem ser questionado, chega trazendo indústrias, empregos, renda, luz elétrica, internet, asfalto, inserção no mercado de consumo e a ideia de melhoria da qualidade de vida e bem-estar. Ao menos, este é o discurso que se observa nas mais variadas realidades.

O que os propagadores deste modelo de desenvolvimento não reverberam com a mesma veemência é que por estar pautado em um modelo de acumulação capitalista ele é intrinsecamente desigual para as diferentes classe sociais que dele participam; por estar pautado em uma divisão internacional do trabalho é geograficamente desigual; por estar pautado em um modelo de racionalidade que se pretende hegemônica é culturalmente desigual (SMITH, 1988; LOWY, s/d; HARVEY, 2006; CRUZ, 2020; HAESBAERT, 2007). Isto é, se alguns são beneficiados com aquele pacote de progresso, a que custo material e imaterial isso tem sido realizado? E como tem sido arbitrado sobre quem merecerá vantagens e quem ficará com o ônus do progresso?

O trabalho de Junior, Oliveira e Costa (2014) explana esta dialética entre desenvolvimento - subdesenvolvimento (ou áreas a serem desenvolvidas), evidenciando as distintas lógicas de apropriação do território, onde existe “por um lado, a lógica territorial dos grupos sociais atingidos e, por outro lado, a lógica daqueles que gerenciam os projetos de desenvolvimento” (JUNIOR, OLIVEIRA, COSTA, 2014, p.11). Este não é um caso exclusivo, pois esta lógica é condição de existência do sistema capitalista. Conforme este se globaliza, as características do modelo de desenvolvimento por ele propostas se dispersam e multiplicam disputando territórios e territorialidades.

Após a noção do desenvolvimento ter sido enviesada ao economicismo, o desenvolvimento na prática deu lugar a uma multiplicidade de conflitos de interesses político-sociais e produziu uma extensa família de categorias (por um lado: desenvolvimento, subdesenvolvimento, modernização, marginalidade, participação; por outro imperialismo, dependência, marginalização e revolução)

que se desdobraram junto aos movimentos da sociedade que, de fato, foram improdutivos quanto a redistribuição de poderes ou que realizaram transformações relativamente importantes, mas inacabadas.

En otros términos, esos cambios no llevaron al “desarrollo”. De otro modo no podría entenderse por qué el término reaparece siempre, ahora por ejemplo, como fantasma de un inconcluso pasado (QUIJANO, 2014, p. 849).

Como esclarece Castoriadis (1987, p. 139 - 165), ter o progresso, a expansão e o crescimento como sinônimos de desenvolvimento trata-se de ficção de uma economia “racional” e ilusão na onipotência das técnicas modernas sendo necessária a destruição desse mito para que haja a possibilidade de reconstrução da sociedade humana em crise. “Os homens reagirão de uma forma ou de outra e tentarão estabelecer novas formas de vida social que façam sentido para eles” (CASTORIADIS, 1987, p.163).

O ambientalismo e as noções de Desenvolvimento sustentável

Os pensamentos de Castoriadis são fruto de uma sociedade em crise(s). Após dois séculos da primeira revolução industrial, do “enriquecimento das nações” de Smith; quase um século depois de Schumpeter ter estabelecido uma teoria do desenvolvimento econômico; 50 anos depois do New Deal, Keynes, Marshall ... ou ainda na década de 1970 “As etapas do desenvolvimento econômico” de WW Rostow, a humanidade continuava a conviver com a fome, a miséria, e agora contava com os agravos da indústria química e bélica, além dos já evidentes danos à natureza causados pelo modo de desenvolvimento da sociedade urbano-industrial capitalista.

A afirmação de Porto-Gonçalves (2004, p. 24) como crítica a este modelo de desenvolvimento é acertada, ele diz que: “Desenvolvimento é o nome síntese da ideia de dominação da natureza. Afinal, ser desenvolvido é ser urbano, é ser industrializado, enfim, é ser tudo aquilo que nos afaste da natureza e que nos coloque diante de constructos humanos, como a cidade, como a indústria.” E foi essa noção de desenvolvimento que foi criticada pelos movimentos ambientalistas a partir do final da década de 1960, e com apoio de organizações internacionais, conferências e tratados começaram a ser feitos em prol de um outro desenvolvimento.

Em 1972 o Clube de Roma escreveu o relatório “Limites do crescimento econômico”; no mesmo ano a Organização das Nações Unidas (ONU) reuniu chefes de 113 nações para a Conferência das Nações sobre o Ambiente Humano, em Estocolmo, de onde originou-se o primeiro documento internacional que visa o direito fundamental da presente e futuras gerações a vida em um ambiente sadio e não degradado. Em 1987, o relatório Brundtland reitera a necessidade de mudança nos modos de produção que estavam exaurindo os recursos naturais e colocando em risco a manutenção da vida humana no planeta. Seguiram-se ainda a Rio 92 com a criação da Agenda 21, a Rio+20 marcada pela “economia verde” e em 2015 a ONU firmou um Pacto Global com 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que devem ser alcançados até o ano de 2030.

Há ainda outros relatórios e conferências relevantes para o estabelecimento dos novos parâmetros de desenvolvimento que poderiam ser citados, mas mais produtivo será passar a caracterização desse novo desenvolvimento associado às ciências ambientais e evitar que este também se desdobre em uma nova panaceia.

To move beyond panaceas and build a solid field of sustainability science, one needs to build on the work of scholars who have undertaken careful, well documented, and theoretically sound studies of ecological systems, socioeconomic systems, and linked Socioecological systems (OSTROM, 2007, p.181).

As reflexões de Hardin Garret em “A tragédia dos comuns” tomam emprestado o título de escritos de 1833 do matemático Lloyd, que já vislumbrava problemas nas relações entre recursos disponíveis e crescimento populacional. Hardin (1968) avança ao considerar que a premissa de Smith (1734) estava equivocada e que as liberdades individuais tenderiam ao sobre uso dos espaços e recursos comuns, levando a sociedade à ruína. Hardin aponta duas soluções para evitar a tragédia dos comuns: privatizar recursos ou torná-los bens públicos do Estado com acesso e uso concedidos.

Apesar de criticável (FEENY; et. al., 2001), as propostas de Hardin foram abraçadas por empresas e governos. O ecologismo ou ambientalismo começa a tomar forma e ações práticas para reagir aos danos do crescimento econômico e subdivide-se em três vertentes de ação: a ecologia profunda ou culto ao silvestre; a ecoeficiência; e o ecologismo dos pobres. Cada uma destas estabelecerá relações

distintas com o mercado e o desenvolvimento pautado no progresso econômico (ALIER, 2007, p.21 - 39).

A ecologia profunda ou culto ao silvestre também recebe um terceiro nome ao qual é mais corriqueiro, o Conservacionismo. Seja como for chamado, esse ramo do ambientalismo tem suas ações pautadas na defesa de uma natureza intocada, o cercamento de refúgios da vida silvestre com beleza cênica para fins de contemplação, elevando o natural ao nível de sacro. A principal aposta política desta corrente é a criação de áreas protegidas das intervenções humanas, como zonas de retaguarda frente ao avanço do capitalismo, sendo possível visitá-las, mas jamais habitá-las (ALIER, op. cit.).

Entretanto, esta lógica de separação espacial entre o mundo Humano e o mundo Natural apoia-se em mais um mito, “o mito da natureza intocada”, o qual Diegues (1996) demonstrou só ser possível pela dizimação dos povos originários do Oeste norte-americano, somente após o esvaziamento populacional é que foi possível o estabelecimento dos Parques Nacionais americanos. E este modelo de Parques Nacionais foi exportado para as mais diferentes nações e seus mais diferentes históricos de ocupação, culminando muitas vezes em inadequações e conflitos entre o modelo importado e a realidade socioespacial que o receberia.

Tendo por principal política uma ação baseada na filosofia moderna de separação entre sociedade e natureza, a proposta de renovação para o modelo de desenvolvimento apresentada por conservacionistas mostra-se limitada e “não ataca o crescimento econômico enquanto tal” (ALIER, 2007, p. 21). O caminho mais factível, tem se mostrado pela rejeição desta lógica moderna ocidentalizada de separação e considera que é necessária uma nova forma de perceber e pensar a relação entre sociedade e natureza, quiçá, negando a própria condição de modernos, como expôs Latour (1994).

O segundo ramo do ambientalismo é o denominado Ecoeficiência, que acredita no desenvolvimento sustentável, na modernização ecológica e na boa utilização dos recursos naturais, pois, apesar de muitas vezes defender o crescimento econômico, entende que este não pode ocorrer a qualquer custo. Atenta para os impactos da produção de bens, desde a extração do recurso natural até o

descarte do bem consumido, focando em um manejo sustentável (ALIER, 2007, p. 26 -27).

Pode-se dizer que o conceito de ecodesenvolvimento de Ignacy Sachs foi, ao menos inicialmente, fundamental para a sustentação desta linha de ação, pois em sua visão: “os objetivos do desenvolvimento são sempre sociais, há uma condicionalidade ambiental que é preciso respeitar, e finalmente, para que as coisas avancem, é preciso que as soluções pensadas sejam economicamente viáveis” (SACHS, 2009, p. 232).

As propostas de Sachs, a partir do entendimento de insustentabilidade do modelo de desenvolvimento vivido, deram lugar a noção de desenvolvimento sustentável, tido como ideia-força que instiga um

desenvolvimento qualificado que envolve a possibilidade de crescimento sem que se comprometa a capacidade de suporte dos ecossistemas, sendo garantido também o sentido de existência social e de demais espécies do planeta, em uma perspectiva de longo prazo (LOUREIRO apud IRVING, 2014, p.25).

Conforme Tavares e Irving (2013) chamam atenção, a noção de sustentabilidade é polissêmica, tensionada, inacabada e, por vezes, pode operar de forma contraditória, valorando a natureza, servindo ao mercado e girando a velha engrenagem do consumo, mas desta vez, um consumo verde. Essa contradição da ecoeficiência é confirmada por Loureiro, Barbosa, Zborowski, (2009) e afirmam também que ecoeficiência e conservacionismo se complementam e funcionam “sem a preocupação em alterar a estrutura do sistema político econômico hegemônico” (p.82).

O terceiro ramo do ambientalismo é o da justiça ambiental ou ecologismo dos pobres, o qual identifica que os impactos ambientais afetam desigualmente diferentes classes sociais ou grupos culturais distintos, e que os grupos humanos mais impactados são aqueles que mais dependem da manutenção do equilíbrio ambiental para subsistirem. Neste sentido, a agroecologia e estudos da Etnobiologia promovidos por uma ciência participativa e a identificação e assistência das populações vulnerabilizadas pelos impactos socioambientais são práticas que se associam na busca por transformação (ALIER, op. cit.).

A corrente da justiça ambiental busca denunciar as contradições e dinâmica do modelo de desenvolvimento hegemônico, reconhecendo que isto é “condição básica para a compreensão da complexidade do campo ambiental e, mais do que isso, para a materialização de alternativas democráticas, igualitárias e populares que apontem para a sustentabilidade da vida planetária” (Loureiro, Barbosa, Zborowski, 2009, p. 116).

Estes são os três ramos de movimentos ecológicos que surgiram como resposta ao modelo de desenvolvimento vivido pela sociedade urbano-industrial capitalista, tendo a década de 1970 como pontapé inicial. Como viu-se, cada uma delas ainda foi subdividida em diferentes especificações que poderiam chegar a ser contraditórias.

Junto ao movimento ambientalista e às ações que buscavam uma transformação do (in)sustentável, movimentos sociais que buscavam zerar o crescimento populacional, também aqueles que entendiam o desenvolvimento a partir de uma outra ótica, lançaram-se como outras alternativas ao modelo de desenvolvimento hegemônico.

E depois do desenvolvimento?

Como dito anteriormente, movimentos com propostas de ações mais radicais do que harmonizar economia, meio-ambiente e justiça social também surgiram para se opor ao modelo de desenvolvimento vivido por capitalistas e por socialistas - o que, de certo modo, assemelha-se a “3ª margem” de Ignacy Sachs - mas tem por objetivo maior, não a construção de um desenvolvimento alternativo, mas alternativas ao desenvolvimento (FREITAS, CRUZ, RADOMSKI, 2016).

Dois movimentos conhecidos são o “Zero Population Growth” e o “Degrowth”. O primeiro tem por base a concordância com a teoria populacional de Thomas Malthus, e tem por missão conscientizar as pessoas sobre o perigo de uma superpopulação planetária e os limitados recursos naturais. Na década de 1970 a mensagem era clara “tenha apenas dois filhos”, atualmente reconhecem e entendem

que o fator populacional envolve uma complexidade maior de questões do que o simples quantitativo de filhos⁹.

O “Degrowth”, propõe que assim como o movimento natural de um rio, que após o extravasamento de suas margens decresce ao seu volume normal, assim a humanidade deve buscar o seu decrescimento pela redução drástica de sua produção material global e redistribuição radical do que já fora produzido, somado a uma mudança de valores em direção ao cuidado, a solidariedade e a autonomia¹⁰.

Além destes movimentos do norte global, pensadores e comunidades do sul também têm apresentado modos de viver que estão para além de qualquer modelo de desenvolvimento, o “Hind Swaraj” indiano, o “Umbuntu” africano do Malawe, o “Zapatismo” mexicano, ou o “Sumak Kawsay/Buen-vivir” dos povos originários do Pacífico Sul. Observa-se que a distinção entre norte e sul globais também perpassam o debate do desenvolvimento, onde o Norte trata dos países desenvolvidos segundo a lógica da modernidade e da colonialidade, e o Sul, refere-se aos países subalternizados pelos colonizadores do Norte e necessitados de desenvolvimento.

Mas a corrente de pensamento decolonial vem para mostrar através do pós-desenvolvimento, que o “sul” não é naturalmente subalterno e carente de uma recolonização modernizante e desenvolvimentista. Ao contrário, ainda que não se pretenda como modelo para replicação em qualquer outra realidade socioespacial além da qual fora criada, estes movimentos por autonomia territorial e qualidade de vida têm mostrado concretamente como é possível viver sem o desejado Desenvolvimento (nos termos já apresentados).

Los activistas y las comunidades mismas no sólo han reclamado su derecho como productores de conocimientos (junto con los expertos convencionales, ya sea en oposición a éstos o bien hibridizando los conocimientos expertos y los locales), sino que al hacerlo han desarrollado una conceptualización alterna del Pacífico como un “territorio- región” de grupos étnicos que no corresponde a la construcción convencional de un lugar para el desarrollo regional. Además, han elaborado lo que se podría denominar una ecología política alternativa basada en nociones de sostenibilidad, autonomía, diversidad y economías alternativas que no se conforman al discurso dominante del desarrollo (ESCOBAR, 2005, p.21-22).

⁹ Para maiores informações, acesse: <https://www.populationconnection.org/us/30-years-of-zpg/>

¹⁰ Para maiores informações, acesse: <https://www.degrowth.info/en/>

Seriam estes movimentos sociais, a vista de Arturo Escobar (op. cit), manifestações de um pós-desenvolvimento. A conceitualização geral de Escobar acerca deste modo alternativo de viver, se manifesta nos territórios com suas especificidades locais, mas possuem a demanda por autonomia como unidade política. Quijano (2010, p.62) afirma que este novo horizonte de sentido emerge com toda a sua heterogeneidade histórica/estrutural, e por isso é necessariamente uma questão aberta.

Uma das manifestações concretas dessa heterogeneidade é o Sumak Kawsay/Buen Vivir, ao qual está em alguns pontos correlacionados com as demais alternativas apresentadas ao longo deste trabalho, evidenciando suas múltiplas correlações com diferentes esferas da(s) vida(s):

Sumak kawsay es la expresión de una forma ancestral de ser y estar en el mundo. El “buen vivir” expresa, refiere y concuerda con aquellas demandas de “décroissance” de Latouche, de “convivialidad” de Iván Illich, de “ecología profunda” de Arnold Naes. El “buen vivir” también recoge las propuestas de descolonización de Aníbal Quijano, de Boaventura de Souza Santos, de Edgardo Lander, entre otros. El “buen vivir”, es otro de los aportes de los pueblos indígenas del Abya Yala, a los pueblos del mundo, y es parte de su largo camino en la lucha por la descolonización de la vida, de la historia, y del futuro (DÁVALOS, 2010).

Com esta breve explanação sobre o modelo de desenvolvimento hegemônico, a sua crítica pelos movimentos ambientalistas e o apontamento de movimentos que buscam a transformação das condições de vida precarizadas, sem a busca pelo poder, concorda-se com o abandono das análises simplistas do desenvolvimento, olhado sob um único viés, seja econômico, seja ecológico, seja cultural.

A renovação teórica, epistemológica e prática de tal postura para com o objeto de desejo das nações (nem todas, como se viu), o desenvolvimento, ajudará no reconhecimento de outras possibilidades já existentes e na construção, não de novos modelos de desenvolvimento como cura única para toda e qualquer mazela global, mas de espaços em constante movimento de produção em diferentes escalas, nos quais o principal produto para as suas populações seja a esperança.

2.2 Paisagem

O segundo conceito que passarei a expor agora, me ajudará a compor a análise sobre o objeto de estudo. A paisagem continua a ser um conceito-chave para a ciência geográfica, posto que há mais de duas décadas o debate sobre a sua polivocalidade não se encerra e possui alguns avanços quanto à clivagem que existia entre a paisagem exclusivamente percebida ou a paisagem concretamente vista. (MACIEL; BARBOSA, 2021).

Autores como Augustin Berque e Jean Marc Besse demonstram como é possível extrapolar a lógica do "só interpretado" ou do "só visto". Para isso, Berque recorre a ontologia do conceito identificando que seu nascimento é situado espacial e historicamente: trata-se de um conceito pensado por intelectuais modernos da Europa, que estão pensando a partir de suas próprias vivências. Todavia, em seus estudos sobre as culturas orientais, Berque identificou que existia uma noção de paisagem que antecede essa conceituação moderna.

A principal diferença entre as noções de paisagem surgidas na China e na Europa é que, na China, o desenvolvimento de um pensamento sobre paisagem não tem origem em uma ruptura entre o homem e o meio, nem é separada de aspectos religiosos. Já a noção de paisagem que se desenvolveu na Europa, provém de um distanciamento e de uma certa ruptura com a natureza, base da modernidade ocidental e fundamental para a existência de seu desenvolvimento científico (MARIA, 2010, p.29).

Assim, a abordagem que Berque traz para pensar a paisagem, irá além da contemplação estética, mas trará o sujeito-coletivo que está na paisagem para ser analisado dialeticamente com o meio que habita. O ecúmeno é sua área de estudo, a cultura dos grupos humanos é o instrumental simbólico e material que marcará esse ambiente e será reciprocamente possibilitada por este.

Por concordar com a afirmação de Barbosa sobre os estudos da paisagem, foi que escolhi a abordagem de Berque, o qual demonstra ser um instrumental teórico adequado para compreender a dinâmica da paisagem em Trindade.

achamos necessário e possível aproximar a abordagem cultural de Berque da análise dos sentidos e valores que os sujeitos utilizam para modificar seus espaços, bem como dos pensamentos, imaginários e discursos da paisagem mobilizados na ação política de grupos sociais em suas reivindicações por direitos e engajamento de uma cidadania insurgente (BARBOSA, 2016, p. 9)

A seguir, explanarei mais detalhadamente a trajetória do conceito de paisagem cultural e como esta possibilitará a análise do desenvolvimento na Comunidade Tradicional Caiçara de Trindade.

2.2.1 Paisagem cultural

A paisagem cultural é um conceito trabalhado de longa data pela Geografia, antes mesmo de ser denominada como tal. No início do século XX, na França, Vidal de La Blache ao apresentar seu conceito de gênero de vida fundamenta os primeiros passos de formulação dessa paisagem cultural.

Mas somente anos mais tarde, sob influência das noções de paisagem discutidas no âmbito da geografia alemã como “a visão geográfica da economia de grupo, como se sustenta com comida, abrigo, mobiliário, ferramentas e transporte”, é que Carl Sauer, nos Estados Unidos, vem firmar a noção como sendo as marcas que as sociedades humanas deixam na paisagem natural.

Essas paisagens podem ser estudadas a fim de uma comparação regional (entre áreas) e/ou histórica (entre tempos) e possibilita uma forma estritamente geográfica de pensar a cultura dos grupamentos humanos (NAME, 2010). Essa “cultura”, ainda que possa ser interpretada sob diferentes teorias sempre implicará em uma marca na paisagem, seja como materialização de um modo de pensar e ser no meio, seja como construção (ou escolha por não construção) objetiva de instrumentos e aparatos concernentes àquele modo de vida (STRACHULSKI, 2015).

Varagnac (1949) afirma que a noção de gênero de vida está intimamente associada às civilizações tradicionais, dado o caráter mais estável ou de mudanças menos abruptas que estas vivenciam em seu cotidiano. Essa mesma característica pode ser identificada nas comunidades tradicionais rurais brasileiras. E para uma compreensão mais apropriada da cultura dessas comunidades é necessária uma leitura que não dissocie o natural do social (DIEGUES apud STRACHULSKI, 2015).

Para fazer uma leitura adequada da paisagem que estas sociedades habitam, é necessário considerar uma imbricação entre o meio biofísico local e a capacidade da cultura local em se adaptar a tais condições. Tais considerações nos levam a olhar, então, para o gênero de vida destas sociedades, para em sequência podermos

compreender a paisagem cultural, como produto das interações homem - meio, sociedade - natureza.

O gênero de vida foi um conceito elaborado por Paul Vidal de La Blache, apresentava-se como uma alternativa ao viés mais deterministas que a Geografia vinha percorrendo. Nesse sentido, Gomes (2003) entende que La Blache deslocou o homem de mais um elemento do sistema para “O” elemento, sendo capaz através de sua intencionalidade de modificar o meio que o cerca com os recursos disponíveis nesse próprio meio. Desta forma, os diferentes meios e recursos disponíveis possibilitariam as semelhanças e diferenças entre os gêneros de vida. O próprio La Blache apresenta-o como:

Um gênero de vida constituído implica em uma ação metódica e contínua, que age fortemente sobre a natureza ou, para falar como geógrafo, sobre a fisionomia das áreas. Sem dúvida, a ação do homem se faz sentir sobre seu meio desde o dia em que sua mão se armou de um instrumento; pode-se dizer que, desde os primórdios das civilizações, essa ação não foi negligenciável (BLACHE, 1911, p.1).

Varagnac (1949) afirma que Vidal demonstrou como os gêneros de vida não são apenas um simples conjunto de técnicas para dominar a natureza por capricho humano, mas um complexo sociológico que conserva os habitus cimentados pelas gerações. Entretanto, estes não são cristalizáveis, pois, conforme os meios vão sendo modificados os próprios gêneros de vida também se alteram. Certa prática que era necessária para se sobrepor a alguma dificuldade imposta pelo meio, no momento que a dificuldade é suplantada, a prática cessa e deixa sua história escrita na paisagem.

Já em 1911, o próprio La Blache atenta para as transformações “não invisíveis sobre os cultivos, os agrupamentos humanos e a fisionomia das regiões” provocadas pelo desenvolvimento crescente da vida urbana. Maximilian Sorre dá prosseguimento aos estudos Vidalianos e propõe que o gênero de vida deva ser entendido como uma forma ativa de adaptação de um grupo humano ao seu meio geográfico. E lembra que esta é uma noção extremamente rica que abrange a maioria, senão a totalidade das atividades dos grupos (1984, p.99).

Os estudos de Sorre são fundamentais à Geografia Humana, na medida em que relembram que seu problema Primeiro é elucidar as relações homem e meio, a partir do ângulo espacial. “Todas as análises do meio encontram-se dominadas por considerações relativas ao espaço” (SORRE, 1967, p.140).

Propõe também que o meio não é apenas uma combinação de traços elementares, mas um complexo geográfico elementar, onde as relações elementares ocorrem de forma conjunta produzindo uma especificação do espaço. Entende-se gênero de vida por um conjunto coletivo de atividades transmitidas e consolidadas pela tradição, graças às quais um grupo humano assegura sua existência em um meio determinado. Um conjunto de técnicas adaptativas do homem e do meio, no que comportam de elementos mentais e intelectuais (SORRE, 1967, p.141).

Sobre tais possibilidades de transformação dos gêneros de vida, Amorim (2014, p.47) afirma a partir de Sorre, que “é necessário que tenha um mínimo de duração sem, no entanto, ser eterno, já que ele nasce, transforma-se e expande-se”. De Monbeig a autora extrai que “de tempos em tempos um novo gênero de vida é gestado, fruto da combinação do antigo e do novo em um lento e contínuo processo transformador” (MONBEIG apud AMORIM, 2014).

A esse respeito, entendo que a diferenciação da entrada e aglutinação de novas técnicas nos sistemas tradicionais seja de fundamental entendimento. Milton Santos (2006) reivindica a importância da técnica nas análises geográficas, apresentando-a para além do instrumento técnico, mas como um meio (canal) pelo qual o homem se relaciona com seu meio (habitat). E que é capaz de marcar tempos, não só o relativo a data de criação e uso da técnica, mas os tempos humanos, tempos de trabalho (se naturais ou produtivos), tempos de circulação, tempo da divisão territorial do trabalho, tempo da cooperação, e todo o tipo de marcação temporal que a existência humana prescinde.

Assim, a diferença de momentos em que técnicas modernizantes (e quanto a isso é preciso entender que trata-se da entrada de um novo sistema técnico e não apenas uma nova forma operacional de existir naquele meio) são aderidas nos sistemas tradicionais pode ser entendida como um dos fatores que possibilitam a transformação e diferenciação das paisagens. Esta não é uma percepção meramente paisagística, mas também na forma como cada sociedade rural tem mantido e recriado o seu gênero de vida. São marcas nos espíritos impressas na paisagem, diria La Blache:

Mas totalmente diferente é o efeito de hábitos organizados e sistemáticos que esculpem cada vez mais profundamente seus sulcos, impondo-se pela força adquirida por gerações sucessivas, imprimindo suas marcas nos espíritos,

direcionando em um sentido determinado todas as forças do progresso (BLACHE, 1911, p.1).

Assim, a escolha da técnica e dos diferentes caminhos que cada grupo cultural fará para manter sua existência e qualidade de vida vai sendo escrita ao longo da história das gerações destes grupos e moldando a paisagem associada à cultura daquele grupo.

A história do conceito de paisagem cultural nos informa sua polissemia e magnitude. Foi primeiro trabalhado sob aspectos morfológicos da paisagem com os estudos de Carl Sauer, colocando o Homem como último agente geomorfológico, capaz de mudar a fisionomia de uma área. Para o autor, a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural.

A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado. Sob a influência de uma determinada cultura, ela própria mudando no tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e provavelmente atingindo no final o término do seu ciclo de desenvolvimento. Com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou da antiga (SAUER, 1925, p. 59).

Os estudos sauerinos olham para as formas da paisagem que resultaram das obras humanas, sendo estas: população (densidade e mobilidade), habitação (plano e estrutura), produção (tipos de utilização da terra), e comunicação. É na identificação, descrição e comparação entre diferentes áreas, destas formas materiais visíveis, que a morfologia da paisagem era conhecida. Apesar de seguir esse método bem estabelecido, Sauer reconhecia que havia alguns aspectos das paisagem que não seriam apreendidos por ele¹¹.

Com a virada humanista na Geografia, na década de 1980, o caráter da construção cultural passa a ser enfatizado, ou seja, a “qualidade simbólica da paisagem, que produzem e sustentam seu significado social, tornam-se objeto de pesquisa” (COSGROVE, JACKSON, 2000, p. 137). Em outras palavras, agora o olhar do geógrafo não deve mais se limitar ao que está dado materialmente e seus olhos conseguem ver, mas também deve buscar compreender a história e

¹¹ Os quais o próprio Carl Sauer (1925) reconheceu não darem conta de muitos dos significados das áreas estudadas, pois estes encontrariam-se em plano mais elevado, para além da lógica das regras científicas.

intencionalidade dos grupos culturais que escolheram (ou permitiram) a presença/ausência de dada característica material visível na paisagem.

Paul Claval (2004) mostra este percurso de transformação epistemológica da paisagem cultural, lembrando que as paisagens mentem, e que a crítica a análise estritamente funcional das formas da paisagem foi o primeiro passo para sua renovação: passando pela arqueologia da paisagem, por análises históricas, pela influência da fenomenologia, até chegar à concepção de paisagem como convivência. Isto é, estudar a paisagem através de seus fios cruzados, das trocas recíprocas. “Os ambientes humanos, são por assim dizer, uma extensão de nosso próprio corpo, tanto pelo símbolo quanto pela técnica” (BERQUE apud CLAVAL, 2004).

A abertura ao imaterial pela nova geografia cultural¹², contribui ainda mais com os estudos focados em comunidades rurais, para os quais, ambos os aspectos estão imbricados um no outro.

A paisagem cultural, assim, é tanto simbólica como material, visto que a cultura das sociedades rurais não dissocia o natural do cultural. Portanto, o cultural (simbólico) e o natural (material) caminham juntos, pois a partir de modificações físicas a paisagem que é viva e dinâmica se transforma. Por outro lado, também se transformam aqueles que nela vivem e com ela se relacionam, já que também são dinâmicas as suas práticas de alteração das paisagens e os pensamentos que as animam (STRACHULSKI, 2015, p. 27).

Mais recentemente Augustin Berque apresenta a proposta de compreensão da paisagem como marca material de uma civilização, que pode e deve ser descrita e inventariada, ligando-se estrutura e função, descrevendo o percebido e explicando além do perceptível; e também como matriz da cultura (já considerada sob um aspecto menos materialista, olhando para percepções, concepção e ação das civilizações).

Para o autor, a paisagem desempenha um papel perpétuo e simultâneo de marca e matriz, sob os quais, cabe a geo-grafia (descrição da terra pelos geógrafos) fazer um inventário das formas concretas da epiderme terrestre. “Dito de outra maneira...paisagem não reside somente no objeto nem somente no sujeito, mas na

¹² As obras de CLAVAL (2004, 2007) “A paisagem dos geógrafos” e “A geografia cultural” demonstram esta abordagem.

interação complexa desses dois termos. [...] É na própria complexidade deste cruzamento que se fixa o estudo paisagístico” (BERQUE, 1994, p. 5).

É através desta mediação, da relação Humana com o seu habitat, que Berque define uma abordagem da paisagem pelo entendimento do Ecúmeno, como a interação da humanidade com a superfície terrestre (MARIA, 2010).

O termo “ecumene” é uma transliteração do particípio passado grego οοικουμένην verbo οοικέω, habitado, habitar). Berque o escolhe para indicar o lar humano e o conjunto de ambientes humanos, bem como a relação ecológica tecno-simbólico da humanidade com a Terra (TURCO, 2020, p.250).

Berque também define o meio (milleou), como um dos conceitos-chaves para trabalhar a noção de paisagem¹³. E assim como o ecúmeno ele possui a característica da indissociabilidade entre a humanidade e a Terra. O meio é o conjunto das características físicas e sociais de uma região que são ambivalentes e que se relacionam. “Os sujeitos e objetos se relacionam e fazem parte do tecido de símbolos e de trofismos que pertencem a um certo meio. Estas identidades, pelo fato de estarem em relação, na realidade do meio, participam de uma identidade comum – a deste meio” (MARIA, 2010, p. 63).

É através do estudo dessa mediação, da consciência, da visão, da relação, da estética e da moral do humano com seu meio que a análise da paisagem foi feita, conforme descrito na seção de metodologia. A seguir, apresento um pouco mais de referencial teórico que embasa a escolha dessa ferramenta de análise.

2.2.2 Paisagem como instrumento de análise

Berque sugere o uso de inventários sobre os elementos que compõem a paisagem estudada para que se estabeleçam os vínculos e relações entre os inventários e posteriormente haja uma identificação de formas e conteúdos, padrões e ausências, fluxos e fixos para se alcançar um diagnóstico da paisagem em questão.

Na seção de “Resultados e discussões” apresento o inventário eco-geográfico, que apesar de extenso, não se pretende único e encerrado, mas está

¹³ Noção de paisagem, e não conceito de paisagem, pois para Berque o conceito é algo datado, enquanto a noção de paisagem antecede a criação do conceito em si. Berque ainda considera que possam existir comunidades que tenham “La pensée paysagère” sem prescindir do conceito de paisagem. <https://www.ehess.fr/fr/personne/augustin-berque>

aberto para se manter apto às inovações que surgem continuamente na comunidade. Também sintetizei os inventários de representações, conceitos e valores, e políticas, considerando que estes apresentariam aspectos imateriais da cultura, e consequentemente, da paisagem.

Ao entendimento sobre a paisagem até aqui considerado, acrescento o entendimento de Jean-Marc Besse (2009) de que identificar a paisagem é conceber uma conjuntura teórica e historiográfica complexa e ambígua, em que há ao menos cinco “portas” /formas (imbricadas) de trabalhar a paisagem, buscando a experiência de um pensamento aberto.

Um pensamento aberto é aquele onde as portas também permanecem abertas permitindo o trânsito entre elas sem excluir qualquer uma, formando uma unidade sem síntese ou totalização. São estas as cinco formas de ver a paisagem: 1 - como representação cultural e social; 2 - como um território produzido pelas sociedades na sua história; 3 - como um complexo sistêmico articulando natureza e cultura; 4 - como um espaço de experiências sensíveis; 5 - como um local ou um contexto de projeto.

A porta que aparenta ser mais coerente com a discussão do gênero de vida é a da paisagem como território fabricado e habitado. Assim, a paisagem passa a ser definida como um território produzido e praticado pelas sociedades humanas, por motivos que são ao mesmo tempo econômicos, políticos e culturais. Sendo a soma das experimentações, dos costumes, das práticas desenvolvidas por um grupo humano nesse lugar. “Essa abordagem concebe a paisagem como uma produção cultural, e considera a cultura nos níveis material e espacial, a cultura encarnada em práticas, obras e produções de todo tipo” (BESSE, 2009, p. 29).

Esta porta, fundamentada a partir da perspectiva de John Brinckerhoff Jackson, para quem a paisagem deve ser vista como um espaço organizado e como uma obra coletiva das sociedades. Deste ponto de vista, a tarefa primeira e essencial é ler e interpretar as formas dinâmicas paisagísticas para aprender nelas algo do projeto de sociedade que produziu essa paisagem pois toda paisagem é relativa a um projeto social.

Besse, a partir do entendimento de Jackson, afirma que

A paisagem é a expressão de uma indagação a respeito do bem-estar ou da boa convivência das comunidades humanas, encarna uma indagação sobre os valores que podem fundamentar essa boa convivência, bem como sobre o quadro espacial

e material real dentro do qual essa boa convivência pode ser realizada... as paisagens são formadas pela organização das pessoas no local e pelo desenvolvimento de espaços a serviço da comunidade trabalho lucrativo, lazer, contatos humanos, contatos com a natureza, com o mundo exterior (BESSE, 2009, p. 35 - 36).

Assim, justifica-se o uso da análise da paisagem para fins de estudo sobre a transformações de paisagens, principalmente as habitadas e moldadas por comunidades tradicionais costeiras na contemporaneidade, lançando mão dos procedimentos sugeridos por Berque (2004) dos inventários descritivos realizando a análise dos mesmos pela ótica histórica e dialética, entendendo que os diferentes tempos e grupos que agem naquela paisagem-território deixaram marcas que manifestam seus respectivos projetos de desenvolvimento e podem dar pistas sobre seus desdobramentos futuros.

2.3 Comunidade Tradicional Caiçara

O termo “comunidades tradicionais” abarca muitos modos de vida. Atualmente, a Estado brasileiro por meio do decreto 8.750 do ano de 2016 contabiliza um total de 29 categorias de povos e comunidades tradicionais no território brasileiro, dentre os quais, indígenas, quilombolas, ciganos, ribeirinhos, extrativistas, pescadores e povos de terreiro somavam em outubro de 2019 um total de 650 mil famílias¹⁴.

Em linha gerais, o Estado brasileiro os reconhece legislativamente desde 2007 pelo decreto 6.040 e mais recentemente em relatório dos direitos dos povos e comunidades tradicionais, como “grupos culturalmente diferenciados, que possuem condições sociais, culturais e econômicas próprias, mantendo relações específicas com o território e com o meio ambiente no qual estão inseridos” (Relatório PCT 2018, p.20). Essas “condições próprias” para manutenção de “relações específicas” caracterizam de forma ampla e abrangente as tradições culturais dos mais diversos povos e comunidades, carecendo de compreensão mais pragmática e orientada pelas realidades locais.

Penna-firme e Brondizio (2017) consideram que aos pesquisadores desta temática cabe o cuidado de usar essa categoria discursiva sem naturalizar e

¹⁴ Informações extraídas do jornal G1 online. Acesso: 650 mil famílias se declaram 'povos tradicionais' no Brasil; conheça os calungas, do maior quilombo do país. Data:4/8/2020

essencializar os grupos que ela pretende circunscrever, mas também evitar a armadilha de desconstruí-la a ponto de enfraquecer o movimento político que ela subsidia e afetar negativamente a vida concreta destes “povos e comunidades tradicionais”. Para Penna-Firme deve-se evitar “os riscos de congelamento das tradições/meios de subsistência em um passado nostálgico e romantizado, abrindo espaço para identidades híbridas/flexíveis dentro de novas possibilidades de desenvolvimento” (PENNA-FIRME, 2013, p.19).

Sob primeira mirada, algumas características destes povos e comunidades parecem diametralmente opostas ao modo de viver na sociedade Moderna: são tradições cercadas de saberes práticos e místicos adquiridos entre o profundo conhecimento dos territórios ocupados ao longo de muitos anos; o reconhecimento de sua ligação recíproca com a natureza; e a reverência por forças e interferências sobrenaturais. A permanência no tempo promovida pelo passar da tradição de geração em geração pela instrução oral ou pela observação dos mais novos no cotidiano dos mais experientes, seria outra característica que ajuda a reconhecer esses grupos.

Mas é preciso conhecer suas especificidades e formas de desenvolvimento socioespacial. É preciso atentar para realidades em que o contrário também é verdadeiro, isto é, comunidades tradicionais que sob olhos desatentos assemelham-se a qualquer bairro pequeno de cidade grande.

2.3.1 Trindade e as gerações caiçaras: Antigos, Filhos da luta, e Molecada.

As gerações são marcadas por eventos que as distinguem e marcam um tempo e paisagem. Também entrelaçada à história dessas gerações, é a chegada das unidades de conservação. Não é um evento pontual, e está permanentemente renovando questões e transformando a gestão do território e o uso da paisagem.

Primeiro serão apresentadas as gerações, suas marcas e matrizes, entre cada evento que as distingue da subsequente. E posteriormente apresentarei um histórico das unidades de conservação e ações ambientais de forma mais detalhada.

Nos relatos do campo exploratório não há referências datadas quanto à ocupação das terras de Trindade e cercanias, mas estes relatos indicam um cenário de ocupação há muitas gerações, de encontros de europeus e indígenas. Os relatos

de Hans Staden, de 1553, corroboram que aquelas terras eram território indígena, onde o próprio alemão Staden foi encontrado e capturado (NOGUEIRA, s/d.)

Os moradores locais daquela época viviam dos recursos disponíveis no meio que habitavam, e é essa característica cultural que permaneceu e aparece como modo de vida que remonta aos tempos dos avós dos comunitários que ajudarão a compor esta pesquisa. E neste sentido, os escritos de Adams (2000) já evidenciaram que o isolamento dessas comunidades sempre foi relativo.

Relativo, pois, à medida que há uma compressão do espaço-tempo pelo aprimoramento das técnicas de intervenção na paisagem, de deslocamento, e tecnológicas, os fluxos de pessoas, objetos (dinheiro) e ideias vai adensando as conexões entre as redes locais/regionais/nacionais/globais. E conforme esses contatos foram acontecendo novas formas de pensar e interagir com o meio foram sendo incorporadas ao modo de vida tradicional caíçara¹⁵.

Essas “novas formas de pensar e interagir” estão vinculadas principalmente com os indivíduos da sociedade moderna¹⁶, que em linhas gerais, estabelecem relações socioespaciais a partir da rejeição das tradições, submetendo tudo ao exame crítico da razão e à experimentação, e tem na ideia do progresso uma forma de libertação das irracionalidades mitológicas e supersticiosas (ARAÚJO, 2007).

Além dessa característica mais simbólica da cultura, Penna-firme (2013) evidencia que a participação restrita ao mercado e à lógica do consumo, além de uma vida em harmonia com a natureza, também são características esperadas para as comunidades ditas tradicionais.

Neste sentido, através de uma abordagem material sobre os sistemas de objetos, usos e valores da sociedade moderna e das comunidades tradicionais caíçaras, os mesmos autores (op. cit.) indicam que, atualmente, muitas comunidades tradicionais apresentam-se hibridizadas na sociedade moderna e possibilitam o uso da identidade cultural como recurso de desenvolvimento.

Está evidente, pela teoria, que há uma relação dialética entre os modos de vida tradicional e moderno. Essa relação também é relatada e observável em campo,

¹⁵ A esse respeito toma-se por referencial o debate sobre evolucionismo cultural multilinear e difusionismo cultural para pensar o surgimento e dispersão cultural.

¹⁶ Os “tempos modernos” ou a “Modernidade” estão relacionados a um período histórico de revoluções do pensamento, das relações sociais, econômicas, religiosas, artísticas, industrial, tecnológica e comunicativa. Expressa-se concretamente através do acesso ou desejo de acesso a bens de consumo.

sem omitir que ao longo desta relação de contradição há negociações entre um e outro, avanços de um sobre o outro, mesclando-os e refletindo no que se pode ver nos territórios tradicionais.

Em outras palavras, estes grupos têm sido agentes ativos na configuração socioespacial de suas comunidades, negociando o avanço do “progresso” como podem e, por vezes, também como desejam. Abrindo-se para avanços que acarretaram melhoria na qualidade de vida, resistindo ao que lhes possa trazer prejuízo, é assim que essas comunidades têm se apresentado desde os tempos dos Antigos, como se verá a seguir.

Os Antigos e a década de 1970

Antes de chegar aos tempos dos “Antigos”, irei pontuar acontecimentos do início do século XIX, com a chegada da família Real ao Rio de Janeiro, que foram marcantes no desenvolvimento das comunidades paratienses: nesse período, Paraty ficou responsável por boa parte do abastecimento de alimentos da nova população “carioca” vinculando ainda mais as relações do povo com os trabalhos da terra.

Poucos anos depois, com a abolição da escravidão veio o declínio da produção dos engenhos de cana-de-açúcar que movimentavam a região e inseria Paraty no cenário econômico nacional; a abertura de novos caminhos entre Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro também colaboraram para que Paraty entrasse em um ostracismo de décadas. A combinação desta “vocação” para a terra e a diminui  o da importância de Paraty no cenário regional e nacional, no início do século XX, favoreceram que pequenos núcleos de povoamento mantivessem sua subsistência com as roças que cultivavam e a pesca que traziam do mar em suas canoas de remo.

Começam a entrar na cena econômica os elementos fundamentais    subsistência dos pequenos núcleos familiares que permaneceram em Paraty. Adams (2000, p. 147) indica que “historicamente, a forma  o das comunidades caiçaras só pode ser entendida no contexto da ocupa  o do litoral brasileiro e dos ciclos econômicos vividos pela região sul/sudeste”. Através da decadência dos ciclos econômicos de cada época, os moradores das comunidades caiçaras voltavam a ficar isolados e a ter sua dinâmica de vida no mar e nos roçados

A história de formação e desenvolvimento das comunidades tradicionais caiçaras possuem um início similar, de modo que a própria integração entre elas era mais fluida, salvaguardando as dificuldades de acesso e deslocamento entre elas. Trindade e as comunidades que a cercam, tiveram seus núcleos familiares se deslocando e se fixando, expandindo sua área de mediância há décadas, segundo relatos das famílias que ainda hoje estão no território.

São comunidades que se desenvolveram nas reentrâncias da Serra do Mar. Localmente conhecida como Serra da Bocaina¹⁷, um maciço cristalino com picos de até 2088 m de altitude (Pico do Tira Chapéu), com declives de mais de 45 graus, predominando solos de baixa profundidade que favorecem movimentações de massa. Recortada por diversos rios e riachos que chegam ao mar Atlântico, diversas comunidades possuem riachos desaguando no mar ao longo das praias e coberta por vegetação do bioma Mata Atlântica (Figuras 2 e 3).

¹⁷ A Serra da Bocaina faz parte da história de integração do território nacional, do interior a partir de Minas Gerais e São Paulo para o litoral de Paraty, marcada por trilhas indígenas e posteriormente pelo Caminho Velho do ouro. Bocaina em língua Tupi quer dizer “abertura” ou “depressão na Serra”, As quais eram usadas por indígenas para o deslocamento interior-litoral.



Figura 3 Vista a partir da encosta leste da Comunidade da Praia da Ponta Negra para as entradas de mar e encostas da praia do Sono e Trindade coberta de vegetação nativa.



Figura 2 - Rios desaguando na Praia do Meio e na Praia do Cepilho. Fonte: própria

Subsistindo inicialmente da coleta e da caça, posteriormente das colheitas e da pesca, pequenos grupamentos familiares começam a se fixar entre a mata e a praia. Lançando mão dos recursos disponíveis tanto para o uso direto quanto para a criação de ferramentas que possibilitassem a continuidade da vida ali, habitações modestas são levantadas com madeira, barro e cipó, casas de pau-a-pique, com chão

de solo batido e telhado de grandes folhagens, constituídas com uma cozinha à parte, um cômodo com forno a lenha, e sem banheiro (Figuras 4 e 5)

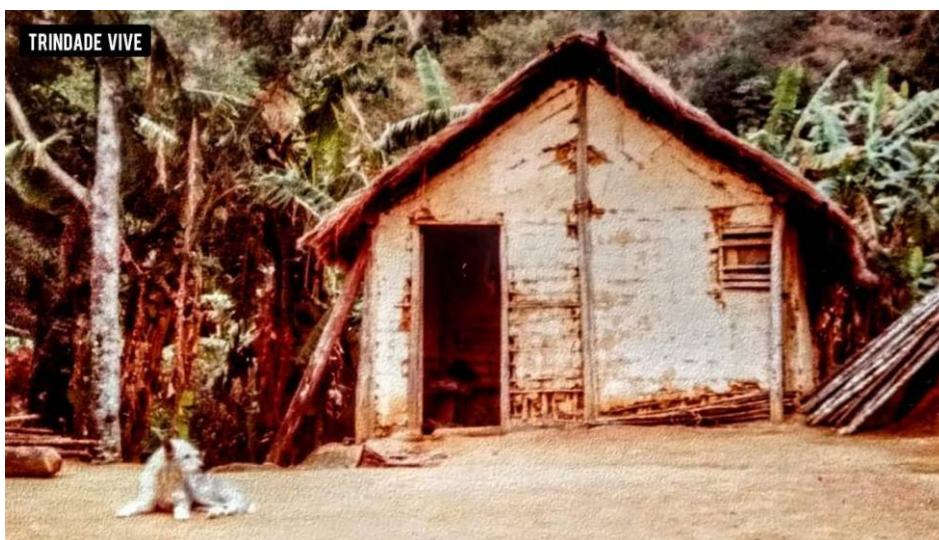


Figura 4 - Casa de um Antigo em 1980. Fonte: Instagram @trindadevive

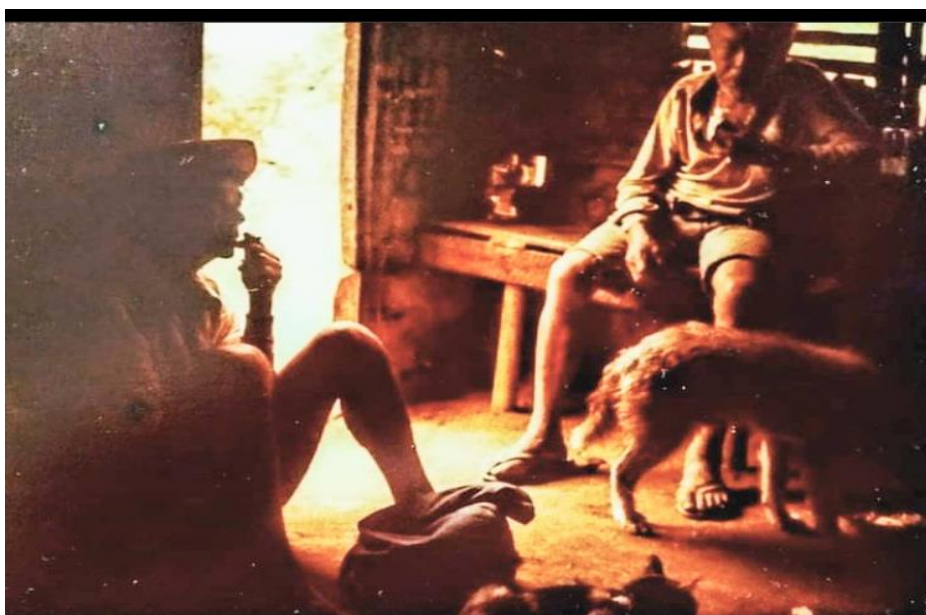


Figura 5 O café dos Antigos. Fonte: Instagram @trindadevive ¹⁸.

Essas moradias organizavam-se conforme as necessidades e interesses de seus habitantes. Com padrão espaçado; sem muros para dividir os limites entre os

¹⁸ Em conversa com caiçara, ele dizia: “é engraçado como a gente usa umas expressões até hoje e não sabe de onde elas vêm... ‘Dia de chuva não serve nem para cagar’... aí a gente fica pensando porque disso...é porque não tinha banheiro, tinha que ir no mato, imagina chovendo que nem chove aqui e no meio da noite dar uma dor de barriga (risos)... enquanto hoje, aqui tem mais de um banheiro, até o camping tem banheiro”.

vizinhos¹⁹; com variedade de grãos, raízes e frutas, encontrados nos quintais e matas adjacentes, cultivadas com a prática de queimadas e corte raso da vegetação, e alternância de usos das terras agricultáveis em tempos de cultivo de diferentes espécies em diferentes tempos, seguidos de longos períodos de descanso da terra, a fim de que esta possa se recuperar bioquímico fisicamente. Contavam também com os ranchos de pesca na praia para guardar os petrechos de pesca (Figura 6).

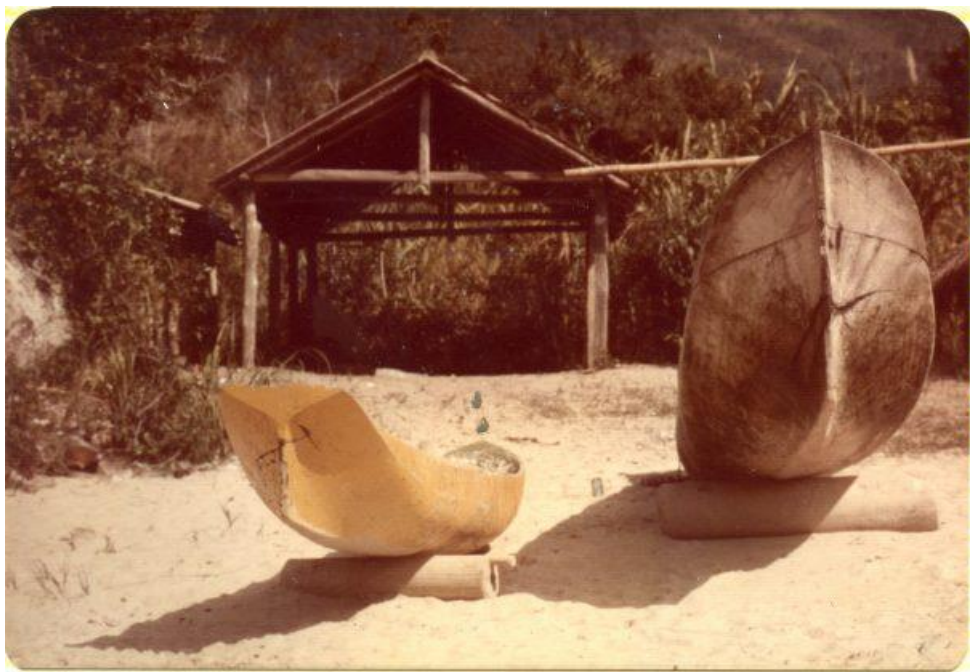


Figura 6 - Ranchos, canoas e o mato alto ou jundú na Praia dos Ranchos. Fonte: waves.com. Andy Goldstein.

Uma vida simples, sem muitos recursos materiais vindos de fora da comunidade e o dinheiro apesar de escasso não determinava quem tinha o que comer e o que comeria, pois, as relações familiares e comunitárias supriam as necessidades individuais, como é dito a qualquer um que pergunte aos Antigos²⁰ sobre esse tempo.

Dessa época, é possível identificar na paisagem, nas encostas recobertas de Mata Atlântica, áreas de antigos espaços de roçado, que foram retomados pela

¹⁹ É comum ouvir em conversas pessoais ou mesmo registrado em documentários locais que “ninguém era dono de nada aqui” “cada um construía onde queria”.

²⁰ “Antigos” é a forma como moradores locais fazem referência a geração que viveu antes da abertura das comunidades e que lutaram para permanecerem na terra. Para mais informações, ver: MORAES, Luana (2017), “Contribuições da psicossociologia para a compreensão das relações de grupo sob situação de conflito socioambiental em Trindade, Paraty, RJ”.

vegetação e que ainda estão em estágio sucessional menos avançado que o seu entorno e se tornam perceptíveis por serem manchas de verde mais claro ou com o dossel mais baixo quando comparado com a vegetação lateral (Figuras 7 e 8). A presença de espécies exógenas à vegetação da mata Atlântica também indica o histórico de manejo sustentável da floresta (OLIVEIRA, ENGEMAN, 2011).



Figura 7 - cobertura vegetal do costão da praia do Meio em 1990



Figura 8 - Saída de barco da Praia do Meio para a Piscina Natural do Caixa d'áço. Na encosta vegetada é possível observar em verde mais claro, os espaços dos antigos roçados. Fonte: própria, 2022.

Deste tempo ainda se veem alguns ranchos e as casas de farinha, que já passaram por reformas e transformações estruturais, alguns permaneceram no local mas mudaram de função, ou surgiram em outros lugares, mas permanecem como elemento da paisagem das comunidades (Figuras 9 e 10). Há de se considerar



Figura 9 - Ranchos estruturados em alvenaria e muitos funcionando como bar e restaurante. Fonte: própria.

também em uma escala mais detalhada as ruínas escondidas pela floresta (Figura 11).



Figura 10 - Escola do Mar: Casa de farinha construída em 2017 na Zona de Uso Coletivo como espaço de memória e educação diferenciada. Fonte: própria.



Figura 11 - Casa de pescador intocada entre as pedras, o mato e o mar, Praia do Ranchos. Fonte: própria.

Essas comunidades viram esse modo de vida impactado quando na década de 1970 o governo federal em projeto de integração do território nacional começa a abertura da BR 101, localmente conhecida como Rio – Santos. “Foram obras monumentais de um governo autoritário que provocaram grandes modificações sociais e econômicas na região, construídas sem nenhuma preocupação com os impactos paisagísticos, ambientais nem sociais que causaram.”²¹.

Os autores Garcia e Dedeca (2012) afirmam que a abertura da estrada iniciou o processo de urbanização no município de Paraty consolidando sua vocação turística, mas agregando também a especulação imobiliária. A cidade que sofrera com o decréscimo populacional no último século, agora vive um adensamento demográfico e de circulação de pessoas, mercadorias e serviços.

Lhotte (1982) acrescenta que toda a zona litorânea que acompanha a estrada era considerada zona prioritária de desenvolvimento turístico pela EMBRATUR em 1972, através do projeto TURIS. No início desse mesmo ano, o Presidente Médici havia determinado que Paraty fosse área prioritária para reforma agrária. Mas desses três projetos, o único que chegou a se efetivar foi o rodoviário, deixando a Paraty ainda rural exposta aos conflitos por terra, a especulação imobiliária, e mais tardiamente ao processo de gentrificação.

Junto a BR, a região recebe um Parque Nacional como tentativa de frear o desflorestamento que vinha se agravando, o Parque Nacional da Serra da Bocaina, que cobria boa parte do município de Paraty. Em época, a sobreposição do parque ao território tradicional caiçara não gerou impactos diretos, visto ter sido por muitos anos um parque de papel²², seu maior impacto foi no campo simbólico, pois desde então passou a ser um fantasma que assustava os caiçaras, principalmente de Trindade, com a possibilidade de um dia o Parque chegar e expulsá-los das terras que por tantos anos ocuparam. Ações mais concretas, como demolições de construções consideradas irregulares, só começaram a acontecer em 2008.

Nessa mesma década de 1970, os caiçaras viram surgir muitos “donos da terra” que ocupavam, mas os nomes que mais se destacaram e chegaram a

²¹ Trecho retirado da seção “nossa história” da APA Caiçu do site do ICMBio.

< <http://www.icmbio.gov.br/cairucu/quem-somos/nossa-historia.html?showall=1> >

²² “Parque de papel” é o nome dado usualmente aos espaços destinados à conservação da natureza que são criados legislativa e burocraticamente, possuem uma “certidão de nascimento” em papel, mas não chegam a existir na prática, ou funcionam de forma extremamente precária e pontual no território.

empreender ações de expulsão das comunidades locais foram a Multinacional ADELA/BRASCAN, que posteriormente passou-se a chamar TDT - Trindade Desenvolvimento Territorial; e a família Tannus, que tem suas supostas terras compradas não só na área deste estudo, mas também em comunidades caiçaras vizinhas como o Pouso da Cajaíba e Martin de Sá.

Foram ações violentas que conduziram a venda ou abandono das terras por boa parte dos caiçaras. Os relatos mais comuns em Trindade são sobre os bois e jagunços da “Companhia” que chegaram destruindo tudo (Figura 12). Os bois comiam e pisoteavam as plantações, os homens armados rondavam desde a praia Brava até o Caixa d’ação dizendo que os trindadeiros deveriam sair das terras e promoviam a demolição de moradias, casas de farinha e ranchos de pesca tentando inviabilizar a permanência dos trindadeiros em suas terras²³.



Figura 12 - Bois da Companhia na praia do Cepilho - Trindade.

²³ Uma série de documentários expõe a trajetória de luta, resistências e reconfigurações das comunidades estudadas. Recomendam-se:

“Vento Contra” de 1981, dirigido pela ambientalista Adriana Mattoso, relata a história da resistência dos caiçaras de Trindade, Ponta Negra, Sono e Laranjeiras (Paraty, RJ), contra grandes empresas que tentaram se apropriar de suas terras na época da construção da rodovia Rio Santos, durante a década de 70, no século passado;

“Trindadeiro, 30 anos depois” de 2002, dirigido pelo jornalista Davi Paiva que é nativo de Trindade, mostra alguns desdobramentos que ocorreram na comunidade de Trindade após o acordo com a Companhia;

“Dos Antigos aos Filhos do Amanhã” de 2017, dirigido por Leonardo Gelio, apresenta a luta pela manutenção da cultura da caiçara através da tradição dos mestres canoieiros.

No ano de 1979, após intensa resistência dos trindadeiros, foi assinado um acordo com a Cobracinco S/A (que adquiriu os títulos das terras da multinacional) permitindo a permanência dos caiçaras naquelas terras, mas ainda de forma insatisfatória visto a reconfiguração da ocupação territorial a qual foram submetidos.

Das 120 famílias que viviam no povoado, apenas 72 resistiram até o acordo. A cada família foi concedido um título de propriedade, descaracterizando a ocupação fundiária tradicional com terras livres e abundantes, sem cercas, onde cada morador tinha seu quinhão de acordo com o tamanho de sua família. Enquanto os caiçaras ficaram com 147 mil metros quadrados para reconstruir a antiga vila e mais 620 mil metros quadrados para plantar roças, a empresa garantiu o domínio de 2,8 milhões de metros quadrados (Parecer Técnico nº 76/2009 do Ministério Público Federal/6ª Câmara de Coordenação e Revisão).

Após o acordo das terras, os trindadeiros puderam retomar suas vidas, mas conviviam com a devastação das lavouras do tempo da luta. Os turistas na década de 1980 e 1990 começam a popularizar o destino paradisíaco perto do Rio de Janeiro e de São Paulo (Figura 13). Aos poucos, ainda que com grandes restrições de comodidades urbanas, os turistas deixam de ser predominantemente os mochileiros hippies e um novo público disposto a pagar por alimentação e hospedagem segura começa a abrir uma nova frente de trabalho para os caiçaras.



Figura 13 - Revista Veja de 1987 apresenta Trindade como novo destino turístico.

Um novo milênio, uma nova tradição?

As populações tradicionais reestruturaram as suas territorialidades em função da reestruturação territorial promovida pela atividade turística, pelos interesses imobiliários associados ao turismo e pelos discursos ambientais especializados a partir da delimitação de unidades de conservação, de maneira que a reprodução social, cultural e econômica dessas populações se torna abruptamente dificultada (CAMARGO, 2017, p.1).

Paraty, desde a década de 1970, viveu um crescimento demográfico de 15.934 habitantes (ICMBio, 2002) para uma estimativa de 43.680 habitantes em 2020 (IBGE, 2020). Ao mesmo tempo, seis unidades de conservação foram criadas e passaram a regulamentar o uso do solo reduzindo drasticamente o percentual de terras ocupáveis (Figura 14). Isso não impediu que houvesse um incremento de aparatos urbanos no município e em Trindade.

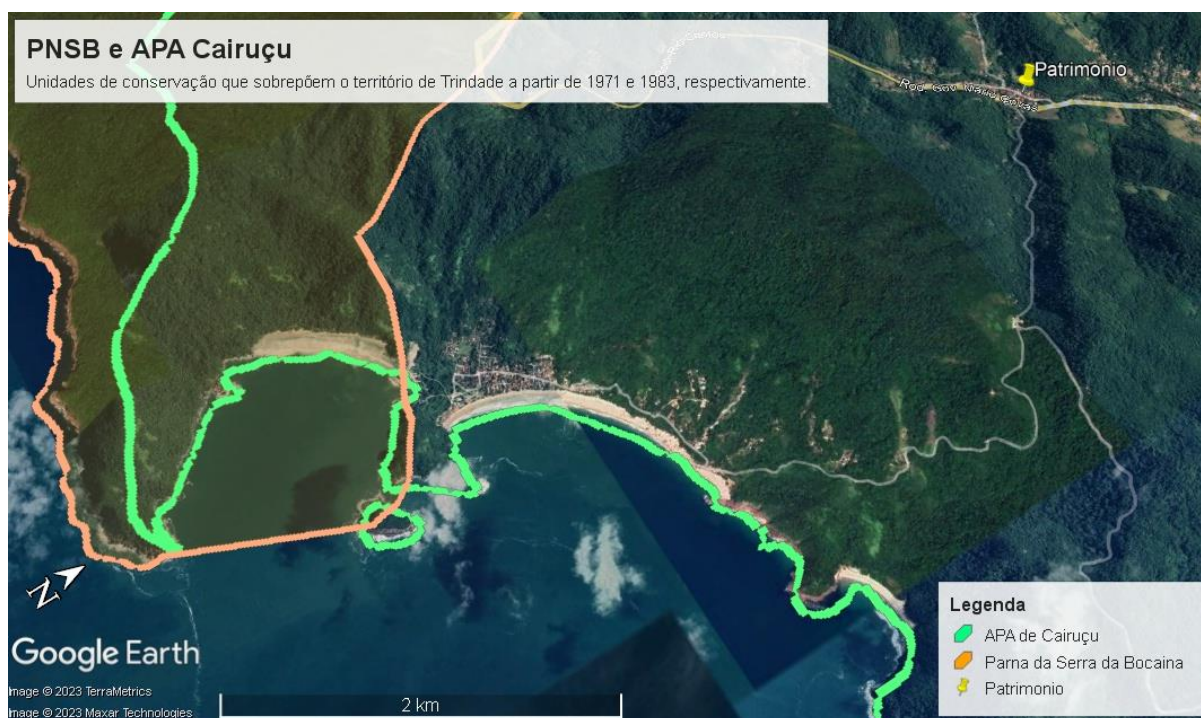


Figura 14 - Mapa de localização do Parque Nacional da Serra da Bocaina e da Área de Proteção Ambiental do Cairuçu, que foram sobrepostas à Trindade. O bairro do Patrimônio marca o trevo entre a BR 101 e a entrada para a estrada do Deus me livre. Fonte: própria,

As Unidades de Conservação, seus diferentes órgãos competentes e gestores são introduzidos na vida dessas populações e caminham de forma entrelaçada com a “chegada do progresso” à região sul-fluminense. Apesar da data longínqua, a história de implementação delas é marcada por retardos e, por vezes, ausências.

Trata-se da chegada dos órgãos ambientais para implementação das unidades de conservação da natureza (UC) se sobrepondo aos territórios tradicionais, ao longo da vida das três gerações em foco. A partir de 1971 essas UCs já se faziam presentes, em alguma medida e foram intervindos de formas variadas ao longo do tempo em cada território. As unidades de conservação em questão são o Parque Nacional da Serra da Bocaina, criada em 1971 sob regime de proteção integral ; a Área de Proteção Ambiental do Cairuçu, criada em 1983 sob regime de uso sustentável; e a Reserva Ecológica Estadual da Juatinga, criada em 1992, ainda em processo de recategorização para se enquadrar a uma das categorias do SNUC (2000), mas se pretende um espaço mais associado ao regime de uso sustentável mesmo sendo legalmente caracterizada como de Proteção integral. As três UC 's se sobrepõem em alguns trechos e cobrem integralmente os territórios usados pelas três comunidades deste estudo. Apesar do grande impacto que a existências dessas UCs gera, o fato de estarem continuamente em processo de conflito e conciliação dificulta o enquadramento metodológico dessa chegada das UCs como um evento.

O Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB) foi criado em 1971 num contexto de tombamento da cidade de Paraty em Monumento Nacional, onde houve diversas tentativas de preservar não somente o patrimônio histórico, mas também o natural. Todavia, o desmatamento era contínuo. Então a Agência de Recursos Naturais Renováveis do Rio de Janeiro sugeriu como solução ao Conselho Florestal que a região fosse transformada em um Parque Nacional (GOMES et. al., 2004).

No entanto, o PNSB era como muitos chamam um “parque de papel” sem delimitações claras, fiscalizações ou mesmo remoção/indenização das famílias ali residentes. Prova disso, foi sua omissão na defesa do território de Trindade quando houve a disputa por aquelas terras entre trindadeiros e a Adela-Brascan, anos após o Parque ser criado. Em 2002, para se enquadrar nas diretrizes do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), mais papel foi produzido para a institucionalização do parque: o plano de manejo (PM), que diante do tamanho do parque, a pequena quantidade de funcionários e equipamentos, o baixo orçamento reservado ao parque, não consolidou o funcionamento pleno dele. (descrições do quadro técnico e orçamentário no PM).

Somente em 2008, através do Projeto Nova Imagem, as medidas necessárias para a consolidação do parque começaram a ser tomadas e por consequência os

conflitos começaram a aparecer. Em 2010 o conselho gestor do parque foi fundado em caráter consultivo, constituído por 30 instituições titulares e 14 suplentes com a função de “ser um fórum democrático de valorização, controle social, discussão, negociação e gestão da unidade de conservação, incluída a sua zona de amortecimento ou área circundante.” (ICMBio, online). E este conselho aprovou que três áreas estratégicas de atuação focalizassem os esforços da gestão. Uma delas é Trindade, mais especificamente, a ponta de Trindade.

As tentativas da nova gestão em tirar o parque do papel vêm acompanhadas de intensos conflitos. As iniciativas de ordenamento turístico de Trindade foram vivenciadas através de processos de:

... proibição do uso de uma área de camping no interior do PNSB por parte da AMOT; o embargo das obras na rede de tratamento de esgoto na vila por inexistência de licença ambiental; a possibilidade de proibição da pesca local (CONTI, 2012: 219).

E atualizando essas ações que Conti faz menção, às edificações que ainda estão de pé na Praia do Meio são os dois antigos ranchos de pesca da família de D. Dolores (nativa) que foram adaptados para bares, mas tiveram suas atividades suspensas. E o rancho de pesca da ABAT que ainda serve para guardar os barcos e apetrechos de pesca daqueles que fazem parte da associação. Na parte do Caixa d’água há algumas posses que têm liberação para lá estarem e funcionarem com atividades turísticas através de termos de ajustamento de conduta até serem indenizadas e reassentadas²⁴.

Dentro do parque foi instalada repetidas vezes, devido à depredação, placas informativas sobre a entrada em parque nacional e quais os usos indicados para aquele espaço. Além das placas de sinalização e indicação dos atrativos e caminhos. Fortalecendo o uso desses instrumentos fixos, em épocas de pico de visitas há o programa de voluntariado para monitorar e auxiliar os turistas durante a passagem pelo PNSB. Entretanto, o programa de voluntariado é esporádico.

Em 1983 ocorreu a criação de outra UC, a Área de Proteção Ambiental do Cairuçu, que recobre toda a região da Juatinga e se estende até os limites estaduais entre Rio de Janeiro e São Paulo. Ela sobrepõe integralmente à comunidade estudada e sobrepõe 11,9% do PNSB. Seu contexto de criação era de extrema

²⁴ Registros pessoais de vivência em voluntariado à serviço do PNSB no Carnaval de 2014 em conversa com agente do ICMBio.

pressão sobre o litoral sul-fluminense pela especulação imobiliária, e uma UC de manejo mais flexível pareceu ser o caminho para garantir o uso sustentável dos recursos. Possibilidade que após a sua implementação viu-se não ser realmente eficaz (FONTES, GUERRA, 2016).

O uso sustentável prevê a proteção da diversidade biológica, o disciplinamento do processo de ocupação e manutenção da sustentabilidade do uso dos recursos naturais (BRASIL, 2000). Mas pelo que relata o plano de manejo de 2004, pode-se dizer que os objetivos da unidade de conservação, pelo menos na região da Trindade, não foram bem-sucedidas, evidenciando as transformações socioespaciais. “Fora a vila, os muros e feriadões, em alguns recantos e momentos ainda lembra a incrível Vila Caiçara que foi antes da sua destruição pela Companhia (Paraty Desenvolvimento Territorial) na década de setenta.” (BRASIL, 2004, p. 212).

Trindade em todo o plano de manejo da APA é trabalhada sob a ótica do urbano com alto grau de impacto ambiental, provocado sucessivamente pelo turismo de massa, que descaracteriza a organização social e as ações no território tradicional, segundo o plano de manejo.

O plano possui diretrizes interessantes como alternativas à situação descrita. No entanto, como a execução dos projetos da APA estão, geralmente, ligadas à Associação Cairuçu, muitos trindadeiros veem com desconfiança a atuação desse ator, que foi fundado por moradores do condomínio Laranjeiras. O condomínio Laranjeiras, é um empreendimento imobiliário semelhante ao que a Adela-Brascan não conseguiu realizar ao enfrentar a resistência dos trindadeiros para implementar seu balneário turístico classe A.

Em 2018 o plano de manejo foi atualizado e teve como marca a participação de comunitários nas etapas de sementeira, diagnóstico e planejamento do PM, ajudando a elaborar uma linha do tempo com o histórico de ocupação das comunidades, os mapas de uso, conflitos e oportunidades existentes. E também na identificação cultural de cada comunidade. Representantes das comunidades estiveram junto ao processo de elaboração desse novo documento até o dia de sua publicação.

A APA Cairuçu é significativa para os caiçaras pois:

o caiçara, povo nativo com sua ancestralidade e identidade, simples, solidário e receptivo, que se reconhece e é reconhecido por sua comunidade, vive e integra um cenário de beleza única na zona costeira e insular da APA Cairuçu, manejando os recursos no mar, na mata, na restinga e no mangue com sua cultura, modo de ser e fazer que, com sua resistência e defesa de seu território, mantém sua essência e preserva seus direitos e valores, do mesmo modo em que protagoniza a sua dinâmica cultural, social, econômica, linguística e tecnológica (ICMBio, 2018, p.19).

É significativo também para a Paisagem e Mata Atlântica:

Navegando pela costa da APA Cairuçu, vemos uma cadeia de montanhas com picos que chegam a 1200 metros e podemos conhecer 63 ilhas, com vegetação típica e exclusiva de ambientes insulares. Nessa viagem encontramos reentrâncias costeiras, como a formação única do Saco do Mamanguá que lembra um fiorde, mas é uma formação estuarina denominada “ria 2”, uns dos mais preservados manguezais do estado do Rio de Janeiro, além de outros ambientes naturais de grande beleza cênica como as praias arenosas e cachoeiras desaguardando diretamente no mar.

Nesse sentido, o novo plano de manejo identificou algumas questões chaves para esses territórios e qualificou como alta prioridade a necessidade de realizar uma modelagem da tendência de expansão urbana e suas consequências para a conservação da conectividade da paisagem, somado a um plano de desenvolvimento comunitário com planejamento local.

Assim, com a presença das unidades de conservação e a legislação ambiental, a vocação turística como alternativa ao modo de vida que os Antigos praticavam, e que era mais dependente do uso dos recursos da terra, se consolidou no final da década de 1990. Na chegada do novo milênio a “nova” atividade econômica foi levada ao ápice e demandou a contínua transformação do território para suportar o turismo de massa (Figura 15).



Figura 15 - Registros do ICMBio do Réveillon 2006/2007 da Praia do Meio com quantidade incontável de barracas. E registro da mesma área sob supervisão do ICMBio no Carnaval 2009 (As operações de verão são pontuais, com o fim dos feriados, a área reocupada)

Ao longo do tempo, a comunidade vai agregando novas pessoas, novas visões, novas funções. A teia das relações sociais ao mesmo tempo que se expande, também se condensa. Os nativos saem, os de fora vem, e cada vez mais, vem e ficam. As novas gerações conhecem o mundo, seja pegando um avião ou na frente das telas. Novas instituições nascem para fazer frente à constante disputa por esse território. A paisagem registra geograficamente toda essa história.

A próxima seção apresenta o caminho metodológico que percorri para associar os estudos da paisagem com o desenvolvimento teórico, apresentado no referencial teórico, e o desenvolvimento observado em campo e relatado pelos entrevistados.

3. Metodologia

Para responder as questões que levantei e alcançar os objetivos que propus, o desenvolvimento e a paisagem serão trabalhados a partir de uma abordagem qualitativa em um estudo de caso, onde a riqueza dos dados está na capacidade de responder as questões, e até mesmo na sua singularidade. Ou seja, a qualidade do que dizem (território e pessoas), torna-se mais relevante do que a quantidade do que dizem.

Após um mergulho profundo na história do Desenvolvimento, diferentes escolas de pensamento e suas críticas e alternativas, busquei expor quatro alternativas de desenvolvimento que são vividas, mas que não são puristas e nem exclusivos. O importante na análise do Desenvolvimento é nunca perder o seu caráter geográfico, isto é, apropriado a um espaço determinado, também o seu caráter histórico, o qual demarca o período em questão e o fato de ser dialético em sua pluralidade de possibilidades.

Também me debrucei sobre a compreensão da Paisagem como possibilidade de ferramenta analítica do desenvolvimento; o qual, está situado em um contexto espaço-temporal específicos, que é uma comunidade tradicional caiçara, entre duas metrópoles, ao longo da segunda metade do século XX e início do século XXI.

Esse recorte temporal engloba até cinco gerações vivas em Trindade, as quais agrupei seguindo os avanços propostos por Penna-firme (2013) em uma ecologia de eventos colaborativa. Em trabalhos de campo exploratórios identifiquei que a disputa por terras e a chegada do turismo²⁵, e possivelmente o pós-pandemia (visto seu fechamento para os turistas, durante uma média de cinco meses do ano de 2020) dividiram os tempos e as gerações, de modo que os próprios trindadeiros se identificam como Antigos, Filhos da Luta e Molecada.

Os *Antigos* que viviam em um sistema de vida mais simples e ligado diretamente a terra, e protagonizaram ou viveram a grande resistência contra a Companhia; os *Filhos da luta*, representam os nascidos pós-acordo de terras e viram e protagonizaram o crescimento do turismo; a *Molecada*, que é a nova geração

²⁵ Na seção “3. Entendendo os tempos, seus símbolos no território e suas marcas na paisagem...” encontra-se o histórico da comunidade, a partir de onde é possível evidenciar que a seleção de tais eventos é justificada pela própria história das comunidades e relatos de moradores

atuante em Trindade, aqueles que sempre viveram do turismo e pela primeira vez foram expostos a ausência desse fenômeno em Trindade.

A fim de não perder de vista a questão da vivência, do cotidiano, do passar o conhecimento de geração em geração, que é uma característica importante para as comunidades tradicionais, busquei trabalhar com as gerações dentro dos núcleos familiares que sabia previamente que contemplariam todas as gerações. Mas o campo nos traz limitações que precisam ser superadas, e necessitei fazer ajustes quanto a essa sequência familiar. Os entrevistados que foram selecionados em campo, vieram através das oportunidades que a estada em campo possibilitou e a busca de trazer representatividade espacial, isto é, ouvir moradores do Caixa d'áço, da Vila de frente para a praia e no "interior" da Vila; e moradores do Cepilho.

Geração/Família	Família 1	Família 2	Grupo 3
Antigos	Mantido (Vila interior)	Mantido (Vila praia)	Mantido (Vila interior)
Filhos da luta	Mantido (Vila interior)	Mantido (Vila praia)	Alterado (Caixa d'áço)
Molecada	Mantido (Cepilho)	-----	Alterado (Cepilho)

Quanto à escolha das técnicas que me ajudaram a levantar os dados, considerei que a coleta de dados para descrever a cultura caiçara e seu desenvolvimento seguiria uma abordagem qualitativa, para dados primários e secundários. Esses dados subsidiaram a elaboração dos inventários eco-geográficos, sobre conceitos e valores, sobre as representações e sobre as políticas (BERQUE, 2004).

A síntese desses inventários atenderá ao objetivo de descrição da cultura e territórios caiçaras em foco neste trabalho. A análise do conteúdo, segundo Bardin (2011), dos dados levantados e dos próprios inventários gerados será feita por duas categorias principais, estabelecidas, a priori, por mim para alcançar o segundo objetivo, sendo elas: desenvolvimento vivido e desenvolvimento idealizado. Sabendo que, estas categorias são da pesquisadora e podem ser adaptáveis às falas dos participantes locais da pesquisa.

Esclareço que “desenvolvimento idealizado” é trabalhado como aquele que se encontra no campo das ideias e dos discursos, ou como desejo explícito dos moradores da comunidade estudada e que contribuirão com esta pesquisa; enquanto o “desenvolvimento vivido” é aquele que pode ser observado concretamente na paisagem/território e é indicado pelos mesmos participantes como marca de desenvolvimento das comunidades.

Esses procedimentos para a coleta de dados sobre o desenvolvimento foram selecionados por darem conta das questões motivadoras, as quais expus na introdução, e seu uso é corroborado por Vieira e Santos:

Não há dúvida de que a análise do processo de desenvolvimento precisa ultrapassar as barreiras dos aspectos econômicos, o que faz surgir um novo problema: como medir esse desenvolvimento. Essa aferição, para ser feita, precisa considerar fatores específicos de cada sociedade, conforme valores culturais, sociais e psicológicos, pois as necessidades humanas são tão diversificadas quanto às diferenças regionais. O valor atribuído aos bens materiais e imateriais é relativo à matriz cultural, histórica e cultural de cada região (VIEIRA e SANTOS, 2012, p. 366).

3.1 Levantamento de dados

3.1.1 Trabalho de Campo

O trabalho de campo constitui-se de fundamental importância para esta pesquisa. Um campo exploratório ocorreu em maio de 2019, para conhecer parte da área estudada e estabelecer alguns contatos com moradores e possíveis entrevistados, também para ajudar a levantar preliminarmente parte dos inventários citados por Berque.

Durante os anos de pandemia do Coronavírus não foi possível a realização de nenhum campo, principalmente, devido ao fechamento das comunidades aos turistas durante o pico de infecções, entre os meses de março e setembro de 2020.

O trabalho em Campo ocorreu em agosto de 2022, onde foram realizadas entrevistas orientadas pela técnica da história oral, dando margem para que o próprio entrevistado deixasse aflorar aquilo que lhe é importante a respeito do desenvolvimento da cultura, de seu território e da qualidade de vida desfrutada por ele.

Durante minha estada em campo, pude observar o quanto uma comunidade que vive do turismo de verão, é afetada em um inverno com temperatura média de

20°C e a entrada de duas frentes frias seguidas. Pude ver jovens buscando tesouros (objetos de valor) que o mar de ressaca costuma jogar para a areia. Vi o horário da escola e dos ônibus alterados, pois a estrada continuava com trânsito precário. Andei de barco com mar grande e fiz trilha na chuva, pois estes são os meios de chegar e sair do Caixa d'áço. Meus dias, o que via, percebia, tomava nota gravada em meu celular e/ou fotografava (Figura 16 e 17).



Figura 16 - “Caça ao tesouro” em dia de ressaca em frente a Zona de Uso Coletivo. Fonte: própria, 2022.

11 de agosto de 2022. Aproveitei que a chuva deu uma trégua e vim dar uma volta para ver como está o movimento. Estava vendo a nova área da ACT e uma movimentação no mar me chamou a atenção. Estou embaixo da tenda de um dos quiosques e observo jovens rapazes brincando próximo ao mar, não consigo identificar o que estão fazendo, talvez caçando Tatuí, mas acho que aqui não tem Tatuí, e é estranho pensar que estariam brincando só com a água...voltou a chover, o celular está molhando, vou guardá-lo (Minha gravação de campo, 2022).



Figura 17 - Lanche neotradicional. Fonte: própria, 2022.

Lanche caçara contemporâneo: mesa farta de bolo, bolacha e pão. Enquanto a banana parece cumprir mais uma função decorativa. Nota no celular, 08/2022.

O campo, tanto nos tira fragmentos da pesquisa que foram idealizados teoricamente, quanto nos dá elementos de análise e pessoas as quais não faziam parte do planejamento. O campo é mais do que um instrumento de coleta de dados para o geógrafo, muitas vezes se impõe como o próprio motivador e questionador das teses propostas.

Para apreender ao máximo (visto que a totalidade não seria operacional) o que está efervescente no território, é necessário um exercício de constante análise, não somente do objeto de estudo, mas também de si próprio, como sujeito de uma ação que está também intervindo no espaço que está analisando. E, principalmente, uma análise sobre a relação ética e epistemológica com os demais sujeitos que compõem o objeto de estudo.

Durante o trabalho de campo, devido à dificuldade de acesso às outras duas comunidades que faziam parte desse estudo, foi necessário redesenhá-lo, para dar prosseguimento com o seu objetivo. O campo também deixou claro que, nem sempre, as pessoas que projetamos que irão nos ajudar, efetivamente o farão. Houve certa dificuldade em executar as entrevistas: para alguns entrevistados, pelo aspecto do que significa dar uma entrevista para a universidade, atribuído como algo muito importante; para outros, no extremo oposto, a proximidade entre pesquisadora e entrevistado faziam parecer que em qualquer outro momento, além do horário marcado, poderíamos falar daquilo.

Nunca ocorreu tantas vezes o “espanto” quanto às minhas perguntas: “Difícil, né? Chega a dar um arrepio”, “Nossa, boa pergunta que você me fez agora”, “Nem sei te falar, eu fico até sem jeito”, “Caramba, olha que reflexão você está me fazendo ter agora...”, “Perguntas difíceis, né?”. E não se tratava de uma dificuldade de compreensão da forma de falar, era perceptível que a dificuldade era associada às reflexões das próprias ações.

3.1.2 Entrevistas

As entrevistas constituem um momento formal de coleta de dados através de perguntas e respostas que se assemelha a uma conversa seguindo um roteiro semiestruturado. A entrevista semiestruturada, para Boni e Quaresma (2005), é

imprescindível na pesquisa em ciências sociais. Esse método de levantamento de dados consiste em um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (op. cit. p. 72).

A riqueza de uma conversa aberta torna difícil a posterior seleção dos trechos que serão aqui transcritos. Todavia, entender o contexto que o entrevistado cria para amarrar suas respostas é fundamental para compreender sua mensagem na íntegra. A fim de não perder de vista os dados que tenho interesse em levantar, foi elaborado um roteiro de entrevista com perguntas/ tópicos abertos, mas que não possuem uma obrigatoriedade de serem respondidas ou abordadas, caso o entrevistado passe a demonstrar que há outras questões que melhor contribuam para o desenrolar da pesquisa.

O roteiro²⁶ foi elaborado tendo em vista os inventários de Berque (2004), convidando os entrevistados a falarem de assuntos sobre: a natureza, sobre a relação com a natureza na infância e atualmente; sobre o conhecimento, organização e uso do território; sobre as instituições que gerem ou deveriam gerir o território; sobre qualidade de vida e perspectivas de futuro.

A pergunta adequada para orientar o pesquisador é “Quais indivíduos sociais tem uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado?”. A partir desta pergunta compreende-se que existem pessoas que contribuirão mais do que outras na investigação, mesmo “todos” estando vinculados ao problema investigado.

Os entrevistados, em princípio, eram famílias compostas com a três gerações de interesse, membros que viveram antes do tempo das disputas por terras (Antigos), membros que viveram a virada econômica pelo turismo (Filhos da luta) e membros que pela primeira vez se viram novamente “isolados” e sem a fonte de renda do turismo devido a pandemia (Molecada). Todavia, em campo, foram necessários ajustes, como a retirada dos entrevistados programados da terceira geração para outros dois que estavam disponíveis para a nossa conversa.

10 entrevistas foram realizadas em campo, todavia, 8 foram selecionadas, pelos entrevistados estarem mais próximos do que propus quanto a linhagem

²⁶ O roteiro de perguntas está em anexo. Sugiro ao leitor, conhecê-lo após a leitura sobre os inventários na seção de 3.2.1 Inventários, em 3.2 Procedimentos de análise de dados.

familiar, os outros dois não se relacionavam em nenhum grau aos outros entrevistados. Entre os quais 6 são homens e 2 são mulheres. Possuem idades entre os 30 e 72 anos.

O resultado das entrevistas será exposto por temas e o que cada geração falou sobre aquele tema, sendo evidenciado pela transcrição de fragmentos das entrevistas e ajudarão a compor o inventário de representações, dos conceitos e valores, e das políticas. Os temas são: Natureza; Paisagem; Organização; Desenvolvimento Vivido; Desenvolvimento Idealizado.

3.1.3 Dados secundários

O levantamento dos dados secundários foi realizado com bibliografias concernentes aos temas, tendo por base de busca as palavras-chaves desta pesquisa: desenvolvimento; paisagem; comunidade tradicional.

Para compor esses dados, fui em busca de documentos oficiais das instituições (como planos de manejo, leis e decretos federais e municipais); reportagens noticiando acontecimentos (como os assassinatos de dois trindadeiros em 2016 e 2022), redes sociais das instituições (ABAT, AMOT, ACT, Prefeitura de Paraty); e também as imagens de satélite atuais e séries históricas no Google Earth ²⁷. Com essas imagens de satélite, identifiquei as zonas que são comumente referenciadas durante as entrevistas, e a expansão urbana na vila e no Cepilho, confirmando o que foi relatado nas entrevistas.

O levantamento bibliográfico e documental não se encerra com o início da próxima etapa. Ao contrário, foi sempre necessário voltar a ele e revisar, ajustar, incluir, recuperar noções, temas, conceitos que vão se mostrando mais adequados à medida que a pesquisa foi sendo costurada.

3.2 Processamento e análise dos dados

3.2.1 Inventários

Os inventários são um procedimento proposto por Berque (1994) para compreender com maior detalhamento as marcas na paisagem impressas pela

²⁷ Série histórica das imagens de satélite encontra-se no Anexo com comparações de imagens de 2001 a 2021.

sociedade que a medeia e a matriz paisagística que influencia as possibilidades de desenvolvimento daquela sociedade.

Entretanto, é necessário reconhecer que estes em sua concepção original, não dariam conta de apreender o fator dinâmico da paisagem, buscando listar, localizar e identificar seus bens culturais, sem explicá-los em um sistema de representações, valores, conceitos e políticas.

Nesse sentido, o IPHAN atualizou o uso mais adequado do inventários considerando que estes devem ser um

conjunto, sendo delimitável num determinado espaço e tempo em função dos critérios definidos, sofrerá transformações: novos padrões emergirão, alguns entrarão em declínio e outros ganharão destaque imprevisto. Consequentemente, o Inventário Nacional de Referências Culturais produzirá sempre como resultado um conjunto aberto de ocorrências, que ademais serão datadas e parciais, perante o conjunto de casos possivelmente observáveis (IPHAN, 2000, p. 28).

Camargo e Amaral (2011) consideram que o inventário deve ser trabalhado como um mapeamento que permitirá

analisar o processo de adaptação do ambiente construído e paisagem a essas transformações e adequações arquitetônicas que seguem as novas necessidades e atividades desenvolvidas, identificando o potencial simbólico, que não apenas o bem cultural isolado apresenta, mas todo o seu contexto urbano, mesmo não se tratando de um sítio urbano histórico (CAMARGO; AMARAL, 2011, p.5).

Os autores (op. cit.) acrescentam que considerar o contexto dos elementos possibilita ações de preservação que incluam a malha que se relaciona a estes elementos, sendo capazes de salvaguardar a “sobreposição de diferentes momentos da história da arquitetura, do urbanismo, da cultura, da sociedade e da economia” (CAMARGO; AMARAL, 2011, p. 6).

Considero que o procedimento inventarial de Augustin Berque, ainda na década de 1980, já era proposto com essa mesma linha de pensamento, entendendo que os fatores naturais estão ligados ao simbólico e devem ser submetidos ao

exame sintético dessas diversas rubricas, fazendo com que se iluminem reciprocamente: o político sendo iluminado pelo ético, este pelo estético, e este pelo psicológico, este pelo ecológico etc. e em todos os sentidos. Sem desesperar diante da dificuldade e sem esquecer que, se tais laços não existissem, não haveria nem sociedade, nem cultura, nem paisagem (BERQUE, 2004, p. 242)

O autor ainda explicita que cabe a *geo-grafia* (descrição da terra pelos geógrafos) o inventariar das formas concretas da epiderme terrestre (BERQUE, 2004), realizando:

1. inventário eco-geográfico, que expressa como e em que grau tal sociedade transformou a natureza que habita;
2. inventário das representações, que busca conhecer como dada sociedade percebe a paisagem e sua relação com a natureza;
3. inventário dos conceitos e valores, como tal sociedade concebe e julga o natural, o artificial, o sobrenatural, a natureza humana, a própria natureza etc. E como esse quadro mental se traduz nas projeções de organização territorial;
4. inventário das políticas, que descreve sobre como o patrimônio eco-geográfico é gerado, e sobre quais instituições são criadas para organizar “seu mundo” e sua eficácia.

Entendo que Berque propõe um mapeamento com elementos naturais, construídos e seus significados que se retroalimentam, aquilo que ele chama de eco-símbolos. Não são apenas pontos fixos atrelados a uma coordenada geográfica, mas também sistemas, grupos, eventos, paisagens. São eco-símbolos que tornam visível a paisagem e compreensível a sua interpretação.

A própria noção de ecúmene, derivada de oikos, implica habitação humana. Ora, esta, comparada com as de outras espécies vivas, apresenta uma série de características particulares, que se podem resumir dizendo que é sempre e necessariamente, ao mesmo tempo, de ordem ecológica e de ordem simbólica. É eco-simbólico. Trata-se de uma apropriação material e semântica da extensão, um arranjo e uma interpretação do mundo, um ecossistema e um etossistema (um sistema moral), uma viabilidade biológica e uma ordem axiológica (um conjunto ordenado de valores concretamente corporificado nas coisas), que se refere finalmente a uma verdade que transcende este conjunto e quem lhe dá significado (MARIA, 2010, p.61).

Assim, o inventário desses eco-símbolos trará um diagnóstico inicial da cultura caicara em Trindade. Para sintetizar os eco-símbolos identificados nas entrevistas e em campo, produzirei uma tabela-síntese, onde os eco-símbolos estarão identificados como presente ou ausente na fala de cada entrevistado. Agrupei os 39 eco-símbolos por suas similaridades em 5 subgrupos que simplificam a análise.

3.2.2 Análise de conteúdo

Para a análise dos dados seguir-se-á pelas orientações de Bardin (2011) para uma análise de conteúdo por categorias. Para ela, "a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça" usando especialmente a indução e a intuição. Neste sentido, é importante evidenciar que a ênfase na subjetividade não é irreconciliável com o rigor científico. Este não exclui nem substitui sentimentos latentes e intuições não quantificáveis. A análise de conteúdo, numa abordagem qualitativa, ultrapassa o nível manifesto, articulando o texto com o contexto psicossocial e cultural (MORAES, 1999, p. 9).

Bardin (2011) apresenta três etapas para a análise dos dados: uma pré-análise para organizar, agrupar e ordenar informações de acordo com os objetivos da pesquisa; a exploração do material para categorização, isto é, agrupar dados considerando a parte comum existente entre eles e codificando esses grupos de dados; e tratamento dos resultados obtidos e interpretação:

Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos (...). O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas (BARDIN, 2011, p. 131).

A codificação das entrevistas possibilitará compreender a paisagem de Trindade no que diz quanto à qualidade de vida, à cultura e ao território. Também servirá para responder a questão do desenvolvimento vivido e idealizado na e para a comunidade, assim como, as características de desenvolvimento que foram sendo acrescentadas ou removidas a cada geração.

Apliquei as categorias de Meinig (2010) para a paisagem sobre o resultado das entrevistas, sendo elas uma forma de codificar a paisagem, pois, "qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes" (MEINIG, 2010, p.35)

Para o autor, uma mesma cena (paisagem) pode ser vista como: natureza, como habitat, como artefato, como sistema, como problema, como riqueza, como ideologia, como história, como lugar, e, a paisagem como estética, dependendo de quem a vê, vive e narra.

A seguir, farei uma apresentação sintética de como o autor conceitua cada uma destas 10 formas de ver a paisagem:

natureza - Todos os trabalhos do Homem sobre a Terra são passageiros e desprezíveis frente aos domínios fundamentais e duradouros da natureza. Há uma tendência de qualquer observador em remover a presença humana da cena, sendo associada à antiga visão de separação do homem e da natureza.

habitat - A paisagem é um fragmento da Terra, que é o Lar Humano, continuamente trabalhado para construir uma relação viável entre sociedade e natureza. Esta visão de harmonia entre sociedade e natureza é também antiga, cunhada pelo regionalismo francês que exaltava a riqueza das paisagens humanizadas no mundo agrário.

Artefato - Tudo que se vê é resultado da ação humana, de modo que não há mais fragmentos de natureza primitiva. O ser humano é visto como um criador e conquistador da natureza, ele remodela a Terra para satisfazer os desejos e necessidades.

Sistema - conjunto de elementos variados ou classes de fenômenos, que são indícios superficiais de processos subjacentes. A paisagem é vista como um equilíbrio dinâmico de processos interativos. É uma forma de olhar inerente à Ciência, ver a matéria e compreender as coisas que não estão aparentes a olho nu, como redes, fluxos, interações, uma imensa matriz.

Problema - Não são todas as paisagens que estão em crise, mas cada uma é um desafio de harmonia e eficiência. Está fortemente ligada à visão de Artefato, mas apresenta um controle e planejamento mais compreensivo da natureza.

Riqueza - visão orientada para o futuro, pois os valores de mercado estão sempre sofrendo mudanças e precisam ter suas tendências compreendidas. É a visão do especulador e também a do empreendedor e também do paisagista, para os quais, usualmente, o "desenvolvimento" é considerado "melhoramento". Está associada a

sociedades profundamente comerciais, pragmáticas e quantitativas em seus pensamentos.

Ideologia - outra visão ligada à Ciência, onde os elementos da paisagem são indícios e toda a cena reflete valores, símbolos de valores, ideias mestras, fundamentos filosóficos da cultura. Busca traduzir a filosofia das características tangíveis da cena e que Homens estão associados a elas. A alteração da paisagem é reflexo de alterações profundas do sistema social.

História - Cada objeto que compõe a cena deve ser datado em sua origem e em suas mudanças subsequentes. A paisagem não é um completo registro da história, mas fornece por inferência muito mais informações do que um olhar casual. Ela é um acúmulo de camadas da história que exhibe as consequências das escolhas feitas até ali.

Lugar - A paisagem como ambiente que abrange tudo o que vivenciamos. Daqui se evoca o agudo sentido de individualidade dos lugares, tornando-a uma forma de ver fundamental aos geógrafos. Esse geógrafo mapeará a variedade de padrões dispostos em área e as relações dos grupos, nós, dispersões, gradações, misturas, uma dimensão bem cultivada de lugar é uma dimensão importante do bem-estar humano.

Estética - subordinação de algum interesse à identidade e à função das feições com a preocupação de suas qualidades estéticas. A paisagem é um mistério que retém significados que nós tentamos capturar, mas não alcançamos.

4. Resultados e discussões

Esta seção é dedicada a apresentar os resultados dos levantamentos de dados e suas respectivas discussões à luz das teorias que foram expostas no referencial teórico. Está subdividida em: “Resultados de campo”, onde apresento os entrevistados que gentilmente contribuíram com as entrevistas; “Inventários de Trindade”, onde estão divididos em uma descrição dos eco-símbolos que foram mencionados pelos entrevistados e também os que observei em campo mas não foram comentados, resultando em uma tabela-síntese, e no inventários dos valores, conceitos, representações, onde se verá fragmentos transcritos das entrevistas para associá-los a natureza, a paisagem e a qualidade de vida; e a exposição da análise dos “Desenvolvimento vivido e idealizado”, associados às teorias do desenvolvimento.

4.1 Resultados de campo

Como comentado na metodologia, o campo para o geógrafo, muitas vezes, é mais do que um instrumento de coleta de dados. Estar em campo é decisivo quanto aos caminhos e parceiros que o trabalho percorrerá e contará com a ajuda. A realização do campo em si, é ao mesmo tempo técnica de levantamento de dado e resultado parcial de tudo que a pesquisadora propôs executar até então.

Por isso, apesar de escolher não identificar os trechos das entrevistas nominalmente, farei uma breve apresentação, como forma de agradecimento a contribuição dos entrevistados, e para que o leitor também possa compreender um pouco melhor quem são as pessoas e quais trajetórias estão informando os dados que analisarei.

Acrescento também a descrição dos locais onde as entrevistas foram realizadas a fim de aproximá-los da experiência do campo. Para tais descrições usarei termos que os próprios entrevistados usaram e ficará exposto através do texto em formato *itálico*.

Seu Norival (1951) - Caiçara de Trindade, da família Possidônio, um respeitoso vovô que vive até hoje no terreno recebido por seu pai, João Possidônio, no acordo com a Companhia. *A paz que tanto admira em seu lugar é transmitida em sua voz.*

Não ousa dizer que o tempo antigo era melhor ou pior em comparação ao atual, mas sabe apontar que *cada tempo traz consigo as suas ferramentas de vida e desafios*.

Nossa conversa aconteceu em mais uma manhã fria de agosto, enquanto seu Norival *aproveitava alguns feixes de sol no quintal*. Esse foi o terreno de moradia herdado de seus pais, nele espalham-se os gansos, galinhas, construções de moradia e turismo, materiais de construção e árvores. O som de carros chegando e saindo rompem o persistente canto dos pássaros. Vez ou outra um colorido Tucano, e um grande Jacu se deixam avistar nas árvores.



Figura 18 - Seu Norival Possidônio. Fonte: própria, 2022.

Seu Manoel (1954) - Caiçara de Trindade, *descendente das primeiras famílias que ocuparam o Caixa d'áço a partir do Camburí*, segundo relatos de sua avó. Líder de uma *extensa família*, que já lhe gerou bisnetos, *trabalha duro* desde a tenra juventude ajudando a mãe, no que lhe cabia na roça, e *quando mais velho já alternava entre a brincadeira de barquinho e na ajuda ao pai durante a pescaria*. Experiente nos manejos de embarcações, trabalha até hoje como "*dono*" do seu *próprio negócio*, integrando a ABAT. Preocupa-se com a sobrevivência de suas gerações diante das mudanças que tem visto, vivido e temido que venham a se concretizar. Se por um lado, *as condições naturais já dificultariam a sobrevivência através dos cultivos e do pescado*, por outro, a gestão contemporânea do território tradicional *tem inviabilizado e sufocado cada vez mais* os meios de reprodução da vida dos que nele habitam.

Nossa conversa aconteceu na praia, em um dos poucos dias em que estive no Campo, de céu azul e *mar com ondas menores*. Eu aproveitei para encontrá-lo na praia, mas os turistas pensaram da mesma forma e fomos interrompidos algumas vezes para que ele atendesse aos clientes dos passeios de barco da ABAT. Entre uma puxada de barco e outra, uma ida à piscina natural e outra, outros colegas também participaram de nossa conversa, compartilhando lembranças, pontos de vista, ensinamentos, preocupações. Um de seus filhos também trabalha na ABAT, mas *com o movimento conseguiu participar muito pouco* dessa conversa gravada.



Figura 19 - Seu Manoel (de costas) atendendo aos turistas na mesa da ABAT. Fonte: própria, 2022.

Dona Marinete (1956) - Caiçara de Trindade. *Neta e bisavó de trindadeiro*, possui uma história de força e protagonismo no seu dia a dia. Não está ligada às grandes lutas por ideologia, mas pela sobrevivência. Não se trata de discurso bonito, mas de uma clareza da necessidade concreta e do que é direito do viver. Necessidade de plantar, *direito de usufruir da terra; necessidade de ficar na terra*, direito de resistir; necessidade de melhores condições de vida, *direito à educação, direito a ir e vir*; necessidade de ver seus filhos seguros, direito de ter esperança de *um futuro bem bom para si e para as suas gerações*. Sim, futuro para si! Ela não está congelada no passado, dona de pousada/camping/estacionamento, fala das fotos do "Face" e usa o "zap", ao mesmo tempo em que acha graça de ter sido *apresentada a Pedra que engole (ponto turístico de Trindade) por uma sulista e depois de tantos turistas*.

Nossa conversa aconteceu à mesa de sua casa, próximo ao horário de almoço. Meus ouvidos se dividiam entre a sua voz, o som dos feitos do almoço na cozinha ao lado, a TV sendo assistida por seu esposo e a tempestade que caía do lado de fora. Em uma casa em frente ao mar, o som do vento, da chuva e das ondas quebrando é algo que passa pelas paredes. Esse é também o *terreno herdado pelo acordo com a Companhia, a casa original foi derrubada* e foi dando lugar a moradias para os filhos e uma pousada.



Figura 20 - Área aproximada do terreno dos Carmo, com as residências própria e dos filhos, a pousada, e a igreja Assembleia de Deus; a área de camping e estacionamento; Genro e neto consertam telhado após a tempestade. Fonte: Instagram @espaçoindiotupi; e própria

Robson (1982) - Caiçara de Trindade, da família Possidônio, *descendente de Carapeba* segundo as histórias de sua avó. Filho do seu Norival. Pai da Maria Flor. Carrega em suas palavras o enraizamento local e o respeito ao modo de vida entrelaçado à natureza. "*Eu pertencço a ela e ela me pertence*", diz ele. Suas práticas cotidianas demonstram uma *luta contínua pela preservação cultural, que é também a preservação do natural*. Em diversos momentos de sua trajetória ocupou cadeiras de liderança em associações locais e nacional. *Pescador - Coletor* e - por que, não? - empresário do turismo também.

Nossa conversa aconteceu à mesa de sua casa, com *um cafezinho para aquecer* o anoitecer gelado que se iniciava. Estamos dentro do terreno do seu Norival, pai de Robson, e ao lado da pequena casinha em que Robson morava em 2014, quando tivemos nosso primeiro contato para uma entrevista de minha monografia. Atualmente a casinha serve de estadia para turistas.



Figura 21 - Robson aplicando barro na nova estrutura da ABAT; antiga moradia que atualmente tem uso de hospedagem. Fonte: Instagram @abattrimdade; própria, 2022.

Edivaldo (1972) - Caiçara de Trindade, *da família tradicional "Do Carmo"*, filho da dona Marinete, pai da Melina. Coleciona histórias da Trindade, as quais conta sempre com um sorriso de saudade. Desde a *infância simples*, nas casas de pau-a-pique, acompanhando a mãe na roça, ou na adolescência junto a avó, enquanto resistiam aos despejos da Companhia, ou *na juventude surfando altas ondas e atraindo atenção das turistas*. Desde cedo viu no turismo a oportunidade de deixar

para trás a vida dura da lavoura e da pesca, considerando que o que a terra dá, poderia ser mais lucrativo e permanente *se preservado e apresentado como paraíso* único aos turistas. Ainda assim, é um dos poucos que possui cerco de pesca na água (na época adequada). Sua tradição é um coração generoso e hospitaleiro.

Nossa conversa aconteceu em sua sala, aproveitando o dia de folga de Edivaldo da ABAT. Estamos no terreno de sua mãe, dona Marinete, mas sua casa é uma e a da mãe é outra. Essa casa é a moradia de Edivaldo, mas também era usada para aluguel de final de semana com constância. Em nosso encontro ele me relatou que estava para realizar o último aluguel de sua casa para um casal amigo, mas que encerraria esse tipo de atividade com turistas devido a muitos estresses.



Figura 22 - Ao final da entrevista nos encaminhamos para a varanda de casa e nesse momento ele diz: - essa é a Trindade que quero para minha filha. Essa beleza, essa paz! Fonte: própria, 2022.

Katia (1974) - Cunhada do Onildo (um dos dois núcleos familiares que resistem na praia do Caixa d'áço). *Caiçara de Ubatuba*, veio morar em Trindade na década de 1990 ao iniciar seu relacionamento com Taninho, irmão de Onildo. Trabalha no camping/restaurante 30 Réis no Caixa d'áço e mora na Vila. *Apaixonada pelo Caixa d'áço, reconhece que esse espaço é seu lugar de identificação e reprodução dos seus meios e ideais de vida*. Carrega uma forte herança de aprendizados familiares

sobre como viver a partir das matérias-primas que a natureza oferece e como é possível respondê-la através de um sistema de trocas oferecendo-lhe respeito aos tempos e processos dos ciclos naturais.

Nossa conversa aconteceu no 30 Réis, em uma quinta-feira pré festival da Cachaça em Paraty, e que segundo Kátia, *já estava atraindo os turistas também para Trindade, mesmo com o céu nublado*. O 30 Réis tem uma *estrutura simples, mas colorida*. Entre o rústico e a natureza, o belo é facilmente registrado: parede de sapê, madeira, plaquinhas de mensagens positivas, conchinhas e artesanatos. Aqui Kátia *serve uma comidinha feita no dia, com peixe pescado no mar da frente, camarão, se não for tempo de defeso, e coco verde, se conseguirem trazer de Paraty*.



Figura 23 - 30 Réis e sua decoração simples mas bonita. À mesa na areia estão turistas aguardando o almoço que Kátia está preparando enquanto eu registro imagens do local. Fonte própria 2022.

Augusto (1990) - Neto do seu João Possidônio, filho de caíçara com uma paulistana, morou no interior de São Paulo até seus 10 anos de idade com a mãe, quando veio para a pequena vila de pescadores no início dos anos 2000. Relata que *ainda acompanhou a entrada do turismo na vila, e viu o crescimento urbano desordenado acontecer*. Mas demonstra consciência de que o espaço que a natureza perdeu, *ela irá retomar*, e que se houver vontade das pessoas e *apoio das*

instituições é possível que essa retomada seja feita de forma a reequilibrar o uso e a preservação.

Nossa conversa aconteceu no canto da praia dos ranchos. Iríamos conversar na ABAT após seu dia de trabalho, mas a entrada da frente fria estava trazendo um vento muito forte e perguntei se ele conhecia algum lugar onde não ficássemos tão expostos a ventania. Curiosamente, fomos parar em um lugar da praia dos Ranchos, em que seu Norival, que é seu tio, comentou durante sua própria entrevista que era onde os amigos se encontravam: “Se tivesse um amigo, que fazia tempo que você não via, era só ir ali que era certo de encontrar” disse ele. Esse mesmo canto também é o lugar onde sua família participou de filmagens para uma emissora de TV na década de 1990.



Figura 24 - Augusto Possidônio, posa dando entrevista no mesmo local onde sua mãe e ele foram filmados em 1990 e seu tio comentou que era o canto de encontrar os amigos (1978). Fonte: própria, 2022; documentário sobre a morte de Ulysses Guimarães; acervo AMOT.

Fábio (1990) - Trindadeiro, *Neto e filho de nativas de Trindade*. Um jeito pacato, com ritmo da natureza, mora no alto do Cepilho e trabalha em um restaurante na vila, também *tem o próprio quiosquinho de bambu na praia dos Ranchos para tirar a sua subsistência*. Tem buscado junto a sua geração o seu espaço de fala na comunidade e tem estado por dentro dos processos de *retomada e resistência dos terrenos ocupados* por agentes de fora, contando com a institucionalização da ACT.

Nossa conversa aconteceu no restaurante em que Fábio trabalha. Restaurante premiado que alocou-se por muito tempo na praia do Meio e foi demolido em operação do ICMBio em 2012. Os donos trouxeram o uso turístico

para o terreno de moradia da família em frente ao mar na praia de Fora²⁸. O movimento estava fraco e conseguimos conversar.



Figura 25 - Restaurante em que Fábio trabalha, com os prêmios na parede. Fonte: própria, 2022.

4.2 Os inventários de Trindade

Partindo das ideias de Berque e Besse apresento agora um inventário da paisagem de Trindade retratada pelos entrevistados em um recorte temporal da década de 1950 à década de 2020 (incluindo também os anos à frente de 2022, visto que falamos de perspectivas de futuro, em uma média de 10 anos). O qual está aberto para incrementos de novos eco-símbolos, exclusões e ressignificações desses símbolos e relações.

Após o campo, construí uma tabela (Figura 26) com manifestações concretas no território, que a priori faziam sentido para mim e que eram esperadas que aparecessem nas entrevistas. Com as entrevistas transcritas passei a identificar nessa tabela a presença ou ausência destas manifestações nos discursos dos entrevistados.

Houve itens que não foram citados por nenhum dos entrevistados, como a “Estrada Paraty-Cunha”; houve itens citados por apenas uma geração como a “APA

²⁸ No ano (2022), essa família sofreu mais um abalo. O esposo do casal foi brutalmente assassinado por ter se recusado a atender um turista enquanto seu restaurante não estava aberto. A família estava reunida no restaurante, pois o espaço também faz parte de seu uso particular, quando um turista quis comprar uma bebida, mas não foi atendido. Somado a isso, ao ver em uma das janelas do restaurante o adesivo do moto-clubes rival ao que o turista é filiado, ele ficou enfurecido e voltou mais tarde para atacar à facadas Bieca. O assassino está internado em uma clínica psiquiátrica particular, sob argumento de não lembrar do ocorrido.

Cairuçu - INEA”, Houve itens que foram citados por nomes locais, como a estrada Patrimônio - Trindade, localmente chamada de “Deus me livre”; houve itens que eu não havia incluído, mas apareceram nas entrevistas, como a “Companhia”.

	Ecosímbolos no ecúmeno	Trindade							
		Antigos			Filhos da Luta			Molecada	
		Seu Norival (1951)	Seu Manoel (1954)	Dona Marinete (1956)	Robson (1982)	Katia (1974)	Edivaldo (1972)	Augusto (1990)	Fabio (1990)
SIS-MA DE VIDA MAIS SIMPLES (TRADICIONALIDADES)	Registro de roçados antigos	x	x	x	x	x	x		
	Roçado	x	x	x	x			x	
	Rancho de pesca			x	x			x	
	Criação animal			x	x			x	
	Casa de Farinha	x	x	x	x		x		
	Saberes tradicionais	x	x	x	x	x	x		
	Conhecimento do território	x	x		x	x	x		x
	Materiais de pesca	x		x	x				
	Canoa			x	x			x	
ESTRADAS	BR-101	x	x	x					x
	Paraty - Cunha								
	Patri - Trindade/ Deus me livre		x	x	x	x	x	x	
	Calçamento da Vila					x	x	x	x
	Estacionamento				x		x		
	Carro/ônibus/van		x	x	x	x		x	x
SISTEMAS DE VIDA MAIS COMPLEXOS (MODERNIDADES)	Lamps, placas solares, gerador...	x	x	x	x	x	x	x	
	Esgoto sanitário			x	x	x		x	
	Estação de tratamento, filtros...	x	x	x					
	Antenas de sinal (tel, internet, tv)			x		x			
	Escola	x	x	x	x	x			
	Posto de saúde			x					
	Entretenimento	x				x			
	Limpeza urbana			x			x		
	Barcos, motor...	x	x	x		x	x	x	x
TURISMO	Hotéis, pousadas e Campings	x	x	x	x	x	x	x	
	Restaurantes	x	x	x	x	x	x		x
	Atrativos turísticos		x	x			x	x	x
INSTITUIÇÕES	PNSB (ICMBio)		x	x	x	x	x		x
	APA Cairuçu (INEA)							x	x
	AMOT			x		x	x	x	x
	ACT					x	x	x	x
	ABAT		x	x		x	x	x	
	Prefeitura			x	x		x	x	x
	Companhia	x	x	x			x	x	x
CONFLITOS POR USO E POSSE DA TERRA	Famílias e violências	x		x					
	ICMBio		x	x	x	x	x		
	INEA								
	Grileiros		x				x		
	Os de fora	x		x			x		
	Turistas	x		x	x				

Figura 26 - Eco-símbolos sobre o ecúmeno. Fonte própria, 2022.

A tabela foi montada buscando relacionar quais eco-símbolos (linhas) foram citados ao longo das entrevistas das gerações (colunas). A comunidade de Trindade, neste trabalho, é representada por três gerações: os Antigos, os Filhos da Luta, e a Molecada, estes possuem suas datas de nascimento ao lado de seus nomes.

Conforme cada um destes cedeu sua entrevista, foram falando de objetos, instituições, situações, que têm ou tiveram uma manifestação concreta no território. Assim, fui identificando (com a marcação do X) quais desses itens apareceram também em outras entrevistas. A ausência de X indica que aquele entrevistado não fez menção sobre aquele eco-símbolos.

Os eco-símbolos foram agrupados em “sistemas de vida mais simples”, correspondendo a manifestações mais associadas às tradições; “estradas”, englobando todo o sistema que envolve a presença de uma estrada; “sistemas de vida mais complexos”, correspondendo aos eco-símbolos associados a paisagens urbanas; “turismo”, aquilo que atrai e possibilita tal fenômeno; “instituições”, como os gestores com suas leis e normas, e também presença física humana ou infra estrutural, marcam o território; “conflitos por uso e posse de terra”, a gestão tem gerado conflitos de diferentes natureza e gerado problemas que se expressam no espaço.

A seguir, comentarei de forma mais detalhada sobre os eco-símbolos que compõem a paisagem e manifestam-se de forma concreta no território. Acrescentando também àqueles que foram observados por mim em campo, ainda que não tenham sido registrados nas entrevistas.

4.2.1 Inventário de eco-símbolos sobre o ecúmeno.

SISTEMA DE VIDA MAIS SIMPLES (TRADICIONALIDADES)

Este é um grupo de elementos que podem ser observados em campo, que estão nos relatos dos entrevistados e que marcam a paisagem da comunidade de forma a chamar a atenção pela distinção com a paisagem urbana com a qual está pesquisadora é familiarizada. Apesar dos diversos trabalhos de campo já realizados, é como se com o passar do tempo, novas camadas da paisagem (o aspecto visível e principalmente o sensível) fossem sendo permitidas a mim e percebidas por mim. O registro dos antigos roçados é um dos elementos mais marcantes que trago

relacionado a essa experiência de aprofundamento. Antes, cicatrizes na vegetação ombrófila densa sobre relevo íngreme, favorável a movimentos de massa; depois, registros de roça de subsistência em sistema de pousio e coivara em atual área de Proteção Integral; e então, antigos roçados, de onde tudo que se plantava, dava, e dali as famílias se alimentavam, e ajudavam seus vizinhos; até chegar na mais recente camada que acessei através das histórias familiares dos entrevistados. “foi ali, ali no Caixa d’áço que a Trindade começou. As famílias que vieram da divisa com o Camburi, e depois foram se estendendo para tudo isso aqui”.

Registro de roçados antigos: Os três Antigos comentam dos espaços que usavam para fazer o plantio, principalmente da mandioca. Comentam do sistema de pousio de terras, onde era possível plantar, deixar a terra recuperar os nutrientes e continuar a ter matas preservadas, onde era possível também extrair recursos como madeira, cipó, e caçar animais. Até a destruição da antiga vila de pescadores, havia lavouras em toda a Trindade, desde a BR 101, incluindo a praia Brava e se estendendo até a baía do Caixa d’áço. Atualmente, ainda é possível ver os registros de roçados antigos nas encostas do caixa d’áço, através da diferença de cor e profundidade entre o dossel das árvores. Manchas de verde mais claro e mais baixo mostrando uma vegetação mais nova que o entorno com cor em verde mais escuro e vegetação mais alta.

Roçado: Para os Antigos a prática do plantio em Trindade, praticamente acabou. Atribuem que a enxada e o arado não são mais as ferramentas desse tempo, mas a caneta. As restrições da legislação ambiental reduziram as possibilidades de plantio, sobrecarregando as terras disponíveis, deixando-as desnutridas. O morrão no Cepilho ainda é apresentado como um espaço de plantação, mas mais associado à manutenção da prática pela prática do que pela subsistência. Os Filhos da luta e a Molecada alternam o uso das terras herdadas na área de trabalho (morrão no Cepilho) entre moradia, matas e pequenas roças recreativas.

Rancho de pesca: Os ranchos apareceram apenas uma vez nas entrevistas, como espaço de abrigo dos apetrechos de pesca na antiga vila de pescadores. Mas, estão presentes no território, ainda que poucas edificações mantenham o uso tradicional da pesca. Há ranchos na praia do Caixad’áço, na praia do Meio (propriedades de

uma família tradicional que estavam embargados judicialmente, e o rancho da ABAT), e na praia dos Ranchos (a maioria foi adaptada para os serviços turísticos como bares e restaurantes). Entendo que os ranchos que mantêm o uso da pesca, possuem uma extensão em terra, áreas onde barcos que não são guardados ocupam, e áreas ainda maiores em que as redes de pesca ficam estendidas para manutenção (ex: Praça Dão e canto da praia do Meio); e uma extensão em mar com os cercos de pesca.

Criação animal: prática que aparece nas falas das três gerações, sendo apresentada, inclusive como um prática que ajudou no momento de fechamento da vila no pico da pandemia do coronavírus, onde os vizinhos buscaram fazer trocas de animais e de ovos. Fora da avenida principal, e mais comumente em espaços só de moradia (sem função turística), é possível avistar galinhas soltas em diferentes terrenos e galinheiros. Na época dos antigos ainda se realizava a criação de outros tipos de animais além de aves. Atualmente, apenas aves são observadas.

Casa de Farinha: todas as gerações falam do feitio da farinha, de secar a farinha, de fazer o beiju com a farinha, da descida da farinha do morro para comer com o churrasco de Tainha. Mas nenhum comentou de um local específico onde a farinha continua sendo feita. Em conversas informais foi comentada a possibilidade de ainda haver uma casa de farinha próximo ao caminho da cachoeira, mas estaria desativada. Segundo mapeamentoêmico publicado em 2016, há uma casa de farinha no Caixa d'áço. A casa que abriga a Escola do Mar é o espaço que todos os anos no Festejo Caiçara tem como uma das atividades de celebração da cultura caiçara o preparo da farinha.

Saberes tradicionais e Conhecimento do território: são elementos abrangentes e que estão profundamente ligados ao simbólico que se materializa sobre o território e no material disponível no território que viabiliza a produção de vida das populações tradicionais. Todas as falas, da mais tímida a mais eloquente, é rica das histórias de vida e de como os conhecimentos para sobreviver naquele território eram passados de geração para geração.

Materiais de pesca: os materiais em si não foram citados, mas a pesca. Como sem eles não é possível a pesca acontecer, considere que estes estão implícitos em cada fala sobre a pesca. Então, sejam os Antigos contando que o pai saia para matar o peixe no costão, ou a molecada saindo para o cerco, os materiais de pesca como redes, linhas, agulhas, canoas, remos, barcos são observáveis.

Canoa: as canoas foram sendo trocadas pelos barcos, estão expostas nas casas e restaurantes. A canoa no mar vai à reboque do barco para ajudar na visita ao cerco. E na pesca da Tainha ainda é preferida em relação ao barco por ser mais silenciosa. Além da típica corrida de Canoa Caiçara que acontece no Festejo de Trindade e outros campeonatos que as comunidades vizinhas organizam. A canoa é um eco-símbolo importante pois concentra em si diferentes significados, como o conhecimento do território (da terra, para extração da madeira adequada; e do mar, para o caminho adequado ao seu uso); e o saber tradicional para saber o tempo da lua para realizar a derrubada da árvore; entalhar o tronco e transformá-lo em canoa, saber entrar e sair do mar; além do companheirismo, pois ninguém faz a puxada da canoa da mata para a praia sozinho. É preciso considerar que além da redução desses fatores, há também o aumento das restrições pela legislação ambiental.

ESTRADAS

Os caminhos e mais precisamente, o asfalto, o piche, vem anunciando que um outro sistema de mundo se aproxima, e que tem pressa de chegar e oferecer todas as suas facilidades e confortos. A estrada do progresso facilita o acesso do turista e do dinheiro. O turista ensina o caiçara de vida dura da roça sobre a estrada e suas facilidades. O caiçara constrói a estrada para subir a encosta, que antes o levava só para a lavoura, mas agora também leva para a pousada que vai hospedar o turista e trazer dinheiro para o caiçara.

BR-101: Aparece como um dos elementos do progresso. Através dela a vida ficou um pouco mais fácil para os Antigos que usavam uma média de 4 horas de caminhada até Paraty. A Molecada considera que muitas das mudanças que Trindade viveu, veio através da facilidade de acesso que se abriu para a vila. Também chamada de Rio-Santos é fundamental para compreender a influência das

metrópoles fluminense e paulistana sobre Trindade. Todos os entrevistados estabeleceram algum tipo de ligação com São Paulo, Santos e Ubatuba.

Paraty - Cunha: não aparece em nenhuma das entrevistas, apesar de ser um dos caminhos mais simples de Paraty para o interior de São Paulo.

Patrimônio - Trindade/ Deus me livre: a estrada de barro íngreme que lhe garantiu o nome local de “Deus me livre” faz parte da história de todos, seja em apuros descendo um caminhão no lamaçal ou na lembrança imaginada dos pais chegando no natal após o mês fora pescando. A estrada da Trindade é o caminho por onde vem a mudança, o progresso, o dinheiro, o turismo, muitas vezes usados como sinônimos pelos entrevistados. Foi asfaltada na década de 1990 através de um acordo entre a 1ª gestão da Associação de Moradores e o prefeito de Paraty. Foi onde o primeiro bloqueio contra as viaturas do ICMBio e tratores que desceriam para demolir os quiosque da praia do meio foi levantado com pneus em chamas (2012); Durante seis meses ininterruptos, do ano de 2020, a comunidade instalou uma guarita de fiscalização de entrada e saída de Trindade, buscando resguardar a comunidade dos casos de coronavírus; Apesar da importância desse caminho, a comunidade continua a apontar o descaso dos órgãos competentes com o seu cuidado. Em 2021, um ônibus tombou na estrada deixando 48 feridos e 6 mortos. Em 2022, com as fortes chuvas no início do ano, houve inúmeros pontos de deslizamento, deixando a estrada bloqueada por uma semana, quando a própria comunidade se organizou para contratar serviço de explosão de blocos para desobstruir a estrada e permitir os reparos na energia elétrica e sinais de telefonia. Durante a execução do trabalho de campo, o transporte para a vila ainda estava reduzido e oscilando, Apenas pequenos automóveis estavam conseguindo transitar, impedindo a preparação para a alta temporada do verão 2023. Observei em campo, que algumas estradas vicinais ao longo do Deus me livre, principalmente na proximidade da vila, tem sido asfaltadas, de modo que já aparecem como estradas abertas nos sites de localização.

Calçamento da Vila: existe uma demanda dos entrevistados quanto ao uso adequado das calçadas para os transeuntes e não como extensão dos restaurantes ou das lojas. Enquanto as calçadas são ocupadas por bancadas e mesas, os pedestres

caminham na rua e dificultam o trânsito. Em conversa informal com um carioca que mora em Trindade há muitos anos, ele me relatou que após colocarem o asfalto no Deus me livre, chegou o momento de asfaltarem a vila, e levantou-se a questão sobre a impermeabilização do solo, e ele trouxe de outro município que estava visitando uma opção de calçamento alternativo ao piche, um bloquete, o qual foi aceito e é como Trindade é calçada até hoje.

Estacionamento: com a facilitação do acesso à Trindade, os moradores que antes recebiam campistas com barracas nas costas, passaram a receber famílias inteiras com crianças e idosos em seus carros. Os quintais que deram lugar aos campings, agora estão perdendo espaço para os estacionamentos e possibilitando uma estadia mais confortável para os visitantes e mais rentável para os empresários do turismo. Há também um estacionamento na Zona de Uso Coletivo de Trindade, que é administrado pela Associação de Moradores, e neste ano foi dividido com a Associação Caiçara de Trindade. No alto do Deus me livre, há um estacionamento de ônibus de turismo que não são permitidos e nem caberiam nas vias da vila.

Carro/ônibus/van: junto a estrada vem também os automóveis que por ela circulam e isso fala de fluxo. Fluxo que na temporada é um, e fora da temporada é outro. De dezembro a março é comum ver filas de carros ao longo da vila, pois os estacionamentos não dão conta de comportá-los. Os ônibus com partidas de 1 em 1 hora, saem e chegam superlotados de turistas dificultando o transporte de moradores e trabalhadores. As vans são um transporte alternativo aos ônibus, que saem com maior frequência, mas também rodam no limite da lotação. Fora da temporada é tempo de ver menos vans, mais caminhões com material de construção, mais carros dos moradores (geralmente, modelos populares com maior espaço de bagageiro).

SISTEMAS DE VIDA MAIS COMPLEXOS (URBANIDADES)

Classifico esse grupo de elementos urbanos como sistemas de vida mais complexos por estarem atrelados diretamente a funcionalidade de sistemas maiores que extrapolam o território da comunidade de Trindade. Para que esses elementos estejam presentes nessa paisagem é necessária uma rede muito maior de articulações, até mesmo de interesses internacionais

Lâmpadas, placas solares, gerador: Até a década de 1980 esses elementos não eram vistos na vila de pescadores, as lamparinas e o querosene foram sendo substituídos pelas lâmpadas elétricas, e mais recentemente, já é possível ver placas solares que abastecem parcialmente algumas casas. Os geradores à gasolina ou diesel permanecem em uso, pois o abastecimento de energia acaba por diferentes motivos, seja pelo pico de consumo no verão, ou pelo mau tempo no inverno. Quando cheguei em campo, Trindade já estava sem luz desde a noite anterior e assim ficou até o dia seguinte. O que era comum para os Antigos, e lhes trazia uma organização das tarefas diárias em função da luz do dia para que ao apagar da lenha do fogão que fizera o jantar, todos já estivessem na cama, agora gera momentos para histórias em família quando uma geração conta a outra dos feitos bravios, ou também gera agonia como pude acompanhar de perto “Ah, e essa luz que não chega!!!”. Apesar das frequentes falhas de abastecimento, os entrevistados comentam dos altos valores que são cobrados nas contas de energia. Em um evento de chuvas extremas no início de 2022, a vila chegou a ficar uma semana sem energia elétrica.

Esgoto sanitário: Todo o município de Paraty não possui nenhum tipo de tratamento para o esgoto produzido. Trindade pela baixa densidade populacional desfrutou por muitas décadas de corpos hídricos aparentemente limpos, como exaltam os Antigos. Mas isso não impediu que no início dos anos 2000, a comunidade buscasse a instalação de uma Estação de Tratamento de Esgoto. Tiveram êxito em sua instalação, cerca de 80% da rede já havia sido colocada debaixo da terra, mas a briga judicial entre ICMBio e Prefeitura nunca permitiu sua conclusão. Em uma das entrevistas comenta-se que o atual prefeito está determinado a tocar as obras. Em novembro foi assinado contrato de financiamento para a execução das obras do sistema sanitário na presença de representantes da Associação de Moradores. Dois dos entrevistados fazem uso de sistemas de tratamento alternativo com biodigestores, e para a nova geração, tais sistemas seriam mais adequados à comunidade. Na ABAT também estão sendo instalados banheiros para os turistas e um biodigestor.

Estação de tratamento de água, filtros de água natural: Esses elementos estão ligados de forma estreita com o anterior. Com o aumento do despejo de esgoto in natura nos corpos hídricos, torna-se cada vez mais comum observar filtros caseiros em espaços que antes bebiam água direto da torneira, por exemplo, na ABAT.

Antenas de sinal (tel., internet, tv): há duas grandes antenas de telefonia, uma da Claro e outra em um terreno com antigo prédio da Embratel. É comum ouvir que o aparelho celular está sem sinal, tanto telefonia quanto internet. Todas as vezes que estive em Trindade desde 2014, vivenciei alguma instabilidade na emissão desses sinais.

Escola: Há uma escola do segmento fundamental, localizada no centro da vila. A escola é municipal, mas conta com o apoio financeiro e de pessoal dos padrinhos, que são a AMOT e a ABAT. Existe uma busca de inserção no currículo escolar de atividades que estejam alinhadas à cultura local, através do projeto de educação diferenciada para os povos da costeira. As duas mulheres entrevistadas falam da importância da educação para manter as novas gerações longe das coisas erradas.

Posto de saúde: Há um posto de saúde com duas agentes de saúde e um médico. Em feriados de pico recebe profissionais extras. O posto em si, aparece apenas uma vez nas entrevistas associado às contratações que a Associação de Moradores realizava nos feriados, pagando altas remunerações. A saúde em geral aparece como algo que se tinha no passado, como uma preocupação no presente e como um desejo para o futuro.

Entretenimento: Espaços de diversão e entretenimento foram aparecendo no território ao longo dos anos que frequento Trindade: a Praça Dão com playground infantil e rampa de skate no Cepilho, uma quadra poliesportiva da Zona de Uso Coletivo; o surf, diverte dos pré-adolescentes até aos Filhos da luta; as brincadeiras simples também persistem, como empinar pipa e caçar tesouro na areia durante a ressaca; os hábitos dos shows e das baladas acompanham a alta temporada (segundo as entrevistas os famosos shows de reggae que aconteciam na praia do meio e atraíam uma multidão para a pequena vila, acabaram com a chegada oficial do ICMBio; e as baladas na praia do Rancho também acabaram quando o principal

bar que promovia esse tipo de entretenimento, passou a ser administrado por um Filho da luta, ligado aos movimentos de resistência cultural).

Limpeza urbana: há algumas lixeiras de reciclagem instaladas pela Associação de Moradores ao longo da vila. Todavia, a empresa de coleta pública não retira o lixo desses pontos, é necessário que a associação também contrate uma coleta. A empresa de coleta pública também não realiza coleta dentro do Parque Nacional, demandando organização da comunidade para retirada do lixo do Caixa d'áço e Praia do Meio. O lixo gerado por moradores, trabalhadores e turistas desses dois espaços é acumulado para a coleta em uma das entradas para a Praia do Meio, gerando uma montanha de lixo.

Barcos, motor: Os barcos pessoais que faziam o transporte de turistas têm sido trocados por barcos maiores (que comportam mais pessoas por viagem, reduzindo o número de entradas na piscina natural) que pertencem à Associação de Barqueiros. No rancho da ABAT também se vê uma lancha para passeios de maior duração para as comunidades vizinhas. Depois do roubo de motores de alguns barcos, a ABAT passou a ter câmera de vigilância. Ainda sobre os motores, por exigência do ICMBio, todos os barcos passaram a usar motor que reduz o vestígio de combustível na água. Do outro lado do Costão, se aglomeram barcos dos barqueiros que não são associados à ABAT, e trabalham de forma individual. Ocupam parte do estacionamento da comunidade que é administrado pela ACT.

Mercados e Padarias: há três mercadinhos e uma padaria ao longo da rua principal, com poucos tipos de produtos e sem variedade de marcas. Sem concorrência os valores cobrados são altos (2 pães francês + Margarina Qualy 250g = R\$ 12,00).

Cemitério: a vila conta com um cemitério histórico no canto fundo da praia do meio, fora da frente de mar. Lá estão os trindadeiros que antecederam os Antigos, os Antigos que já faleceram. Também Filhos da luta e Molecada que partiram prematuramente. Muitos nomes que são honrados pela comunidade, se encontram lá.

Igreja: há três espaços na vila que são dedicados a reuniões religiosas, todas de caráter protestante. Nunca houve registro de espaços dedicados a outras religiões na vila. A Igreja antiga, que foi demolida pela TDT, era centro de reuniões para articulação comunitária, para fazerem frente às investidas da Companhia. As igrejas hoje, principalmente a Assembleia de Deus, localizada na rua principal, é apontada como um ponto de resistência dos valores de união na comunidade.

TURISMO

É um fenômeno complexo que poderia ser estudado por si só, e que não pode ser descartado da análise espacial pois está profundamente atrelado às ondas de transformação que Trindade vivenciou. Na década de 1970, com a abertura da via nacional translitorânea, a BR 101, a EMBRATUR²⁹ implementou o Projeto Turis³⁰, visando a vocação turística dos paraísos naturais, agora facilmente acessíveis. Enquanto o Brasil via oportunidade de dinamizar a economia através do turismo, no cenário internacional estava-se levantando fundos de investimento em áreas que carecessem de desenvolvimento na América Latina. Essa junção de políticas culminou na tentativa de expulsão dos caiçaras de suas terras para a

²⁹ Trago duas citações de relatórios da EMBRATUR do início da década de 1970 que expressam bem as características de como o turismo era pensado e proposto no Brasil: “A campanha objetiva criar a mentalidade do turismo interno. Cremos que o ponto de partida é incutir a classe A, a que dita moda, que fazer turismo no próprio país também é status. (...) Há ainda, a intenção de despertar nas pessoas um certo sentimento de culpa, ou mesmo de vergonha, pelo fato de não conhecerem certos lugares e coisas que vez por outra são citados nas conversas, inclusive as sofisticadas. É, pois, uma alfinetada na vaidade humana” (EMBRATUR, 1972).

“Na atualidade, o turismo tem considerável importância social, política e econômica, pois, democratizando-se, transformou-se em instrumento de aproximação dos povos e meio de divulgação cultural. Para muitos países representa, ademais, importante processo de promoção comercial e de estímulo à entrada de divisas. Em alguns casos, a atividade econômica constitui fator econômico vital, às vezes por ser o principal, às vezes por ser o único imediatamente viável” (EMBRATUR, 197? p.3).

³⁰ “O desenvolvimento do turismo em Paraty não sofreu influência do Projeto Turis. O objetivo do Projeto na cidade, segundo Dinner Mello, era a utilização turística dos espaços atrativos da cidade. Foi definido o uso dos loteamentos, a construção de condomínios, ocupação do solo, entre outros sem a consulta do município e ainda 42 segundo ele, não havia parceria entre os que trabalhavam para o Projeto sair do papel e a prefeitura. A prefeitura tinha interesse no Projeto, porém os consultores não levaram o projeto à prefeitura, não houve intermediação. O projeto foi idealizado, porém nenhuma ação foi implantada. Foi feito por pessoas que não conheciam a cidade e sua infraestrutura, e, além disso, houve uma separação entre o Projeto e a comunidade, que não foi consultada” (NOGUEIRA, 2011, p. 42).

construção de um resort em Trindade pela ADELA-BRASCAN³¹. Depois de quase 50 anos o fenômeno continua ativo e marcando a história de Trindade.

Pousadas e Campings: Os campings têm perdido espaço para os estacionamento, na vila. No Caixa d'áço, não existe essa possibilidade, e os campings seguem sendo o espaço de hospedagem para turistas, chegando a 80 pessoas nas festividades de final de ano em um dos campings. O número de Pousadas tem aumentado, as construções são continuamente vistas na vila, e a expansão urbana tem chegado ao morrão do Cepilho. Alguns entrevistados percebem de forma crítica essas transformações para atender ao turismo também nessa área. Mesmo com a ampliação do número de vagas para hospedagem, os entrevistados ainda falam da possibilidade de se instalar um limite de entrada de turistas.

Restaurantes: Os restaurantes não atendem somente os turistas que irão se hospedar em Trindade, contam também com os turistas que vem para uma visita de algumas horas. Há diversidade de culinárias (Japonês, Massas, Lanches veganos, Hamburguerias... e o restaurante com mais detalhes de decoração e iluminação, talvez não seja demais dizer “o mais requintado” é o que oferece como prato principal da casa o Azul Marinho, prato que os Antigos comiam quando dependiam da terra e do mar para se alimentar).

Atrativos turísticos:

Pista de voo de Paraglider - localizada no alto do Deus me livre possibilita o visual da praia Brava e praia de Fora;

³¹ Atlantic Community Development Group for América Latina (ADELA) - El Grupo de Desarrollo de la Comunidad Atlántica para América Latina fue impulsado en 1963 por la Comisión Económica de la Comunidad, bajo la presidencia de Estados Unidos. Sus principales objetivos eran obtener una mayor participación de Europa y renovar el impulso global del desarrollo económico en América Latina. La iniciativa habría de concretarse dentro de la jurisdicción conjunta del Secretario General de la Organización de los Estados Americanos y el Presidente del Banco Interamericano de Desarrollo, con la movilización de un empeño privado multinacional para asistir al sector privado latinoamericano mediante la creación de capital accionario.

http://www.educoas.org/Portal/bdigital/contenido/interamer/interamer_66/cap1_2.aspx

Brascan - Atual Brookfield Asset Management, com mais de US \$750 bilhões em ativos sob gestão e um patrimônio de mais de 100 anos como proprietários e operadores, investimos na espinha dorsal da economia global e estamos comprometidos em apoiar e melhorar as comunidades onde atuamos.

<https://www.brookfield.com/pt-br/about-us/who-we-are>

Praia do Cepilho - Praia de surfista, com ondas grandes e fortes, presença de costão e grandes rochas ao longo da faixa de areia; tem um rio que corta a estrada e deságua no mar, e em 2019 recebeu a pista de skate para os surfistas do asfalto;

Praia de fora - é a faixa de praia que liga o Cepilho e a praia dos Ranchos e acompanha toda a vila. Como diz uma das entrevistas “antes você não via o mar, porque tinha o jundú, tinha três saídas para a praia... agora...”, agora é possível descer para a praia na divisão de cada terreno.

Praia dos Ranchos - onde os turistas podem aproveitar a praia consumindo nos bares e restaurantes e ouvir música ao vivo; com o movimento da Molecada se estruturando para trabalharem com os barcos, os passeios turísticos também passaram a sair da praia dos Ranchos.

Toca dos ossos - um local de difícil acesso no costão e pouco divulgado a fim de alimentar o imaginário do local em que a história conta que foram encontrados ossos de gigantes que misteriosamente foram retirados por paleontólogos sem nenhum nativo saber dizer ao certo seu destino e origem.

Praia do Meio - Localizada dentro do Parque Nacional da Serra da Bocaina, é uma praia de enseada, dividida por um grande rochedo. De um lado encontram-se os ranchos desativados da família de D. Dolores e o rancho da ABAT, do outro lado desagua o rio Codós, que passa por trás da vila. A faixa de areia é dividida (ou disputada, dependendo do dia) pelos turistas, suas mesas e cadeiras, caixas de som, animais domésticos, ambulantes, comerciantes com tacho de óleo ferventem vendendo pastéis, barracas e cadeiras de comerciantes, árvores...

Cachoeira e Pedra que engole - Localizada dentro do Parque Nacional da Serra da Bocaina é um rio extenso que passa por alguns desníveis formando diferentes pontos de diversão, como as duas paredes, o poção, e o escorregador. O mais recentemente famoso, é a Pedra que engole, que é dita como “coisa de turista” por uma das entrevistadas, que em sua infância não existia, nem mesmo na de seu genro (infância na década de 1990).

Praia do Caixa d'áço - acessada de barco ou por trilha leve a moderada, também está dentro do PNSB e é considerada uma praia com mar perigoso, contando com recente guarita de salvamento do Corpo de Bombeiros. Nela residem dois núcleos familiares, que ocupam essas terras antes da chegada do Parque e por isso tem direito de permanência na terra. Restaurante e Camping a "Casa Caiçara" e o Restaurante/ bar e camping "30 Réis". Pelo acesso um pouco mais difícil, a presença de ambulantes e comerciantes é mais reduzida.

Piscina Natural do Caixa d'áço - formação geomorfológica de rochas soltas que se acumularam aos pés da encosta, com formato circular favorecendo a formação de uma piscina com água do mar. O espaço abrigado do mar aberto possibilita a fixação de algas e corais, atraindo pequenos seres da fauna marinha. É o destino da maioria dos passeios de barco que saem da praia do do Meio ou dos Ranchos. Tem sido um ponto de disputa entre os dois grupos de barqueiros, pois uns devem cumprir as regras ambientais por estarem dentro de uma unidade de conservação de uso indireto, sob pena de multa ambiental. Enquanto alegam que os barqueiros da praia dos Ranchos não utilizam o motor adequado para estar naquele espaço.

Cabeça do Índio - Limite do estado do Rio de Janeiro com São Paulo. A forma com que a rocha foi esculpida sugere semelhança ao perfil humano que seria adornado por um penacho feito pela vegetação.

INSTITUIÇÕES

Há uma consciência muito clara da parte dos comunitários de que é necessário se organizar através de instituições para fortalecer a luta por direitos de seus interesses e trabalhar junto às instituições de fora. A primeira que surgiu em Trindade e ajudou os trindadeiros a se organizarem na resistência contra a Companhia foi a Sociedade de Defesa do Litoral Brasileiro (SDLB), a qual era formada por turistas que ajudavam fazendo denúncias em jornais e contactando advogados que tivessem interesse em defender os nativos. Com a celebração do acordo, a SDLB saiu da cena de Trindade. Os próprios trindadeiros em 1989 organizaram uma associação com moradores (nativos ou não), em 1993 reformulou-se o estatuto e agora a associação seria apenas para nativos e originários de

Trindade, e em 2006 vê-se a necessidade de uma nova reabertura e funda-se a AMOT. Além da Associação de Moradores, há também duas associações de cunho profissional, a ABAT e a ACT, e outras (AST, Caixa d'ão Bocaina mar, Trindade Planet Life...). Apesar de Trindade “andar com as próprias pernas” como disse uma das entrevistadas, existem instituições de fora que marcam física e politicamente a paisagem de Trindade.

PNSB (ICMBio): Os limites do Parque Nacional são delimitados desde o seu decreto de criação em (1971), mas já foi objeto de disputas contínuas, considerando que havia 3 entendimentos possíveis no relevo a partir da leitura da legislação. Atualmente, o limite que tem sido aceito margeia a última rua da vila e desce em direção a ilha de Trindade e sobe a encosta margeando o rio da cachoeira. Não há portaria de alvenaria, como é costume nos Parques Nacionais, mas a partir da sequência de operações de verão promovida pelo ICMBio, placas foram instaladas nas entradas para a praia do Meio e para a cachoeira, também placas no início das trilhas que trazem informações para os usuários do Parque. As trilhas possuem pontuais intervenções que melhoram a acessibilidade, todavia, seguem sem manutenção desde 2019. Com a tentativa de implementação que vinha sendo trabalhada, cerca de 30 demolições de construções irregulares foram feitas (bares da praia do meio - 2012). Enquanto outras ficaram lacradas por anos, como é o caso dos ranchos da D. Dolores (que em novembro de 2022, conseguiram comprovar que são pertencentes a uma família nativa e que possuem o direito de permanência na terra). Durante o trabalho de campo (2022), estavam ausentes construções que no campo exploratório (2019) ainda estavam lá, ao lado da "entrada principal" do Parque.

APA Cairuçu (INEA): Todo o território de Trindade foi sobreposto por esta unidade de conservação. Entretanto, há apenas uma placa na entrada do Deus me livre, indicando que se está adentrando em uma unidade de conservação. O emblema da APA também aparece em mais uma placa na Zona de Uso Coletivo. Apenas um entrevistado comenta da APA, que no morrão por ser uma área de preservação existem regras de uso e ocupação. E também fala do INEA, mas como um termo geral para os representantes das leis ambientais. Ao me ver conversando com os barqueiros considerou que eu fosse do “INEA”.

AMOT: A Associação de Moradores de Trindade possui sede na rua principal da vila e possui diversas intervenções no território, da concretagem na pista da Pedra d'água no Cepilho; colocação de bloquetes deslocados por enchente; lixeiras de reciclagem pela vila; a Praça Dão; a Escola do Mar; estacionamento; quadra poliesportiva; a pista de skate. A associação de moradores em suas diferentes gestões é responsável direta por muitas das intervenções que ocorreram e ocorrem no território de Trindade.

ACT: A Associação Caiçara de Trindade originou-se de um movimento de retomada e resistência do território caiçara que estava por anos sob a cautela da Companhia. Com o assassinato do jovem caiçara Jaisson Caíque, o Dão, realizado por um agente de segurança pública que prestava serviço de segurança de patrimônio para a Companhia, a comunidade promoveu protestos contra tal violência e covardia. As manifestações envolveram a depredação de uma antiga guarita e a expulsão dos seguranças, o movimento fora protagonizado pelos amigos de Dão, o que se começou a chamar de o “movimento da molecada”. Segundo um entrevistado, a ACT ainda está começando tendo apenas 7 meses de existência. Mas vem com a proposta de ser um espaço comunitário, realmente aberto, para ouvir e debater as ideias principalmente da nova geração, que não se vê representada nas associações tradicionais de Trindade (ABAT e AMOT). A instalação da sede e construção na Zona de Uso Coletivo contou com o apoio do atual prefeito de Paraty, que forneceu parte dos materiais para a construção. Sua criação divide opiniões, enquanto alguns entendem que é o direito deles (a molecada) também buscarem uma forma de trabalho, outros veem com desconfiança o crescimento exponencial do movimento.

ABAT: A Associação de Barqueiros e Pescadores Tradicionais de Trindade tem sede no canto esquerdo da praia do Meio, onde o mar fica mais abrigado pelo pontal leste e pelo rochedo que divide a praia em duas enseadas. Um rancho feito de pau-a-pique, que vem se modificando, ganhando portas de madeiras, correntes e cadeados, câmeras de segurança. Recentemente, instalaram um bebedouro e quando estive em campo havia um biodigestor sendo instalado. Eles também contam com uma tenda personalizada de apoio para a venda dos passeios de barco na areia da

praia. Estruturou-se a partir dos movimentos de agentes externos no território. Com o avanço das restrições ambientais na área de trabalho dos barqueiros, viu-se a necessidade de se organizar como instituição para fazer frente às pressões que como indivíduos não resistiriam e acabariam perdendo o seu espaço de trabalho para uma empresa de fora de Trindade que ganharia a concessão de direito de uso junto ao PNSB. Em um dos momentos que estive na piscina natural do Caixa d'áço, duas turistas que estavam na fila do embarque para retornar a praia do meio e uma comentou com a outra que quando ela vinha a Trindade quem costumava fazer esse traslado eram os próprios pescadores locais, e não esse pessoal de empresa.

Prefeitura: há três estruturas que são associadas diretamente à prefeitura: a "Escola Municipal da Trindade Saulo Alves da Silva", a "Unidade de Saúde Básica da Família" e a "Associação Caiçara de Trindade" que está alocada na Zona de Uso Coletivo de Esportes e Lazer (área criada por decreto municipal). Mas, segundo os entrevistados, tudo em Trindade passa pela Associação de Moradores, o único momento em que a prefeitura se faz presente é através da cobrança de altos impostos. Através da rede social virtual da Associação de Moradores é possível acompanhar uma aparente aproximação entre ambas as instituições, como a celebração do financiamento da rede de esgoto e manutenção da iluminação pública realizadas em novembro e dezembro de 2022, respectivamente.

Companhia/ Adela-Brascan/ a Multinacional / TDT: falar dos registros materiais da existência da Companhia é complexo pois, ao mesmo tempo em que não há mais nenhuma estrutura de posse da Companhia, toda a organização da Vila é reflexo do acordo judicial que os trindadeiros ganharam sobre a Companhia. O arranjo espacial e a sua respectiva paisagem é a marca de um agente que não pode mais ser observado diretamente no território. Inicialmente dois grupos financiariam as transformações, a Atlantic Community Development Group For Latin América (ADELA) e a Brascan, atual Brookfield Asset Management no início da década de 1970, até que as tentativas frustradas de compra das terras diretamente com os trindadeiros, deram lugar a ações intimidatórias no final da década. Como dizem os antigos, a Companhia transformou completamente o antigo vilarejo, colocou abaixo as casas, soltou bois nas terras de lavouras para comer as plantações. Muitas famílias se viram obrigadas a sair de Trindade. Com o acordo em 1981 com a

Cobra-cinco, houve a reorganização entre áreas de residência (na atual vila) e áreas de trabalho (no morrão do Cepilho). A praia do meio e a atual Zona de Uso Coletivo continuariam como posses da Multinacional.

CONFLITOS POR USO E POSSE DA TERRA

Os conflitos por uso e posse da terra alteram com frequência e intensidade diferentes a paisagem. Sejam grandes mudanças como as promovidas pela grilagem das terras por um único proprietário, ou o loteamento e venda dos terrenos pelos próprios trindadeiros aos de fora. Seja a sobreposição de uma unidade de conservação de uso indireto e com ações mais incisivas (apesar de pontuais) ou a sobreposição a uma unidade de conservação de uso sustentável que possui regulação específica, mas em quase nada se faz presente no cotidiano da comunidade. Seja na presença ou ausência do turista na temporada/verão e fora da temporada/inverno, os usos dos espaços da comunidade se transformam e assim também a cena que se retrata da Comunidade Caiçara de Trindade.

Famílias e violências: Derrubada das casas e destruição de lavouras na década de 1970. Assassinato do jovem Dão por segurança da TDT e consequente retomada do terreno da TDT e transformação em Zona de Uso Coletivo.

ICMBio: Com a implementação do PNSB houve derrubada de cerca de 30 propriedades irregulares (construídas depois da criação do parque em 1971) e a regulação dos usos possíveis aos residentes que têm o direito de permanecer nas terras (pois usavam aquele espaço antes da criação do parque). Também houve a introdução de elementos, antes inexistentes, como escadas e corrimãos em parte das trilhas. Além da expectativa de construção da portaria oficial do parque em Trindade, processo que está para acontecer desde 2008.

INEA: segundo as entrevistas a regulação de uso da APA presente no plano de manejo, considera o morrão como uma nova área residencial que limita os usos agrícolas e que também orienta os padrões de ocupação, mas que tem sido desrespeitado.

Grileiros: a grilagem das terras foi o processo pelo qual a Companhia se dizia dona das terras que os trindadeiros se negaram a vender. Após o acordo entre ambas as partes, tornou-se mais difícil a grilagem. Todavia, em 2018, parte da praia Brava começou a ser cercada por pessoas que se identificavam como herdeiras daquelas terras, sendo netos de um antigo morador de Trindade. A comunidade não reconhece o direito de ocupação dos herdeiros e reivindica medidas dos órgãos competentes, como a APA Cairuçu.

Os de fora: estes são citados como aqueles que trazem hábitos de viver diferente dos locais, se relacionam de forma diferente e “ensinam” de forma indireta ao caixara essas novas formas. Os Antigos comentam que com os de fora vieram os muros. Em conversas informais com um De fora, ele relata que incentivou a família de sua companheira (nativa) a colocar o primeiro ponto de venda de bolos e refrescos na praia do Meio e a troca da canoa à remo pelo barco à motor; também os bloquetes que calçam a vila.

Turistas: têm um poder de transformação impactante na comunidade, apesar do poder limitado de realizarem alguma intervenção direta no território para além da duração de sua estadia. Tanto em entrevistas desta pesquisa, quanto em outras, é possível ouvir que com o aumento do volume de turistas chegando a Trindade era necessário que a vila se desenvolvesse para comportar melhor os seus visitantes sem prejudicar os moradores (queda de energia por causa de picos de consumo, engarrafamento na vila e no Deus me livre, contaminação das águas pelo despejo inadequado de esgoto etc.).

4.2.2 Inventário das representações, dos conceito e valores, e das políticas

Segundo Berque, podemos ir além da evidência da paisagem, se indagarmos justamente o que é que faz com que seus dados nos sejam evidentes.

Yanci Ladeira Maria.

Seguindo a proposta de como esquematizar as características mais simbólicas dessa paisagem, extraí das entrevistas como tal sociedade evoca e idealiza sua relação com a natureza; também como tal sociedade concebe e julga o

natural, o artificial, o sobrenatural etc. como esse quadro mental se traduz no território; que instituições cria para organizar o espaço, quais as formas e funções que passam a estar nele distribuídas.

NATUREZA

As perguntas sobre natureza foram feitas sem trazer conceituações que direcionassem os entrevistados para algum tipo de natureza específico, deixando-os abertos para falarem sobre o que entendiam por natureza, se isso era o que viam em Trindade e se há alguma mudança que tenham percebido ao longo de suas vidas, comentando sobre a infância, juventude e atualmente.

Antigos: Para essa geração a natureza é considerada em sua forma primária, são os aspectos físicos do meio que darão base material para a sobrevivência. Essa natureza também é tratada como evidência de algo que antecede a sua própria existência e capacidade de criação ou gestão do território, sendo atribuída ao sobrenatural.

“natureza é tudo o que a gente encontrou aqui, né? As águas boas, limpa né? Árvores, ... o mar limpo, sabe? Tudo o que a gente encontrou e sabe que a gente veio e já estão por aqui... são tudo natureza, entende?”

“A natureza é tudo, pra nós é a sobrevivência em primeiro lugar. No passado, era bem tranquilo, difícil no lado mais tranquilo do outro”.

“A natureza é o que a gente vê, o que a gente vive. Assim, tudo feito por Deus né? Se não fosse Deus, nós não estaria aqui nem a natureza, mas assim, o mar é uma natureza de Deus, as Montanhas, porque tudo pela mão de Deus, todo o poder que foi dado para ele, construindo assim a gente vê essa linda beleza, o mar, a natureza, as Montanhas, as árvores, né? Tudo, suas florestas... Eu percebo por aí, entendi isso aí, mas tudo isso é o que, se não fosse Deus, nada disso existiria, não é?”

Em um segundo momento deixam evidente que os pomares, lavouras, criações de animais, e até o volume de pescado também faz parte do que entendem como natureza, apesar de não os apresentar como tal. E essa seria uma parte da mudança da Trindade de suas infâncias para agora.

“mudou um pouco a natureza né cara, e o modo de sobrevivência...”Hoje você não consegue plantar mais... porque tudo mudou, a natureza diminuiu, né? Tinha de produzir né? O meio ambiente cortou o espaço também de você plantar na área, que a maioria das áreas era área que não podia plantar e que era de preservação, que era essas cotas, sempre acima, era onde podia fazer a lavoura, não pode mais.

Então, na baixa de 80 (m) para baixo não tem mais uma matéria para isso, que te dá um retorno, né? A terra já fraca, sem a ... Ela não, não cria, a terra não produz mais, né?”

“Eu nasci nesse ambiente... Mas atualmente não tem mais homem bem educado para viver na natureza”

“O que eu vi de natureza mudaram do meu tempo de antes para hoje, sabe? Eu brincava com meus parceiros, meus amigos, né? A gente não precisava de sair fora para brincar...a gente costumava brincar no mar de canoa, a gente brincava nos Mato, sabe? Tinha muito Sapezal. Sabe o que é Sapê que faz cobertura de casa? E a gente pegava uma capa do coco, daquele coco lá, chama Indaiá... ele dá uma capa que nem um barquinho... a gente pegava, escorregava para morro abaixo. Nossa, aquilo era muito legal! ... o divertimento daqui acabou. Não tem mais, não existe o que eu fiz, o que eu conheci, que eu aprendi não tem mais. Então eu percebo assim, que essas crianças não têm infância não, sabe? E se tem infância são de outros procedimentos, é outra forma, entendeu?”

Sobre a natureza primeira, que não depende deles para ali estar, consideram que essa natureza continua presente em Trindade e mudou pouco ou foi pouco degradada. E contam com orgulho da beleza natural do lugar, que atrai tantos turistas. Como se pode observar nas falas sobre a paisagem (próximo tópico desta seção).

Filhos da luta: Nessa geração houve respostas tanto de uma natureza primeira, aquilo que é físico, visível, palpável, como também houve respostas de uma natureza antropizada, e de uma natureza sensível, menos estética e mais ética. Os três possuem experiências de infância junto a seus ramos ancestrais, avós e pais, dentro da realidade que chamei de sistema de vida mais simples, como os Antigos relataram.

À natureza é o mar, a floresta, as praias, as cachoeiras, essa mata Atlântica maravilhosa...é a mesma, eu não vejo nenhuma mudança, a natureza, em si, está do mesmo jeito. A natureza aqui na Trindade está do mesmo jeito. As praias, as montanhas. Tudo do mesmo jeito, a Cachoeira, não vi nenhuma mudança assim em relação a minha infância.

É difícil, né? Assim, até dar um pouco de arrepio porque as pessoas tem uma outra relação com a natureza, né? Tipo assim, quando me vê extraíndo da natureza o peixe, extraíndo da natureza uma árvore para fazer uma casa, um Remo que você precisa derrubar essa árvore, não é que você precisa tirar o peixe e ele vai morrer. É, as pessoas olham às vezes com uma visão de que você está matando, quando na real, eu olho como vida, eu olho o que está me dando, é a oportunidade de viver né? A minha vida, na verdade, eu olho como coletor. Então, eu me sinto assim, parte da natureza quando eu faço essa... quando eu usufruo da natureza, né? Eu vejo como vida, eu vejo como é uma dádiva divina, né? Porque esse ciclo, que a cada dia que a gente tende é...que a gente modifica, que a gente industrializa, que

a gente leva é só para a evolução, para evolução, para a evolução. Esquece que a natureza, ela evolui, mas ela é, tem um outro sentido. A gente acaba que esquece o sentido da natureza. Quando a gente pega algo da natureza e transforma em algo que passa a ser contra a natureza. Eu vejo que, para mim, a natureza é uma dádiva, sabe? Assim, para quem usufrui da natureza, né? E se coloca dentro desse ciclo, você consegue enxergar a natureza.

O que é a natureza? É tudo aquilo que a gente consegue responder, né, através dela, porque ela dá tantas coisas para a gente... Eu acredito que a gente também tem que retribuir. É fato de estar cuidando, de estar mantendo, respeitando, porque a gente vive num lugar que a gente tem matérias primas, né? A gente tem na mata o cipó o bambu... Mas só da gente ter aquela consciência do tempo que a gente pode para acolher aquilo, porque tudo tem um processo para chegar o tempo da gente colher é um respeito que a gente tem, é uma troca. É uma troca, eu acredito nisso.

Se para um, os aspectos naturais estão conservados, para outro, em que a natureza cultivada pelo e com o homem sofreu grandes mudanças. A terceira entrevista aponta para a existência de uma conservação (o rústico) também de uma transformação (para os turistas).

Mudou tudo... é ... muita coisa. Existiam muitas frutíferas, existiam muitos quintais produtivos, existiam muitas plantas, existiam os rios respeitados. Enfim, você vê hoje um certo desequilíbrio: as roças não têm. Mas ao mesmo tempo, os quintais, as áreas onde as pessoas viviam, que era uma casa bem separada da outra, entre uma casa e outra, tinha bastante árvore, tinha bastante frutíferas, né? É, tinha bastante criação... então, isso tudo deu lugar para a casa de alvenaria, isso tudo deu lugar para aterro, isso tudo deu lugar para rios esgoelados, sabe, tipo forçados, canalizados. É, foram muitas mudanças.

A gente continua procurando trabalhar muito com a coisa rústica do bambu. Você pode ver que as nossas coisas são todas simples, né? Que as coisas que a gente tem aqui, eu faço artesanato, minha sogra também faz, meus cunhados. Cada um também tem o seu lado artístico, produz alguma coisa e a gente está tentando juntar tudo isso, para estar mostrando para os turistas. Que é a nossa cultura né? São coisas que a gente herdou, né? Coisas que foram passado dos nossos avós para os nossos pais e os nossos pais para a gente...

Essa geração viveu em suas infâncias um modo de vida mais simples associado à produção da terra e do mar. Assim como, estão bastante implicados nos novos modos de vida, associados principalmente ao turismo. No ápice do turismo em Trindade (por volta de 2008), esses entrevistados tinham entre 26 e 36 anos, e participaram ativamente das dinâmicas de negociação entre resistência e troca dos elementos naturais (sejam a natureza primeira ou antropizada) pelos artificiais e construídos. A dádiva natural era tamanha que lhes deixou à vontade para

redirecionar parte de seu uso, e ao fazer isso acabou por fragilizar, ou mesmo transformar a sua existência.

Molecada: essa terceira geração apresentou visão similar aos Filhos da luta, atribuindo à natureza elementos naturais em oposição aos elementos construídos, ao mesmo tempo que diferente da geração anterior, associou diretamente o manejo e cultivo de espécies nativas à natureza. O segundo entrevistado falou de uma natureza mais voltada à forma de ser e estar no mundo, que também dialoga com certas ideias da geração anterior.

Natureza, aqui em Trindade eu acho que a gente conseguir enxergar as Montanhas sem edifício né? ver o verde... consegui ainda ver, plantar fruta nativa do lugar assim...para mim, natureza é isso aqui: a gente conseguir entender, conseguir ver ela se transformando, ver o verão, se transformar no outono, outono se transformar no inverno.

Então, para mim, a natureza seria uma forma de ver o mundo. Uma coisa bem mais unida, sabe? Um pouco mais de amor, de respeito, tratar as pessoas de uma forma como um verdadeiro amor, mesmo que cuidar o máximo, assim, sabe?

Quando perguntados sobre como eles observam que tem se dado essa relação entre aquilo que eles consideram natureza e a comunidade, ambos indicaram que houve mudança em relação ao que viam e viviam e principalmente ao que ouviam dos Antigos. E consideram que é necessário que haja novas mudanças, mas que reconciliem o respeito entre o humano e a natureza.

Sim... é, mudou um pouco, né? Antes, era um pouco mais de contato, né? Hoje já perdeu um pouco por ter aumentado um pouco o turismo, né? É, mudou um pouco algumas coisas. Não que degradou assim, mas mudou, né? O que era menos visto se tornou mais visto... que era uma coisa que não tinha tanto acesso, com esse crescimento de turismo, mudou um pouco.

Acho que as pessoas não estão sabendo muito bem o que estão fazendo aqui em Trindade, né? Por essas coisas, assim, construir meio desordenadamente. Eu vejo meio que uma ganância, porque tem que ter...tem que pensar mais, sei lá, uma coisa mais visual, visualmente limpa... tipo, um esgoto... bom biodigestor, uma boa vazão de se preocupar certinho com isso? Eu acho que não está tendo muita preocupação com isso aqui em Trindade ...faltam se preocupar com isso. Não construir com muita alvenaria. Eu vejo muita gente fazendo casa, principalmente caiçara, mesmo, construindo já muita alvenaria: o alumínio, Telha de Barro... não combina muito com o lugar. Isso. Isso vai transformar o lugar também, a visão.

A nova geração também vai vir vendo que o cimento “Ótimo”, resolve tudo. Em vez de tentar construir com alguma coisa meio alternativa, a madeira, sapê... Eu não digo mais, né porque sapê é uma coisa também já tirando da natureza. Mas

colocar uma coisa a ver com um lugar assim, uma arquitetura com madeira assim igual à que tinha antes. Eu acho que está. O que está sendo muito urbanizado desordenadamente... Tomar cuidado com o esgoto aqui, tem que ter... passar uma visão para as pessoas que estão aqui melhor, né?

Essa geração só conheceu das histórias das famílias a vida de coleta na mata e colheita nas lavouras, sua alimentação veio do mercado, o peixe pescado tanto ajudava a levantar dinheiro ao ser vendido como também estava no prato. O trabalho para ambos está ligado direta e exclusivamente ao serviço turístico. Um, com a aposentadoria do pai, assumiu há pouco tempo a vaga na ABAT e faz o transporte de barco para os atrativos turísticos; o outro trabalha de garçom em restaurante e tem sua *barraquinha na praia do rancho para manter sua subsistência*. Seus cotidianos são emoldurados por elementos naturais que atraem os turistas, mas sua relação com esses elementos se dá de forma indireta.

PAISAGEM

Para entender sobre a visão que os entrevistados têm a respeito da própria comunidade, perguntei-lhes de qual local eles tirariam uma foto que apresentasse Trindade e porquê. Naturalmente, relacionaram com aspectos visíveis da paisagem, como a capacidade que aquela cena tem de sintetizar Trindade e o orgulho que tem das belezas naturais que exibiriam naquela foto. Também pedi que imaginassem, que além da foto, também falariam de algo que não é possível ser visto através da foto, mas faz parte de Trindade, o que seriam os aspectos invisíveis dessa paisagem, ou a paisagem sensível.

Antigos: São falas impregnadas de prazer e brilho nos olhos, uma mistura de lembranças de paisagens vivas, das brincadeiras, dos trabalhos, dos amigos, do divertimento, da vida que era emoldurada por aqueles espaços. Ao trazê-los para a perspectiva da foto falaram:

Bom, eu acho que qualquer uma praia dessa né, porque a beleza são igual, né, elas são igual. Na verdade, é que não tem mais aquela beleza que tinha, né? Que isso aqui era tudo... morador morava para cá, a praia era tudo cercado de Mato, nós chamava o Jundú, o mato alto... eu acho que tiraria (a foto) da areia para dentro (para a vila) né? Vai pegar os Matos sabe? Tiraria assim... para mim, é um orgulho de mostrar, né, um lugar que eu acho um lugar lindo. Lugar, sabe, aonde eu vi, conheci tantos passados, tantos... sabe? Então me orgulha por isso, sabe?



Figura 27 - Vila de Trindade em 1980, rua principal. Fonte: Instagram @tindadevive.



Figura 28 - Vila de Trindade em 1980, praia dos Ranchos. Fonte: Instagram @tindadevive.

Ah, encantadora né cara? Já pensou Trindade, 20 30 anos atrás? Que natureza que não era essa aqui, né? Que paisagem linda que não era essa aqui? Mesmo com várias plantação, com várias unidades trabalhando em área de cultivo de lavoura. Seria lindo, cara! Essa paisagem aqui ela deixou muita saudade... Essas cicatrizes todas era lavoura, tem uma parte que era Sapezal isso, apesar depois virou Capim, depois virou essa mata rala. São lá, a gente cultivando aquela região, lá que foi o primeiro cultivado na Trindade.

Quando você desce o Deus me livre, Quando você pega aquela ponta ali, né, cara, que você vê o visual. Você chega ali, naquela Pedra ali, tem 3 visual que você pega em seguida: Caixad`aço, a praia do Rancho e o Cepilho, você pega TUDO! Cara, não tem igual cara, aí dali você já vê tudo cara, entendeu? Então aquela foto ali é a visão de toda a Trindade.



Figura 29 - Vista do Cepilho para a Vila e Caixa d'áço, 1986 e 2022. Fonte: @trindadevive e própria.

Olha hoje... Hoje vou ser sincera contigo, tem tantos lugares bonitos né, daquela época... Hoje muitas das vezes a gente vê no Face das crianças, em relação daquela época, a gente fala, “meu Deus, que diferença aqueles ranchinhos onde a gente viveu lá na praia, para agora, né? Mas hoje, para ser sincero, contigo para dizer um lugar hoje, em Trindade... Bom, eu gosto muito da piscina, mas hoje, para tirar uma foto da piscina, é muito (trabalhoso)... Assim, quando o mar está calmo que está aquele mar maravilhoso, você chega na praia do cepilho, naquela ponta do cepilho, aquilo ali é muito bonito, ou então, eu não vou muito longe... Você chega nessa praia aqui (na frente da sua casa) quando o mar está bonito, né? Você tira uma foto daqui, ó, pegando esse cantinho, acho aqui muito bonito... Praia do meio é lindo, Caixad'áço é muito bonito, mas tem umas coisas que que você, você tira uma foto e fica olhando, “muito bonito!”... Então foi um lugar ali que eu fiquei olhando e falei “gente, a gente passa aqui, não dá a mínima para esse lugar, “muito bonito!” Mas a cabeça do índio também, quando você tira uma foto dali, meu Deus é muito bonito, então... Eu com um dia lindo de sol, eu pegava aqui esse cantinho ou lá o Cepilho.



Figura 30 - Cantinho da praia dos Ranchos. Fonte: @detrinda, 2022.

Sobre os aspectos não visíveis de Trindade, quando perguntados na sequência de suas falas sobre o porquê daquela foto, os três Antigos com expressão

reflexiva apresentaram respostas que enfatizam aspectos diferentes entre si mas que se encontram no impacto que a Companhia gerou: um falou da beleza que a foto não capta, da história que marcou Trindade antigamente e mais recentemente, outro fala das mudanças vividas com o turismo, outro fala de uma capacidade de atração inexplicável do lugar.

(a foto) Não está captando como é, né? Do espetáculo, cara! ... a gente teve essa história aqui... hoje se mudou muito, né? A história era boa porque você tinha convivência muito tranquilo, né? E depois você passou a ter esse confronto né cara. Entrou a companhia que foi o primeiro ataque que a gente teve de querer tirar tudo o que era seu. Aquilo foi uma história que marcou muito o caçara, sabe? ... isso deixou muito marcada a vida de toda a geração... O parque também, o ICMBio deixou marca também, é esse confronto deles com o caçara. No começo eles vieram trazendo uma boa parceria, assim o conhecimento, né, mas depois eles tentaram cortar muita coisa da gente. Principalmente a gente que trabalhava aqui na região. Certo que a gente não era dono da área, mas a gente como nasceu aqui, talvez tivesse o direito de trabalhar, de sobreviver né, cara. É uma sobrevivência.

Bom, hoje viver em Trindade é uma vida de mudança. Do que eu te falei, a vida hoje se vive de turismo, né? Cada um luta para si. Eu tenho que lutar, trabalhar para a minha sobrevivência, minha família né, e adquirir, lutar para ter, sabe? ... Virou uma cidade, né? E você tem o seu muro e a sua casa, eu tenho meu muro e a minha casa né, então, eu tenho que fazer a minha parte, você faz a sua... esse povo vivia nessa vida, nessa paz até, acho que 80. Tempo que entrou uma empresa aqui e essa empresa fez aqui um rebuliço com o povo, sabe, e queria tirar esse povo daqui para fora, sabe, e por Deus, a gente conseguiu ficar numa parte dessa Terra, sabe? E aí começou a entrar o povo de fora ajudando, né? E esses que ajudaram não ficaram aqui, ajudaram, resolveram o problema e saíram, mas aí houve uma mudança que veio outras pessoas que você vê aqui hoje, né? Você foi chegando, hoje tem trindadeiro, mas tem muito de fora também, né? E daí as coisas foi mudando... entendeu? Aí você, você veio e ficou aqui. E você veio com outra cultura, com outro... E eu fiquei aqui, fiquei olhando... que você foi mudando a sua parte... então, eu tive que mudar a minha também, ou lutando para mudar... E aí começou, a vida foi, chegou a ponto do que está, porque vive do turista.

Foi uma causa assim, muito complicada na nossa vida, né? Na época, foi uma tristeza muito grande, porque quando entrou a multinacional e destruiu tudo isso aqui, Trindade foi destruída pela primeira, segunda e terceira vez. A minha mãe, onde ela morava, não se comprava nada porque a minha mãe tinha de tudo, tinha um pomar de tudo, laranja de várias cores, banana, muita fruta. Eles destruíram tudo aquilo, né? Então assim, uma coisa bonita que depois de ver dava vontade de chorar, quando olhava aquilo... Trindade, olhando para aquele lado e hoje? Eu não troco esse lugar por nada. Porque esse lugar tem uma coisa que não me deixa sair daqui, não só acho que eu, como o trindadeiro, eu ouço alguém dizer aí “eu vou embora daqui”. Eu falei, “você vai para onde? Você não tem para onde você ir, filha, quem está lá quer vir para cá”, então eu vou sair desse lugar maravilhoso para ir para onde, então assim, tem hora que a coisa é difícil, mas esse lugar é um lugar bonito. Praias lindas, água limpa, né? Você vê, não tem esgoto, o prefeito tá querendo fazer, a gente está impedindo porque, dependendo da praia, tá limpa,

o mar é limpo, você entra, não dá vontade de sair, às paisagens como eu te falei...então assim, ele tem uma coisa que como eu te falei, até o povo de fora vem fala assim, “esse lugar tem uma mágica”. Ele tem uma coisa que quem vem é difícil não voltar e quem está nele é difícil sair e se saem, ele volta. Entendeu? Porque é uma coisa muito bonita.

Através das falas pode-se perceber o quanto a Paisagem está carregada das histórias daqueles que nela habitam. Apesar da beleza admirável que todos ainda reconhecem, parece lhes ser impossível abdicar da história-processo que a gerou. Mesmo com ênfases diferentes sobre o que seria algo característico de Trindade e que não é visível na foto, a Companhia, agente que não se faz mais presente materialmente no território (não há uma antiga casa de jagunço, ou uma guarita, e até a área que era da Companhia hoje é ocupada pela Comunidade) continua a se fazer presente na história da paisagem atual. Como um dos entrevistados falou: “Isso deixou muito marcada toda uma geração”.

Em uma das entrevistas foi comentado sobre uma desconfiança pessoal do entrevistado, mas em nenhum aspecto comprovada, sobre a possível ligação entre os agentes que um dia tentaram implantar o Resort de luxo em Trindade (projeto que a Companhia executaria) e a presença do Parque nunca implantado efetivamente.

Agora vejo o Ibama. Eu acredito que eles nunca vão entrar ali, tem hora que eu acho que eles estão por trás do Ibama, porque eles viram que eles não tiraram aquele pessoal dali, não tiraram. Entendeu? Estão usando o Ibama.... Eu tenho isso comigo, posso estar errado, enganado, mas tem hora que eu acho isso. Por que o Ibama fala que vai fazer, vai fazer, não faz nada. Eles já tiveram tempo.

Se considerarmos que ambas as políticas de desenvolvimento turístico e preservação ambiental (sob um viés do ser humano alienado do seu meio) advém do Estado e estão à serviço de um mesmo objetivo e público, o entrevistado não estaria completamente errado em sua associação. Evidencio que seria leviano indicar pessoas como elos de ilicitude, mas não é possível desconsiderar o contexto histórico de criação de tais políticas.

Filhos da luta: o “visual” aparece nas respostas como é esperado, mas o que percebo é uma ênfase no visual que marcou a trajetória de cada entrevistado. Inclusive, dois deles comentam de pontos semelhantes, onde um deles justifica contando que ia naquele lugar com o outro entrevistado. Enquanto a terceira

entrevista nos leva para um outro reduto de Trindade, o Caixa d'áço, onde há poucas construções, não há luz elétrica e todos os bens de consumo que ela pode incentivar, e há muita conexão e enraizamento dos passantes

Eu tiraria lá do alto, Deus me livre quando você vê Trindade num todo, sabe? Se você vê as pontas, né ... Trindade, ela significa também um pouco isso: Pai, Filho, Espírito Santo, né? Então você vê a Cabeça do Índio, você tem a ponta da Galheta como referência que são as 2 pontas, e o fundo da Trindade né, então é como se fizesse um fundo, e, na verdade, é um triângulo. E dali tem essa visão assim, para mim, quando eu estou ali, é que parece que eu estou entrando na Trindade, sabe? Eu estou entrando no meu espaço, sabe, parece que eu tenho sempre quando eu estou longe e avisando, é o que eu vejo, sabe?... eu tenho isso desde criança.



Figura 31 - Registro de sobrevoo de parapente. Fonte: @trindadevive, 2022.

Lá no morrão, é muito bonito lá, o visual de lá para cá, meu, é muito bonito, não tem lugar mais bonito do que ela no Morrão, pega o visual daqui todinho...se você for lá no Caenco, é o ponto mais alto lá, pega tudo, pega toda a Trindade lá. É muito lindo, muito lindo. Eu tiraria de lá, eu levaria o turista lá. “Prazer Trindade”.



Figura 32 - Vista do Deus me livre em direção a Cabeça do Índio, 1988. Fonte: @trindadevive, 2023.



Figura 33 - Vista do morrão do Cepilho, pegando a Vila, o Caixa d'áço e a Cabeça do Índio, 2021. Fonte: @espaçoindígena, 2023.

O Caixad'áço (sem titubear). O Caixad'áço em um todo, porque eu falo sempre às pessoas, para os meus amigos que quando eu atravesso, do Costão para cá, é outra energia. Parece que eu já estou em outro universo. Você chega na Vila, já é aquele monte de gente, né? É outro clima, né? E o Caixad'áço, ele que permaneceu, né, essa coisinha da Trindade rústica.



Figura 34 - Panorâmica do Caixa d'áço; saída da trilha e chegada à praia; morador do Caixa d'áço prepara o barco para sair. Fonte: própria, 2022.

Em seguida, pergunto o porquê de terem escolhido essa foto para representar Trindade e quais seriam os aspectos que cada um acredita que valeria ser mencionado sobre a comunidade, mas que não seja possível perceber pela foto:

Eu acho que assim: é o nome daquele lugar ali chama Deus me livre, né? E ali a gente já passou várias coisas... é um lugar difícil, todo mundo, quando era estrada de Barro... e eu consigo ver aquilo com estrada de Barro, sabe?... E teve uma parte da minha infância, talvez por volta de 8, 9 anos também... e descendo aquele morro foi um momento... naquele exato momento eu parei ali: Eu estava dentro de uma Brasília voltando de Paraty, e um amigo do meu pai, tinha uma outra pessoa que eu estava sentado no colo e a Brasília veio escorregando e tal, e eu lembro daquilo ali... lembro daquela visão assim, sabe? Então aquilo ficou marcado para mim. E era exatamente um ponto, também quando os pais chegavam da pesca. Dali já começa... Eles começavam a soltar lá de cima, mas ali eles viam, né? Eu tenho a impressão de que eu via o meu pai ali, soltando os fogos de artifício aí... é, os pais quando soltavam e a gente já ia encontrar.

Lá tinha um senhorzinho, não sei se o Rob comentou... do Seu Caenco... Ele vivia lá, tomava as pinguinha dele, com os cachorros... lá tinha laranja, banana, a gente ia lá e a gente ia fazer uma troca com ele, a gente levava peixe e ele dava banana laranja...

A minha vida, é que eu falo assim para o meu filho, não é? Olha, não vai me pôr num asilo quando eu ficar velhinha. Ele fala: “mãe, seu asilo é o caixa d’água, tudo para você é o caixa d’água”. Eu me identifico. Foi nesse lugar que eu descobri coisas assim, artísticas, que eu ainda não sabia que eu era capaz de fazer, porque eu fiquei morando aqui um tempo com meu marido, quando meu filho era pequeno. Eu queria fazer alguma coisa que eu pudesse, que eu gosto de mexer com costura, que eu faço Patchwork né, tudo em coisas de retalho, faz tartaruga, flores, peixes, tapetes. Eu falei, gente, como que eu vou costurar nesse lugar, não tenho máquina... ali meu filho, ele tá com 28 anos (ela me aponta uma foto na parede) ... Ai eu falei, “não, eu tenho que fazer alguma coisa que eu não preciso da energia”. Comecei a costurar coisas na mão. E dali foi fazendo peças que faço até boneca de pano. Ai eu falei, meu Deus...mês que vem a gente está preparando esse espacinho do recanto artesanal caixara. Que é onde a gente vai expor as nossas peças, vão ter doces caseiros, vão ter pimentas.eu falei, “Onildo, tudo o que for criado no Caixad’água tem que ser artesanal. Porque é a nossa, é a nossa identidade? Entendeu? Se é isso que a gente até hoje está lutando para manter, é isso que a gente tem que mostrar pro turista.

A paisagem que representa Trindade para estes entrevistados é justificada menos pela beleza, mais pelas experiências, marcas que as limitações materiais daquele meio imprimiram nos entrevistados: uma estrada de barro de difícil transitar, onde houve uma experiência traumática e também onde havia a imaginação do reencontro com os pais, após tempos embarcados; também é a paisagem que viam quando iam fazer a troca de alimentos, os jovens pescadores ofereciam parte de sua pesca em troca da produção da terra cultivado por um Antigo; a ausência de energia fez com que uma nova habilidade pessoal fosse desenvolvida, a fim de superar uma limitação material do ambiente, sendo matriz de uma nova ferramenta para sobreviver.

Sobre os aspectos que não estavam visíveis nas fotos, foi comentado sobre algo que não há clareza para como definir, até mesmo um Antigo já havia falado “*Isso aqui tem um negócio...*” e que dois dos Filhos da luta chamaram de “*energia do lugar*”; outro aspecto que foi comentado como não visível foi a união apesar de também serem briguentos.

Os 2 aspectos... esse cantinho reservado, essa energia, essa coisa de você sentir aquela paz., porque você tá aqui, você vê um barulho do passarinho, barulho do mar. Às vezes a gente coloca uma musiquinha, que a gente é filha de Deus, né, que a gente também gosta (risos). Mas esse sossego não tem preço. Na Vila, quando chega finais de semana, como tem muita gente, muito barulho de carro, é barulho de gente. Aqui é um sossego. Mais finalzinho de tarde assim, acende aquela fogueirinha ali, fica cultuando ela É uma magia, assim! Réveillon e Natal a gente faz ceia junto com o pessoal que acampa. O pessoal que acampa, muito das pessoas que vêm para o acampamento na temporada já é conhecido. Os nossos amigos, que já vem há muitos anos, que chega essa época e tira uma folga, umas

férias e vem ficar alguns dias pra cá acampados e a gente se reúne. Arrecada, cada um contribui com alguma coisa com dinheiro. A gente vai na Vila ou em Paraty compra tudo que a gente faz uma ceia. Aí faz uma fogueirinha na praia aqui. Monta umas mesas daqui do bar, eu forro às mesas com rede de pesca. E aí a gente monta toda uma história. E aí a gente usa as Luminárias para poder manter acesa para a praia ficar iluminada. E fica lindo, muito bonito. Eles descobriram que essa folha é uma folha verde, folha do abricó. Ela estrala na fogueira. E eles descobriram que a folha verde do abricó estrala no fogo, e fizeram disso um espetáculo. Nesse verão eu fiquei olhando a cara das pessoas na volta da fogueira que ninguém estava acreditando: “Como que aquilo estava estralando que nem fogos?”

Que a energia do lugar é muito boa, as praias são lindas. Onde as Montanhas encontram com o mar. As pessoas são hospitaleiras, por mais que o Progresso chegou. Ainda existe uma hospitalidade assim? Das pessoas com os seus, aos turistas... As trilhas, eu acho muito bonito que até a Cabeça do índio, a praia Brava, a praia brava é linda demais. Que é uma praia deserta, né? A piscina natural, coisa... aquele conjunto ali é uma, não tem como descrever, parece que Deus passou ali falando, nossa, que lugar bonito, colocou aquelas pedrinhas.

Na Pandemia, pô, eu lembro que foi 6 meses daquela Trindade, como era antigamente. Nossa, que coisa linda, cara....A natureza agradeceu ... até o povo se uniu aqui para você ter uma ideia, pô. Entendeu? ... Voltou a ter união, olha que coisa! Para a gente ter o nosso lugar salvo, teve uma união. Coisa que eu não sei como, mas teve... Para mim, aquela é a Trindade



Figura 35 - Praia do Meio em julho de 2020, durante o fechamento. Fonte: @trindadevive, 2020.

Tem algumas coisas em Trindade, assim que...e isso vem um pouco da gente, a gente entende que nós somos descendentes dos índios Carapebas - que a minha avó chamava e que são os tupinambás- que eram índios guerreiros e territorialista, né? Briguento. Então o povo é briguento aqui, muito briguento. E ao mesmo tempo, eles são unidos, existe essa união. Então, assim, as pessoas não se falam. Mas mexe no cara, todo mundo se junta ... E isso permanece de uma certa forma, existem muitas mudanças, mas ainda permanece. É uma coisa assim, que se você chama o mutirão na Trindade, de barreado, se chama o mutirão de estrada, se chama mutirão de... sabe de alguma coisa... Você junta pessoas. E se, meu, sei lá,

se tiver um problema que as pessoas precisam, as pessoas se reúnem e vão... então, existe uma desunião e uma união ao mesmo tempo, sabe assim, tipo briguento, sabe? Assim, briguento no sentido de “não, não, não vai passar por cima de nós, não vai” Quando tem um embate, a galera se une e vai. Entende?

Como relacionar o visível às experiências que fizeram os sujeitos escolherem aquele quadro como significativo para representar a comunidade (e não outro quadro?) e o invisível nas fotos que escolheram tirar, mas que faz parte da comunidade? É necessário não desesperar nesse exame sintético, na certeza de que tais laços existem, pois se não fosse assim, não haveria nem sociedade, nem cultura, nem paisagem.

A experiência traz o sentimento de vínculo, a vivência naquele cenário continuamente, faz com que a história do ser esteja profundamente associada à história da paisagem, a formação pessoal mescla-se às formas naturais e construídas do ambiente. A paisagem é onde a humanidade se naturaliza e onde o natural se humaniza. Trabalhar com ela como território habitado e construído nos permite entender que essas relações são reais e tornam-se evidentes ao reconhecermos experimentações, costumes, práticas desenvolvidas por grupos naquele lugar e que vão organizando seus espaços e grafando sua existência na face terrestre.

Assim, a pergunta que fiz anteriormente, sai da teoria geral para a aplicação no território, sendo ela, então: Como relacionar as fotos do Alto do Deus me livre e do Caixa d’ação com as lembranças, e experiências que vivenciaram no seu Caenco, ou na própria estrada, ou na praia do Caixa d’ação, também considerando que existe uma marca, uma experiência que não pode ser vista, apenas vivida, o que foi chamado de “a energia” do lugar e a união do povo em horas de aperto?

Como objetivo falar da comunidade, irei extrapolar as falas dos entrevistados para um sujeito-coletivo que foi sendo conhecido ao longo dos meus anos de contato com a comunidade. Assim, a primeira experiência que se extrai é a relação com a estrada “Deus me livre”; é comum a fala sobre o tempo da estrada de barro e das dificuldades para subir e descer, inclusive há diversos comentários de turistas mais antigos.

A estrada não traz só lembranças difíceis, também representa uma facilidade daqueles que saíram, chegarem em Trindade. Conforme a estrada vai passando e o mar aparece em meio a copa das árvores, também me é familiar a sensação de acolhimento.

Com a estrada, lugares passaram a ser acessados com maior facilidade, como as terras de lavoura do seu Caenco, como as da família Possidônio, do Carmo, Moreira, etc. Assim o trânsito de ida e vinda entre o mar e o morro também ficou mais simples, considerando que nessa época, pós-acordo com a Companhia, as terras para lavouras estavam concentradas nas terras altas e como comentou um dos Antigos, nessa época (década de 1990) a nova geração mudou o sistema de trabalho e fluiu a pesca.

Do alto da estrada tem-se um panorama de todo o território de Trindade. E é nesse território que os entrevistados das três gerações desta pesquisa, entrevistados de pesquisas anteriores, e conversas informais demonstram o conhecimento e o uso (ou abandono) do território e do marítório³². A foto que eles me “trouxeram” engloba toda a complexa teia de relações sociais que estão ao longo das gerações deixando diferentes marcas nessa paisagem. A vista que desfrutavam na juventude, provavelmente, continha menos objetos construídos.

Ao falar dos aspectos invisíveis, considero interessante ressaltar que são invisíveis na foto que escolheram tirar para representar a sua comunidade, pois não houve qualquer restrição de tempo e espaço e poderiam ter escolhido fotos de momentos e lugares em que a união é visível, mesmo que pontual, como no festejo, nos mutirões, na guarita contra a COVID, na pesca da Tainha, nas reivindicações por justiça pelos assassinatos de Dão e Bieca, no envio de mantimentos para a comunidade da Ponta Negra, e entre outras ações.

O Caixa d’ação é a paisagem da outra foto justificada pela entrevista com o que Jackson (2006) chama de condição determinante do ser e estar no mundo, que é o fazer parte de uma paisagem e dela tirar a sua identidade. E o aspecto invisível da comunidade, a energia do Caixa d’ação, o sossego desse outro universo que “se abre através do portal” do Costão, é possível ser vivenciado pelo fato de apenas dois núcleos familiares permanecerem lá e com muitas restrições por terem sido sobrepostas ao Parque Nacional.

Observo que essa identificação e que a própria vivência da comunidade nesse espaço seja reduzida, apesar de lá ter sido os primeiros espaços de ocupação de Trindade. É comum ouvir que não se sabe quanto tempo faz que não vão à piscina natural. Apesar de ser uma seção dedicada a compreensão da Paisagem para os

³² termo que faz referência ao território marítimo.

“filhos da luta”, considero expressivo recuperar a fala de um Antigo sobre o Caixa d’ação:

Penso em ir lá um dia almoçar com eles, mas não me dá tanta disposição. Porquê também? Por causa disso mesmo, mudou, né? O do meu sentido, da minha vivência, sabe? Mudou. Eu não encontro lá... só eles mesmo... mais nada, eu encontro lá que seja do meu tempo, que eu posso dizer “nossa” ... Só a praia que continua lá, mas também até a praia já é diferente, já não é, sabe, nem a piscina não motiva...

Assim, diferente da extrapolação que pude realizar com as experiências da estrada Deus me livre, essa identificação, é muito forte para as famílias que residem no Caixa d’ação, entretanto, não faz mais parte do cotidiano da comunidade em geral. A mudança das práticas pessoais pelo passar dos anos e consequente envelhecimento e a própria mudança do uso da piscina natural e da baía do Caixa d’ação para pontos de atração turística fazem com que parte dos Antigos e até mesmo dos Filhos da luta que não trabalham com o mar, tenham colocado o Caixa d’ação em um lugar de memória e restrições.

Molecada: ambos os entrevistados falam da mesma foto, a partir de perspectivas diferentes, um olha da ponta da praia do Caixa d’ação para a sua extensão e praia do meio e ilha da Trindade, ou outro olha da toca dos ossos (no costão da ponta da praia do meio) para a praia do meio, o costão do Caixa d’ação e a praia do Caixa d’ação e Cabeça do Índio. Um exalta a beleza natural e a possibilidade de omitir as intervenções humanas naquele espaço e registro fotográfico, considerando que essas características tornariam a foto convidativa. O outro comenta a beleza dessa foto, da possibilidade de mostrar certa diversidade de Trindade e agrega o fator cultural do lugar de onde a foto seria tirada.

A do meu ponto de vista, eu tirava uma foto - não sei se você conhece - da praia do Caixad’ação. Lá seria tipo assim, do final da praia para a Vila, é que aí pegava aquela parte da praia do Caixad’ação, pegava parte da praia do meio assim, né? Ficaria assim um convite legal, uma praia bem... Não ia ter muita construção, sabe? Só mesmo, tipo assim, bem a praia, natureza assim sabe... só a praia do Caixad’ação, porque ali não tem muita estrutura



Figura 36 - Registro do próprio entrevistado. Fonte: instagram pessoal do entrevistado, 2020.

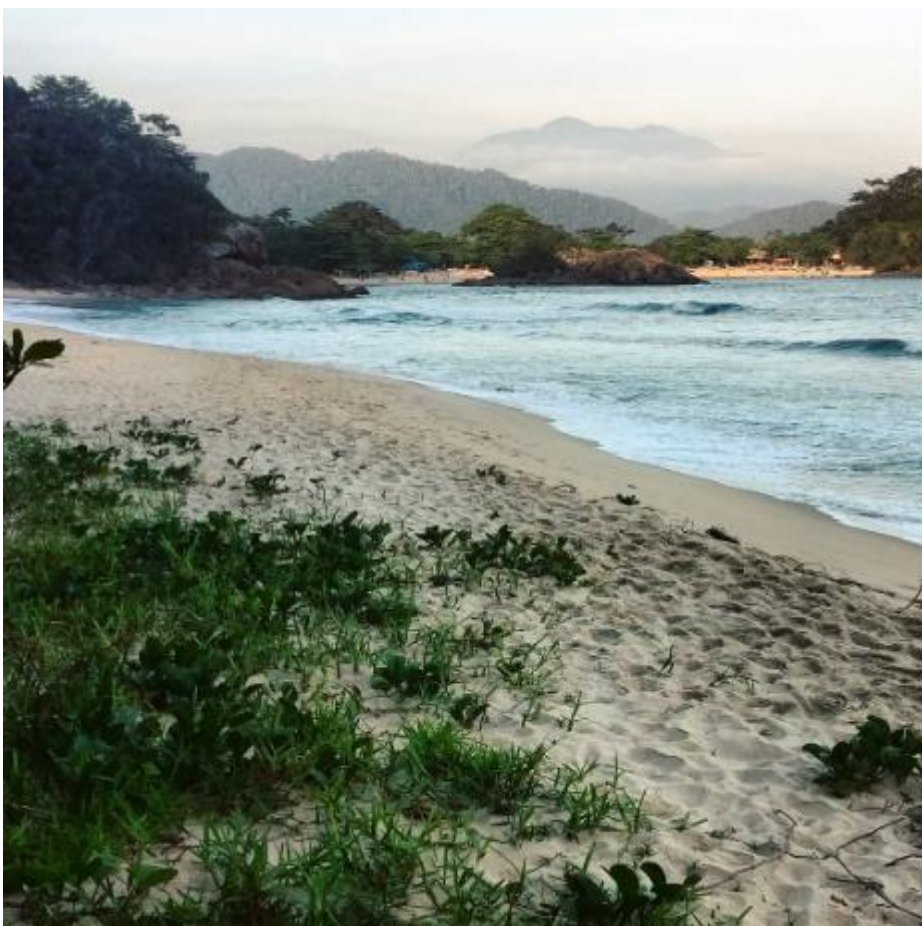


Figura 37 - Vista da Praia do Caixa d'áço para a praia do Meio.

Eu acho que lá na toca do osso da Praia do Meio... tirando uma foto daquela da Praia do Meio, da praia do Caixad'áço e cabeça do índio. Isso é mais ou menos o

que resume a Trindade. Ou lá do Cepilho, de lá para cá... Só que daí ia pegar só essa praia, entendeu? Eu acho que da Praia do Meio, da toca do osso...

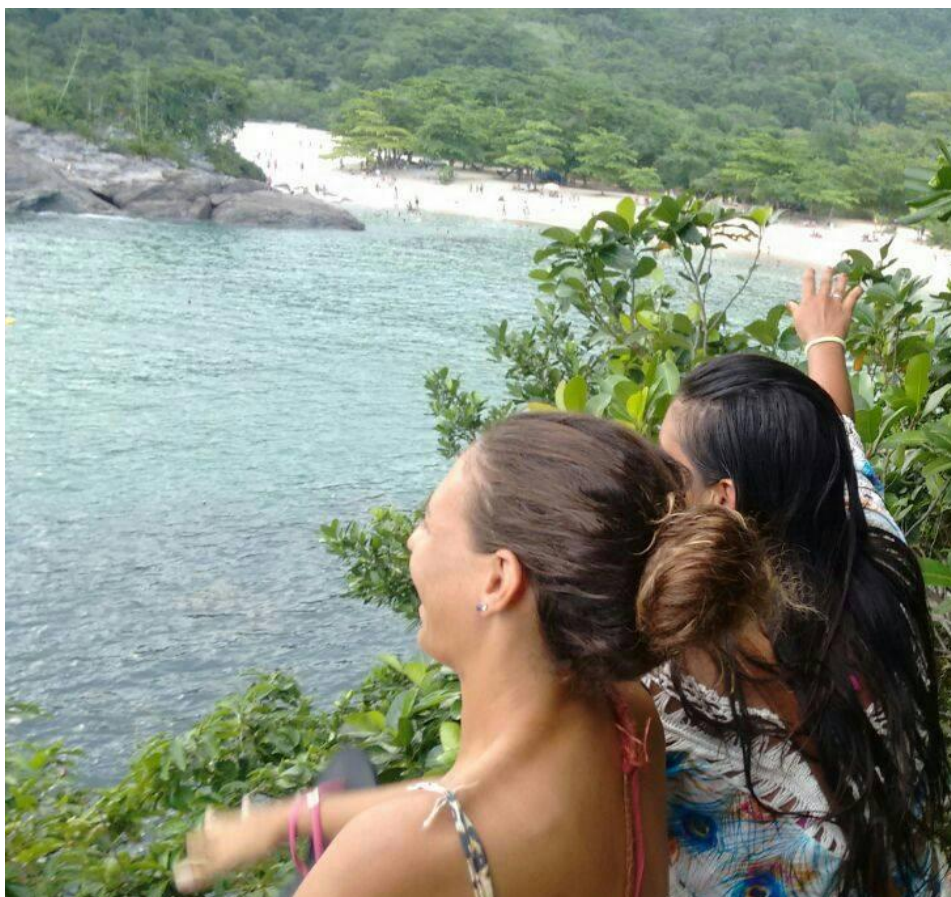


Figura 38 - Vista da Toca dos ossos para a Praia do Meio. Fonte: própria, 2016.

Essa é a Magia de Trindade, não precisa de nada para ficar eufórico. Aqui, você já fica fora do normal já... só de estar aqui olhando para o lugar aqui, você Sua respiração já é diferente, seu olhar já é outro brilho, né? Eu sinto que aqui em Trindade até o tempo, anda um pouco em outro ritmo, sabe? Um ritmo diferente. Você sabe que a toca do osso um é um lugar super místico, né? Ninguém sabe se lá é um cemitério. Se aquilo foi resultado de uma briga? Ou se aquilo é um lugar religioso, assim dos nativos antigos, mas os ossos que encontraram lá eram desse tamanho (gesto com as mãos um fêmur desse tamanho não era de índio. Tem gente que fala que era um canibal. Outras pessoas falam que piratas vieram e mataram os índios. Já tem uma terceira história que falam que os índios se juntaram, matou os Europeus, comeu.

E dos barqueiros lá disseram que ali era um Mirante que dava tanto para ver para aquele lado, tanto para esse.

No meu ponto de vista, né? Que pode ser que eu conheça uma coisa, uma trilha que leva a um lugar que uma pessoa não, não ia ter esse... essa visão, né, não ia visualizar, né? A pessoa não ia ter esse contato, né? Seria uma trilha para uma caverna, né para uma toca assim, ou para um... levaria a um visual, tipo um lugar alto que daria para você ter um visual de um ângulo diferente, não é?

Ao falar dos aspectos invisíveis daquela paisagem, os entrevistados evidenciam que é algo invisível para alguém de fora, e que eles, enquanto nativos,

conhecedores de seu território e das histórias que dão vida a esse espaço, podem oferecer essa experiência. Geralmente, quando comento que já estive na Toca dos Ossos, a conversa segue com tom de curiosidade e espanto sobre como cheguei lá.

Apesar da história do lugar onde um dos entrevistados escolheu ter acontecido espontaneamente, ainda o incentivo perguntando sobre aspectos que talvez não estejam evidentes na foto, mas não podem deixar de ser falados sobre Trindade, e a resposta foi com mais uma lenda do lugar:

assim... seria tipo a cultura deste lugar, e o povo que está aqui, O povo originário que ainda está aqui... Como é que eu posso dizer?...Que Trindade só está aqui porque o povo quis ficar, né que as pessoas quiseram lutar por esse lugar para poder ficar aqui. eu acho que a grande história é essa assim: tem a lenda do Tesouro, não tem que o lugar... Tesouro está escondido aqui em algum, mas a grande reflexão é que o Tesouro, na verdade, a gente está sentado em cima dele. E quem conseguiu desenterrar esse Tesouro foram os nossos avós que brigaram por essa Terra. Então eu falaria que o Tesouro está escondido aqui em Trindade e a gente está em cima dele...Graças ao povo que mora aqui.

Chamo a atenção para o fato de que duas histórias que compõem o imaginário dessa comunidade são trazidas pelo entrevistado mais novo. E ele e o outro entrevistado que trazem as falas da “molecada” ainda expõe suas visões sobre o que é a cultura e o ser caiçara:

A cultura é tipo você conseguir viver pé descalço, é estar sempre na beira do mar. Não tem esse medo do mar, sabe? De comer peixe, poder sair aqui ó, se fazer uma rede com o seu pai, produzir a rede. Entrar no mar, botar a rede lá, artesanal mesmo, e lá pegar o peixe, vim na beira da praia. Aí você chega aqui na beira da praia com o barco cheio, já tem seu primo, seu tio, todo mundo na beira da praia, que está olhando você dentro da água, Já te viu com o peixe, então veio aqui te ajudar a arrastar o barco para cima, tirar o peixe, desmalhar da rede, te ajudar a botar o barco para cima. Ainda te ajudar a vender o peixe para o turista que está aqui também. E ainda fazer esse peixe em casa com a família, com coisas que tem no quintal, né? Uma mandioca do quintal ...que é o resto da família que está cuidando... a cultura, eu acho que é isso daí, sabe? Ainda saber fazer uma canoa, poder passar para uma criança. Como é que se faz uma canoa, como que faz uma rede, como é que se limpa um peixe ...cada peixe tem um jeito de limpar, né, o nome de cada peixe que a criança vai gravando desde criança.

Então, “Caiçara” é o seguinte: a palavra, o significado da palavra Caiçara, ela é indígena, né? Que significa cerca. Mas o significado também, como a gente conhece tal, é aquele que nasceu praticamente na praia, né, viveu ali pela praia, tem contato com o mar, ou está pescando ou está fazendo, pegando uma onda em surf, está indo na mata de alguma forma, é extrair uma fruta, né? Tirar um cacho de banana, uma jaca tal, né? É um ser ali que está na praia, mesmo se fosse um caranguejo, é um peixe fora d'água, né? Se sair da água ele morre,

entendeu?...Você pode ficar 4 a 5 anos (fora), mais do que isso, eu creio que não fica, depois você com certeza você tem vontade de voltar.

Sintetizo as visões sobre as paisagens de Trindade em um quadro esquemático, baseado nas “Dez visões da mesma cena”, de Meinig (2002), lembrando que os entrevistados “fotografaram” cenas diferentes, gerando um álbum de fotografias de Trindade. No quadro, escolhi não vincular a pessoa que está falando, e sim a sua geração.

Antigos	Paisagem como:	Filhos da Luta	Paisagem como:	Molecada	Paisagem como:
Família 1	Habitat, Lugar, Estética História	Família 1	Lugar, Habitat, Artefato, Problema	Família 1	Lugar, Estética, Ideologia.
Família 2	Estética, Lugar	Família 2	Lugar, Natureza, Estética Riqueza	x	-----
Entrevista 3	Lugar, Estética, Habitat, História	Entrevista 3	Lugar, Habitat	Entrevista 3	Natureza, Estética, Riqueza

ORGANIZAÇÃO

Também falamos dos agentes que têm deliberado ou se omitido sobre as decisões quanto a gestão e organização do território/ecúmeno. Falamos sobre a organização de antigamente, a atual e os eventos que marcaram épocas de uma organização e outra. Foi possível observar a força das instituições internas em meio às pressões dos agentes externos. Aqui vê-se em todo tempo os mecanismos de negociação em diferentes escalas e a divergência de interesses, demonstrando que a paisagem é um mosaico de interesses, oportunidades e resistências que organizam o espaço de acordo com seus projetos de sociedade.

Antigos: Em linhas gerais, o que se apreende das falas ou da ausência de comentários sobre as instituições é a baixa relação do próprio entrevistado com essa questão de gestão e a ausência de tais instituições no território. Apresentam uma

visão do desejo de ordem na vila e que houvesse mais respeito à luta, nas práticas das novas gerações, por exemplo: evitando a venda das terras que foram tão difíceis de conquistar. Outro entrevistado lamenta que o projeto que faria do Morrão do Cepilho um lugar de descanso e a Vila ficar como um espaço de trabalho, já não será tão eficaz, pela transformação que vem ocorrendo no Cepilho. Em contrapartida, um terceiro entrevistado sugeriu que as terras “livres” (sem construção) fossem liberadas para as novas gerações poderem se manter em Trindade.

Nota-se também uma falta de expectativas quanto ao que é possível melhorar, segundo as suas próprias perspectivas do que seria melhor. Nesse sentido, o progresso é apresentado como uma força externa que chegou com suas estruturas e sem ordenamento. Falar sobre ordenamento, é falar sobre alguém (instituição) ordenar, e nesse sentido, reflito sobre as palavras dos entrevistados “Trindade anda com as próprias pernas”, ou seja, as próprias instituições locais têm gerido o local e esbarrado em limites na estrutura de poderes e legalidade de ação. Sobre a gestão local, com as entrevistas das próximas gerações, será possível perceber, que essa caminhada não tem satisfeito a todos os trindadeiros.

Você fala no sentido de melhorar? Não tem saída aqui não...se você verificar hoje, a bíblia já fala que o mundo é de mal a pior...Então você tem que seguir a bíblia, a bíblia já relata. Então é daqui para pior, então você tem que hoje, para você comer amanhã, ou comer hoje né? Então se você não foi, você vai ficar devendo. Então hoje, graças a Deus a gente não está assim, mas tem pessoas que já está nesse lugar. Por que é difícil se você vem para Trindade, para você alugar um ponto hoje é muito... Então, a maioria das pessoas que vem aqui pega uma pousada para manejar algum restaurante, vai ter dificuldade para se sobreviver. A maioria das pessoas para no caminho: “Estou devolvendo que não dá”

“Gostaria ou pediria o que”? Mas que tivesse mais uma ordem né, que o povo Nativo se concretizasse um pouco de pegar o que tem de Terra né, porque podia... foi um custo, um trabalho ficar aqui... E não vendesse assim, sabe, que eu, graças a Deus, o que eu ganhei, o que eu fiquei que eu tenho é meu, do meu filho, né?...Eu gostaria que quem tivesse as suas terras, as suas moradias, não vendesse porque é um lugar gostoso, um lugar bom né, lugar bom e ainda você dá para viver em uma paz, diferente de outro lugar aí. Então, se as pessoas não vendessem, não passasse para outro segundo, seria melhor. Tivesse alguém que impedisse isso.

Aqui, Trindade anda com as pernas dela. Aqui é tudo a associação. A prefeitura, para você ter uma ideia, a estrada desabou em março, nós estamos assim passando um cortado, estamos com dificuldade, não entra caminhão para limpar uma fossa, o ônibus grande não entra, está em 2 microônibus, tem semana que para e fica as vans.... Agora, esse ônibus, muitas vezes lota, entre os turistas e os funcionários ficam aqui. Trabalhou e precisa ir embora, então, isso é um problema que a gente

tá tendo... a Prefeitura quando desabou as coisas na estrada da Trindade, caiu uma Pedra, interditou, muito mal passava carro pequeno. Os meninos que foram, o povo do lugar que foram, que eu... cortaram as árvores... todo dia que caiu uma árvore eles tiravam, passavam o dia inteiro na mata, na estrada. A Pedra, a Associação teve que pagar um cara para vir para quebrar pedra né, botar dinamite, quebrar e tirar da estrada. A prefeitura não veio e não vem e tem lá um carro com 2 e 3 guardinhas lá, impedindo os caminhão e o povo de descer. A Trindade ultimamente tem ficado vazia.

Das entrevistas com os Antigos o que fica explícito é que o uso e organização do território está sob constante pressão, o que é perceptível na paisagem, que foi gerada no passado e vem sendo transformada, dentro da lógica de uma paisagem dinâmica que é marca e matriz do modo de vida. No passado, quando organizada apenas pelos trindadeiros, era uma paisagem composta por elementos associados a um modo de vida mais simples, em que a subsistência estava ligada diretamente ao conhecimento do território, aos saberes tradicionais e à união da comunidade.

Em meio a mata nativa, nas florestas ou na restinga, cachoeira, rios e mar limpos, abriam-se áreas de cultivo que supriam as necessidade de cada família e de seus vizinhos. As casas eram construídas também da matéria-prima que podiam extrair da terra e onde escolhessem livremente. O dinheiro não era moeda corrente na comunidade, e o que se comprava em Paraty era o sal, o querosene, o tecido. Paraty que se levava um dia de caminhada para ir e voltar. Uma vila povoada por mulheres e crianças, enquanto os homens trabalhavam, predominantemente, embarcados nas empresas de pesca.

Até que a BR 101 foi aberta, a Companhia chegou e desorganizou tudo: destruindo casas, as lavouras foram pisoteadas e comidas por bois, a maioria do povo foi embora, apenas algumas famílias fizeram um movimento de resistência no Morrão. Como a luta não se deu através de um embate sangüinário, os turistas “bicho-grilo” e surfistas não deixaram de aparecer e começaram a auxiliar os trindadeiros em seus direitos. Trouxeram o advogado que ganhou o acordo para os trindadeiros, noticiaram em rede de tv nacional.

Tudo se reorganizou, não como era, não com a liberdade que tinham. Mas voltaram para o seu lugar, agora com documentos que lhes garantiam certa paz. A vila começou a receber ainda mais turistas, onde viu-se a oportunidade de levantar dinheiro e facilitar o acesso a bens de consumo, que passariam a lhes trazer mais conforto. Agora, as casas das famílias não estão mais espalhadas de forma irregular,

estão ordenadas lado a lado margeando a rua principal, e outras poucas ruas já mais irregulares margeando os rios, e assim foi crescendo, moradores expandindo suas casas, trocando seus jardins por restaurantes, campings, pousadas. “Agora para dar conta de tanta gente, o progresso tinha que chegar”.

Com a estrada (BR) chegou o turista, com o turista chegou o Progresso, com o progresso chegou à estrada (Deus me livre), e assim Trindade segue expandindo suas estradas (e progredindo?) Morrão à cima. Disseram os Antigos, que com o Progresso chegaram coisas boas e coisas ruins e que dele não se volta mais atrás, que cabe entregar as coisas a Deus e trabalhar com os próprios braços. As instituições que deveriam cuidar parecem nem existir, e a Trindade de antigamente, era bom que voltasse, mas não volta mais.

Filhos da luta: sobre a organização do território, cada entrevistado se expressou de forma peculiar às trajetórias pessoais na comunidade. Enquanto um já esteve em cargos de liderança das associações comunitárias, outro diz achar que seria impossível ele próprio ocupar um cargo assim, e a terceira entrevistada apresentou demandas que parecem ser mais bem representadas pelas próprias famílias do Caixa d’áço do que pelas instituições.

Para o primeiro entrevistado, a gestão vem sendo feita de forma dividida, por causa dos interesses divergentes que visam mais os benefícios pessoais que os comunitários. E existe uma necessidade contínua de diálogo entre Prefeitura, órgãos que representam as unidades de conservação e moradores, a fim de que haja um plano, não de conservação da natureza, mas de reprodução da vida social.

Por mais que seja uma comunidade tradicional que tem essa essência, é briga, mas se junta e tal, quando entra a questão do dinheiro, as pessoas se dividem, né? E quando uma pessoa se beneficia - porque tem pessoa que se beneficia das coisas desorganizadas, ..., tem pessoas que o investimento é diferente, os investimentos né - Tem pessoas que quer organização, tem pessoas que não quer organização, que quer as coisas é largado, que quanto mais largado, mais ele consegue, e isso é um é um problema. Isso é um problema que aí a gente não consegue reproduzir a organização.

É, então eu acho que esse é o grande lance: Tanto prefeitura quanto ICMBio, principalmente, porque nós estamos dentro de 2 unidades de conservação, ou, aliás... 2 unidades de conservação está dentro do nosso território...teria que as coisas ser discutido entre essas 3, né, os moradores principais que vivem aqui, a prefeitura, que é cada 4 anos uma pessoa que está lá gerindo, e as unidades de conservação que tem os seus gestores - Ela está fixa, mas tem um gestores que mudam em cada gestor em cada política muda as coisas.

E conversar com as pessoas e criar um plano juntos de conservação, mas também de reprodução da vida social das pessoas e com a prefeitura.

Não evoluiu. Quando a gente pensa que a gente está evoluindo, tem algo que traz a gente para, para um patamar que a gente fala, “poxa, nem os parceiros” entende? Recentemente, a gente recebeu uma notificação para falar onde que a gente tinha pescado, a quantidade de peixe que a gente pescou...a gente já estava com a nossa reprodução de vida dessa maneira e isso é histórico e isso é cultural e é isso que eu quero passar pra minha filha, essa essência que eu quero passar para a minha filha. E isso está sendo cortado com essas artimanhas, com essas alfinetadas com essas cutucadas, você entende? Que a gente tem que estar a todo momento tendo que se defender de algo...

Nesse sentido, esclarece que se trata de uma conservação que exclui a história dos povos que habitam aquele espaço sem reconhecer limites em linha (fazendo referência aos limites das UCs), mas reconhecem e sobrevivem com os limites dos ciclos, das safras, das espécies. E essa crítica não deixaria de fora os ciclos do turismo, onde trabalha-se na temporada para segurar no inverno.

Eu não tenho linha. Eu não tenho linha. Para mim não cabe isso de dizer aonde que está aonde que não está! Eu tenho safras, eu tenho espécies de peixe, eu tenho tempos e locais apropriados para cada peixe dentro do meu território. Território que onde eu compartilho com o Camburi da ponta da Trindade até a ponta do Camburi... como eu compartilho da da ponta da Cachoeira da Escada com Camburi, Picinguaba e Almada; da ponta da galheta, com Laranjeira, sono, ponta negra. Aqui eles vêm também e é um é um território que eu entendo da Trindade, da Ponta da Galheta a ponta da Trindade e que é um lugar da minha reprodução, sim como o ser humano. Faz parte do meu ciclo, é aquilo que já havia falado antes. Eu não posso quebrar isso. Eu não posso pescar só num lugar e deixar um lugar...porque eu acabo com um lugar e deixo outro. Sabe? O peixe anda, também têm um ciclo, e aí é tipo assim, não condiz com a minha vida?

Então, não estudou isso (quem delibera sobre até onde pescar), sabe? Então, eles não entendem, não vem aqui, não estuda, não sabe, não pesquisa, não usa a pesquisa. Eu estou cansado de falar: não usam a pesquisa. Acham que está em cima do poder, e tem que fazer o que bem entende, e a população não está aqui para isso.

Inclusive, foi criada uma unidade de conservação em cima desses territórios e não na cidade de São Paulo, do Rio, porque lá tinha um Monte de casa e sem natureza! Aqui tinha pessoas ainda vivendo naturalmente e tal, então caramba, inclui essas pessoas, né? Vamos fazer uma gestão socioambiental daquele espaço, não só ambientalista. ...

O povo tem certeza absoluta que a preservação para a gente sempre foi, tipo assim, “eu não posso acabar com minhas galinhas dos ovos de ouro” ...Então a gente ganha dinheiro, com o que a gente extrai da natureza. Então, a gente precisa da natureza e o mais recente que é o turismo, se eu tiver praias poluídas, se eu tiver tudo detonado, eu não ganho.

E considera que “ninguém quer matar sua galinha dos ovos de ouro!”, então os trindadeiros começaram a fazer um movimento "natural" de mudança do estilo

de turismo que Trindade atraiu. Entre 1994 e 2007 houve um crescimento acelerado de pousadas, restaurantes, campings. E percebeu-se que a forma que o recurso estava chegando na comunidade não era sustentável.

Então, aos poucos os campings vão sendo trocados por estacionamento, as regras para se estar nos espaços particulares vão aumentando, os valores de estadia também, e assim um público vai sendo selecionado em detrimento de outro que daria menos retorno e/ou mais trabalho. Além de aumentar a qualidade da experiência para o turista, também garante que quando o turista for embora, ainda haverá uma comunidade de qualidade para se estar.

Então, as coisas mudaram, né, os campings... as pessoas deixaram de ter camping e o estacionamento é muito mais rentável, né...no estacionamento as pessoas estacionam e vai embora, aí eu tenho pousada, é um pouco mais cara que o camping e o lugar que ele tinha para uma barraca ficar, fica carro, então eu não posso ter camping... ah! Só posso ter 5 barracas, então, era 50, mas agora é 100 para compensar. Então, tipo isso vai mudando um pouco o perfil. E as pessoas também se apropriando: “Bom, eu tenho um pouco mais de tranquilidade, consigo gerenciar mais, porque as pessoas achavam assim: Quantidade vai trazer muito retorno. E viu-se que não era.

O segundo entrevistado faz duras críticas às associações que estão presentes em Trindade atualmente e fala que antes não havia essa divisão: uma associação é vazia e a outra não tem função social, parecem só estar disputando por dinheiro. E a prefeitura ajudou na criação de uma que desmobiliza a outra. “Trindade agora parece uma terra sem lei”.

Então a prefeitura tem culpa, o prefeito tem culpa. O perfeito, ele tem um grande culpa, por que? Porque na verdade... foi quando acho que a associação de moradores... porque ali, invadiram ali, né? E várias pessoas botaram aquele, tinha vários ali, eu não sei se lembra, os quiosquinhos de bambu... aí, tiraram. E a associação comprou tendas para todos eles. E aí eu acho que teve uma... não sei se foi o Ministério público, ou Ibama, pediu para arrancar definitivamente. Nossa! Aí a molecada invadiu, assim, entendeu? Cara, aquilo ali acabou com a Trindade, deixou a associação de morador fraca, fraca, e o que que aconteceu? Eles pegaram numa gestão que era só mulher, entendeu. Pior gestão que eu já vi na minha vida. Acabou com a associação, acabou com a Trindade, virou uma bagunça generalizada, virou uma bagunça, uma terra sem lei aí.

Enquanto os internos disputam, os externos nem aparecem: “prefeitura, ausente”; “ICMBio, uma vergonha!”. Mas ressalva que o Corpo de Bombeiros e o policiamento de Trindade têm sido constantes e é perceptível pela redução drástica de afogamentos que a ABAT não precisa mais realizar.

Eu acho que de todos que está mais presente é o bombeiro que está de parabéns, faz muito tempo que não tem um problema de afogamento. Eu acho que polícia também ajuda muito, ela está presente todos os dias aqui coíbe de traficante, coibir uma porrada de gente ali de fazer tráfico. Agora, uma das maiores decepções que eu vejo... Nossa, é o ICMBio, cara, que isso? Como assim meu? É decepcionante, eles tiraram o povo de lá da praia do meio, tiraram os quiosques de lá, que dava emprego... é, tudo bem que estava errado lá, ok? Bom, mas eles tiraram pessoal e tem mais de 10 anos... Só gente de fora trabalhando lá (agora), horrível. uma vergonha para o lugar, tiraram o próprio caixara.... O povo de fora, estão vendo tanto dinheiro que estão comprando terreno (em Trindade).

Como assim vocês pediram para gente trocar os motores para ser 4 tempos para não poluir a piscina? Ok, a gente fez isso, foi a maior mudança radical, maior do mundo, né, investimento e olha aí agora o que aconteceu! Meu Deus! Aí, agora eu tenho outra associação dos meninos, que eu não tenho nada contra ele, todo mundo tem que trabalhar, mas eles entram lá na piscina e eles polui. E o ICMBio não faz nada! E eles já foram, já mandaram, já mandaram vários e-mails para eles, tudo. E eles não estão nem aí, sabe? Eu não consigo entender.

Eu não sei se você lembra, eu acho que você não conheceu ele não, Seu João, ele já se foi...tinha uma área que todo mundo dizia que ali não poderia construir, aí veio uns grileiros grilaram a terra...meu, vê o que eles fizeram com a entrada de Trindade... meu Deus, acabaram com a entrada, ficou feia ali. Você lembra que tinha umas pedras, bonita... é você não lembra, cara... é porque agora tem tanta casa que você não recorda.... Mas como assim, gente? Terra de ninguém, não tem ordem, não tem regra? e era uma área que era de reserva ali... vai lá agora para você ver... é na entrada da Trindade, no primeiro quebra mola, onde tem a Neanthertal (Pousada)... Para frente do lado esquerdo, uma área que vai até o Moacyr mais ou menos. E aquilo ali era uma área de reserva, o cara picotou tudo, e olha que o cara nem do lugar é.

Na terceira entrevista, a associação de moradores é apresentada como a instituição responsável por deliberar junto aos de fora o que pode ou não ser feito em Trindade. E a nova associação da molecada é de cunho profissional para a nova geração tirar a subsistência deles. Para a entrevistada, o fato é que: desde que a estrada facilitou o acesso, a Trindade cresceu desordenadamente e o Caixa d'água parece resistir por suas lutas pessoais.

Tem associação de moradores, tem a associação dos banqueiros, né? Tem associação dos meninos, ali são filhos de Trindadeiros, né? Os mais novos que montaram uma associação, porque eles também fazem a travessia de barco, né, tipo a ABAT, entre eles aí montaram uma associação para eles também.

sempre que tem algo que eles tenham assim... Um planejamento para essa área da Trindade, eles chegam no presidente da associação de moradores, marca reuniões, participa a comunidade - porque a gente também precisa estar sabendo o que que está acontecendo, né? Então, rola muitas reuniões ali na associação, sempre que tem algo que eles tenham assim... Um planejamento para essa área da Trindade (a vila), eles chegam no presidente da associação marca reuniões, participa a

comunidade porque a gente também precisa estar sabendo o que que está acontecendo, né? Então, rola muitas reuniões ali na associação.

o parque, eles sabem que a gente é nativo daqui que está aqui antes do parque, então eu acredito que tem que ser um processo que tenha que ter muito respeito, muito jeito para lidar, né? Porque eles também não podem simplesmente querer que a gente saia daqui, não é? A gente tem que permanecer aqui. A gente sempre viveu aqui, eles sempre viveram aqui. Então eu acho que é justo, né? Que a gente continue, que eles possam também-estar adequando a gente a trabalhar, porque a gente está dentro de um parque nacional. E aí isso que a gente espera, né? Que eles respeitem as nossas, é a nossa cultura, as coisas que a gente já vem cuidando há muitos anos né?

Eu acredito nisso e batalho todo dia, eu faço um pouquinho todo dia para a coisa poder acontecer. Tudo bem que tem essas coisas do tempo (clima), as vezes o mar bagunça tudo. A gente tem que estar refazendo coisa, vem, cai árvore, quebra telhado, aí tem que arrumar. Mas isso, a gente já está vivendo muito tempo e a gente nunca deixou de viver e a gente sabe que com a natureza a gente não tem força, ela vem, ela faz o estrago que ela quer e depois a gente vem, arruma, aí tudo vai renovando, aí estava de um jeito, daqui a pouco tá de outro, entendeu?

Os Filhos da luta vivenciaram a organização dos Antigos durante a infância, e cresceram com a vila pós-acordo, pós-estrada, e estiveram diretamente ligados ao crescimento do uso turístico de Trindade. Não necessariamente como promotores, não somente como vítimas desse turismo. Talvez o melhor termo seja mesmo como caixas que aproveitam o que vinga na terra.

Eu gosto muito dessa coisa que a gente aqui na Trindade é muito versátil. A gente “ah, mas você trabalha com o quê?” Com tudo o que eu consigo fazer, eu trabalho com o que eu consigo fazer aí? Consigo fazer uma faxina, eu faço faxina, aí eu consigo fazer um artesanato, eu consigo pescar, entendeu? Então dá a possibilidade para a gente fazer esse movimento. E é bom porque eu acho que as pessoas têm que saber de tudo um pouco.

O problema é que a terra não suporta que todos extraíam dela da mesma forma, na mesma intensidade e tempo. A ponto de um uso malfeito desorganizar todo o sistema. Foram anos de crescimento desordenado, até que o limite material do território começou a indicar que havia um desequilíbrio que ameaçava colapsar os sistemas naturais e por consequência, os sistemas sociais que nele se reproduziam: “isso tudo deu lugar para a casa de alvenaria, isso tudo deu lugar para aterro, isso tudo deu lugar para rios esgoelados, sabe, tipo forçados, canalizados”.

Na seção sobre a Natureza, os entrevistados falam dessas transformações no ambiente, alguns consideram que a natureza primeira continuou a mesma de suas infâncias, enquanto outros apontam que houve certa mudança - o que estaria mais de acordo com as falas sobre a ausência de tratamento de esgoto e uma coleta de

lixo que distingue as lixeiras da prefeitura e de outras instituições. Além, claro, da ocupação de espaços entre as antigas estruturas receberem mais e mais construções para comportarem mais hóspedes.

Como também foi dito em uma das falas, o ambiente ainda está conservado a ponto do Parque Nacional fazer questão de que os usos do território estejam cada vez mais alinhados ao que é proposto para uma unidade de conservação de uso indireto. E a Área de Proteção Ambiental do Cairuçu tem planos para as zonas de expansão residencial, no Cepilho. Entretanto, a relação com essas instituições se mostra conflituosa quanto a organização do espaço e as práticas sociais.

O Parque Nacional removeu as construções irregulares que estavam na praia do Meio (bares e restaurantes) conseguindo revegetar a área; e mantém termos de ajustamento de conduta com a ABAT e com os moradores do Caixa d'água buscando os objetivos de interesse da Unidade de Conservação, mas desconsiderando o viés de comunidade tradicional que tem práticas de reprodução da vida associadas à extração de recursos naturais do meio que habitam, ainda que existam documentos oficiais que recomendem o ajustamento da unidade de conservação ao modo de vida dessas comunidades.

A APA Cairuçu promoveu uma intervenção direta no território, a retirada de 18 quiosques de bambu da praia dos Ranchos em outubro de 2021, a fim de garantir o uso coletivo previsto em seu plano de manejo e acordado com a comunidade da respectiva área³³. Entretanto, a Associação de Moradores patrocinou a instalação de barracas móveis nesta mesma área, as quais também foram retiradas e deram início a articulação da Molecada para a futura fundação da ACT (início de 2022), a qual falarei na próxima seção.

A Prefeitura também aparece nas entrevistas como uma instituição que tem ações questionáveis na interpretação dos entrevistados. Por exemplo, a doação de materiais de construção para a sede da ACT ser construída na Zona de Uso Coletivo. Enquanto a estrada que seria um benefício para a comunidade e para o município, segue em condições precárias desde março, após as fortes chuvas que promoveram diversos deslizamentos de terra ao longo da estrada do Deus me livre.

³³<https://www.icmbio.gov.br/cairucu/destaques/134-quiosques-de-bambu-sao-retirados-da-praia-dos-ranchos-em-trindade-rj.html>

A tardia construção da estação de tratamento de esgoto, reivindicada desde 1996, iniciada pelos próprios moradores, via associação, e embargada por inadequações com a legislação ambiental, agora será construída “*goela abaixo*” para atender as necessidades da vila. A ETE ficará localizada na Praça Dão e tem previsão de duração de 8 meses. Segundo o prefeito, esse é um investimento valioso para os moradores³⁴.

Entretanto, o incômodo dos entrevistados (Filhos da luta e Antigos) é que qualquer infraestrutura que se pretenda realmente eficaz para os moradores da vila, também precisará considerar os picos de despejo quando os turistas estão na vila, do contrário, será um sistema que não terá o aproveitamento devido, tornando-se um desperdício de dinheiro público.

Mas o conflito de ideias para gerir Trindade, não é recente e nem o único nas comunidades tradicionais. Enquanto as falas giram em torno das instituições de fora e as suas fragilidades, existe uma liberdade e um menor constrangimento em cobrar o cumprimento de seus deveres enquanto gestores públicos. Quando os gestores internos são trazidos para a reflexão, é difícil separar os agentes das associações do familiar ou amigo querido. É preferível não falar nomes, ainda que a ética da pesquisa lhes respalde o sigilo. Muitas vezes, são as próprias complexidades do sujeito que está, gentilmente, me ajudando a construir esta pesquisa que ficam expostas.

Apenas dois entrevistados (das duas gerações que já apresentei) falaram de forma aberta das instituições locais e com marcações das gestões, os demais fizeram comentários gerais sobre o grande desafio de Trindade enquanto comunidade (um espaço de comuns, semelhantes) manter a unidade, frente aos benefícios próprios. A Associação de moradores está presente em inúmeros elementos no território, e tem parte de sua atuação limitada, segundo os entrevistado, pela baixa autonomia gerencial para deliberar resoluções que são de responsabilidade do Estado, como a ocupação do Cepilho, ou pela visão divergente do que deve ser objeto de gestão da associação, como a celebração da conquista do Termo de Compromisso com o PNSB das famílias do Caixa d’áço.

³⁴<https://diariodovale.com.br/cidade/governo-inicia-obra-para-tratar-100-do-esgoto-da-vila-de-trindade-em-paraty/>

Todavia, as redes sociais da Associação de Moradores e os informes da prefeitura de Paraty sobre Trindade demonstram, ou buscam demonstrar, constante atividade com reuniões sobre a estrada, sobre a construção da ETE, sobre esportes e lazer. Ainda permanecendo questões sobre o ordenamento da praia do Meio, e do morrão do Cepilho.

A ABAT tem seu espaço de atuação limitado aos cantos das praias do meio e dos ranchos e na piscina natural, isso junto ao regimento acordado com o ICMBio para poderem atuar dentro do Parque Nacional. Ela vem vivenciando um processo de modernização em prol de um melhor aproveitamento ambiental.

Deixou-se a canoa a remo pelo barco a motor de 2 tempos, trocou-se o alumínio pela fibra, trocou-se o motor para 4 tempos para poluir menos, aumentaram os barcos para caber mais passageiros e diminuir a quantidade de entradas na piscina natural. Mas nada que polua menos do que a antiga canoa, apesar de que esta serviria de forma muito limitada para os novos usos. Parece que esta seria a tão desejada gestão socioambiental, mas que lamentavelmente, quando se trata da pesca não se efetiva de forma tão eficaz.

Ainda haveria outras associações que poderiam ser contempladas, mas as que apareceram espontaneamente nas entrevistas foram AMOT, ABAT e ACT que parece ser mal compreendida pelas gerações anteriores como se verá na próxima seção.

Molecada: para eles a organização do território de Trindade tem passado por transformações, um comenta de forma geral que a própria comunidade, depois de anos de expansão urbana desordenada, tem procurado construir seguindo regras urbanas para evitar problemas posteriores de documentação. O entrevistado relata também sobre a própria experiência quanto a usar tecnologias que estejam em maior harmonia com a paisagem natural.

Acho que as pessoas não estão sabendo muito bem o que estão fazendo aqui em Trindade, né? Por essas coisas, assim, construir meio desordenadamente...Eu vejo meio que uma ganância, porque tem que ter, tem que pensar, sei lá...uma coisa mais visual, visualmente limpa, tipo, um bom biodigestor, uma boa vazão de esgoto...se preocupar certinho com isso. Eu acho que não está tendo muita preocupação com isso aqui em Trindade. Faltam se preocupar com isso. Não construir com muita alvenaria. Eu vejo muita gente fazendo casa, principalmente caiçara, mesmo, construindo já muita alvenaria: o alumínio, Telha de barro...não combina muito com o lugar. Isso vai transformar o lugar também, a visão...

Então, as pessoas aqui estão começando a procurar mais as regras urbanas, para poder construir. Tipo, o pessoal assim 15 anos atrás (2007), construía primeiro e depois chegava a fiscalização e falava com eles, o pessoal tinha que pagar multa, aí acabava não tendo um documento da Terra depois que estava pronto... tipo as ruas pavimentadas, agora já está tudo diferente. Tem calçada, tem gente que tem que desfazer as coisas da calçada para poder ter uma calçada livre. De pouco em pouco está se ordenando as coisas aqui em Trindade.

O outro entrevistado fala de mudanças na tradicional estrutura de gestão da comunidade pela instituição “dos Antigos”, a AMOT. E agora a nova geração terá o seu espaço de fala na ACT.

É porque, se não, não seria uma coisa assim: tem mais ou menos aqui dentro da comunidade, um monte de associação, mas não são todas unidas, sabe? É uma questão de interesse né, sempre... Interesse de algumas famílias, né...de beneficiar... Por isso que entrou agora essa outra associação, né?... Aí vai ser debatido isso. Vamos supor: Em vez de levar um assunto ali na sede ... podia levar um assunto lá, seria lá para estar aberto para o público ouvir, tipo assim, uma palestra que tem a ver com isso (sobre o termo “comunidade tradicional”).

É porque a nossa... é, já foi tentado isso, mas aí a gente era sempre... não era tão ouvido, né? Não tinha tanta voz como os mais antigos que, na verdade, essa associação da AMOT, da Trindade, são uma associação, na verdade, dos mais antigos, né? Aí, isso é uma ideia diferente, né? Entendeu? Agora como a gente montou uma associação, agora vão ser os nossos ideais também, né? Com uma força também, e de um bem para a comunidade.

É uma geração, né, uma geração que se levantou aí para a gente garantir o nosso sustento, porque... essa associação da ACT, que você falou, é um suporte... se a gente não tiver outra alternativa, sabe, tem um meio de ter ali um trabalho, entendeu? De assegurar da gente ter um trabalho na comunidade, entendeu?

É igual eu te falo, na AMOT, pode ser.... É porque são uma ideia diferente, né? A AMOT pensou nisso daí, né? Associação de moradores de Trindade. A gente como, às vezes até sem querer, ficou uma coisa até mais...é ... é... o certo, uma associação de caiçaras de Trindade, né? Não tô discriminando aqui quem é morador, claro. Mas também não vou discriminar quem é o Caiçara, né?

Eles também falam da Prefeitura, um, quanto a ausência já mencionada pelas outras gerações e o outro aponta o trabalho em conjunto com a AMOT, o que também já havia sido mencionado nas demais entrevistas. Todavia, o atual prefeito aparece como um ator fundamental no patrocínio dessa nova luta por uma outra organização na comunidade.

Então agora não está tendo mais fiscalização aqui em Trindade da prefeitura, essas coisas... Isso porque não está tão isolado, né? Antigamente, era muito isolado. Pessoal (da prefeitura), não vinha mesmo.

Então, em relação a ter assim, mais uma organização aqui, não tem mais. Pode ser que a prefeitura de Paraty opine assim alguma mudança, mas tudo passa pela AMOT né, que é a mais antiga e tal para responder, e acaba tendo assim uma participação maior. E agora a gente (molecada) está aos poucos, também entrando, pegando assim uma força da comunidade né. Está sendo com muita luta, mas uma hora dá certo. Porque o legal é você começar fazendo certo, né? Entendeu? Muitas coisas aconteceram ... não... assim ... na transparência, sabe? É o que a gente está tentando buscar isso, o mais transparente possível, para fazer diferente, né, dessa gestão da AMOT de agora, entendeu?

Ali, na verdade, foi o próprio prefeito de Paraty, que doou alguns materiais... não tudo, doou um básico, né? E depois foi o trabalho da gente mesmo. Todo voluntário né. Ele só deu os materiais, mas não tudo, pouquíssima coisa. Aí a gente aos poucos, a gente foi pro emprego do nosso trabalho mesmo né, um mutirão, e tudo voluntário, colocando esforço, vivendo. Isso aí. Como tem um meio de você conseguir uma verba que é o recurso de estacionamento no momento está sendo só o recurso de estacionamento, né, aí o dinheiro todo revertido na obra para empregar a rapaziada tal, entendeu?

Sobre os órgãos ambientais, apresentam falas de uma relação já consolidada, onde as unidades de conservação que sobrepõe Trindade possuem regras que devem ser observadas. Até no momento que argumentam sobre as dificuldades em cumprir tais regras, é possível observar uma postura de que eles reconhecem que deveriam estar fazendo, colocando as regras feitas pela legislação ambiental como corretas e seus usos no próprio território como inadequados.

Aí eu vou explicar pra você o seguinte, aqui tem várias dentro da Trindade são vários que tem ali o seu espaço... que eles falam que a linha do parque e tal tem determinado o lugar: da vila para a praia do meio, pra vila já é essa APA do Cairuçu, que já é outro esquema, já defende mais o lado que é como se fosse o assim, mais assim é, são mais habitados, né? Não são assim, as áreas mais perto da reserva, né? Aí o assunto é diferente, né? Tem isso, tem que ser ouvida tal, não é igual lá na praia de meio que pelo fato de ser uma reserva não tem conversa, né? Não pode, não pode. Não teve estrutura fixa porque não podia ter, entendeu? Aí ficou usando aqui, a gente tem de um lado o Ibama protegendo a Reserva Federal, Parque Nacional da Serra Da Bocaina, né? E do início da linha do parque para cá, é a APA do Cairuçu, que abrange já da praça Dão para cá, Trindade.

É, a gente se adequou, o pessoal lá se adequou às regras que o parque exigiu, né? Mas o parque exige um monte de coisa, o parque até exige que a gente reclame e denuncie. É um requisito. E a gente fica procurando uma brecha, porque o que que a gente vai denunciar... vai denunciar a nós mesmo, a gente vai denunciar o que? Porque é um requisito, né? Então, a gente tem que cumprir todos os requisitos, até o que eles não esperam que a gente faça.

Como já teve o Ibama indo lá falar, “você tem que tirar (os quiosques de bambu da praia dos Ranchos), não sei o que”, como já teve a operação ali naquela área. Aí, vamos supor, o Ibama vai lá, tira você. Aí, você com medo não faz mais nada, mas no caso, você acaba sendo obrigado a fazer, você tem que comer, pagar uma conta de luz, você tem que comprar o remédio para sua mãe, entendeu? E aqui não tem trabalho para todo mundo, você vê como que é de trabalho. E que a Trindade

não é um movimento ano inteiro, são épocas do ano que você tem que juntar para sobreviver no inverno, sabe? E aqui a gente paga caro o ano inteiro, entendeu? O turista vai, vem aqui, passa um verão, feriado e mete o pé. A gente não, fica o ano inteiro, entendeu?

Igual vamos supor assim: A pessoa, a gente tem ali um meio de uma sobrevivência ali, uma barraquinha, mesmo uma barraquinha de bambu, palha, sabe, a gente fritar um peixe ali... aí vamos supor, tem pessoas que não enxerga de uma forma, “pô, o cara tá ali para ter um dinheirinho para comprar um pão, para comprar remédio para a mãe, para ajudar a pagar uma conta de luz” ... Não, a pessoa quer fazer uma denúncia!... sabe? Não pensa de um lado, por isso que a gente tem que criar essa força, né? Que assim eles não vão ser tão fáceis assim, achar que você vai sair assim e não vai brigar, não vai resistir, não vai fazer nada, entendeu? Igual a briga dos pais passada para os filhos, né.

Essa geração conheceu a Trindade dos Antigos pelas histórias de seus bisavós e avós, souberam pela vivência de seus ancestrais o que era a vida pesada da lavoura e do mar. Souberam também da histórica resistência de aqueles homens e mulheres simples e analfabetos fizeram frente a carabinas, tratores e dinheiro. Isso tudo para não abandonar o seu lugar e permitir que as próximas gerações desfrutassem da dádiva de morar em Trindade.

Essa geração tira seus recursos predominantemente dos serviços turísticos, sabe extrair os recursos do meio de habitam, e sabem preservar os recursos e capitalizar a sua estética. É a forma que encontraram de *manter a sua subsistência*. Chamo a atenção para a manutenção do termo "subsistência", geralmente associado aos modos de vida mais simples, às necessidades essenciais como alimentação, saúde e segurança.

Nos movimentos de resistência e afirmação de identidade dessa geração, promover a manutenção de termos e expressões que os vincule à história de seus antepassados e ao modo de vida que era praticado neste território pelas antigas gerações, serve como ferramenta de luta por seu território, no espaço e no tempo. No espaço, na medida em que passam a também terem seus ideais e projetos de sociedade, construídos no território. No tempo, na medida que a voz (as instituições) dos Antigos passar a dar lugar à voz da nova geração.

No momento, o que pude ver e ouvir da/na paisagem-território é que a intervenção dos agentes externos materializou uma cisão que já vinha se anunciando desde a entrada do *progresso-turismo-dinheiro* na comunidade. Se outrora a pressão da Companhia culminou em um movimento de resistência e união, agora, a mão estendida da Prefeitura (que sempre esteve ausente) veio com

materiais de construção, cursos profissionalizantes para os jovens barqueiros e aspirações de uma Trindade que também seja para os “novos trindadeiros”.

Esses “novos trindadeiros” se diferem das gerações anteriores na medida em que estão muito mais expostos a outras culturas, outras formas de ser e estar no mundo, outras formas de ordenar o espaço. As fronteiras que antes eram com outras comunidades tradicionais, no máximo com os portos de Santos e Rio de Janeiro, agora se multiplicaram, são expostos a culturas de outros países, tanto de estrangeiros que vêm para Trindade, quanto da saída dessa nova geração para o mundo³⁵. E essas fronteiras também podem aumentar a quantidade e intensidade de tensionamentos entre projetos de sociedade diferentes.

O próximo passo, naturalmente, é que essa nova geração vá ocupando as antigas instituições. E resta o convívio com a constante dúvida: quando a molecada se tornar antiga, qual a Trindade que eles terão construído para as próximas gerações?

4.3 O desenvolvimento vivido e o desenvolvimento idealizado.

Enquanto as instituições de fora pensam a organização do espaço de Trindade a partir de uma lógica conflitante, a própria comunidade enquanto sujeito-coletivo representa uma pluralidade de ideais de sociedade que tem materializado elementos construídos, e moldado os elementos naturais, à serviço desses diferentes projetos de sociedade.

O ir e vir destes sujeitos no mundo e o ir e vir de outros agentes no mundo deles, ou seja, em Trindade, torna a percepção de mundo e a formação de desejo do que é ideal cada vez mais complexa. Cada vez que se aumentam as escalas de atuação geográfica desses sujeitos ao longo do tempo, mais eles organizam o espaço e marcam a paisagem orientados por uma pluralidade de ideais.

Para entender sobre o(s) desenvolvimento(s) vivido(s) e idealizados na e para a comunidade, extraí das conversas com os entrevistados falas sobre a qualidade de vida atual; sobre as mudanças que promoveriam em Trindade caso fossem os gestores e qual a Trindade que desejam que seus filhos, netos e bisnetos venham a desfrutar.

³⁵ Nesses anos de contato mais próximo com alguns, por vezes era surpreendida com um comentário sobre um acontecimento na Tailândia ou em Roma.

Esses trechos das entrevistas foram categorizados pelos tipos de desenvolvimento que identifiquei como desenvolvimento vivido e desenvolvimento idealizado, e cada um desses sendo subdividido em três: desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico e progresso; desenvolvimento sustentável e pós-desenvolvimento. Também estes possuem suas subcategorias de identificação: crescimento econômico, urbanidades; avanços tecnológicos; culto ao silvestre; ecoeficiência; justiça socioambiental; Degrowth; Buen vivir.

A partir deste mapeamento das falas, foi gerado um quadro mental que demonstra o panorama local do mosaico de desenvolvimentos, que pode contribuir para reflexões sobre como esse território tem sido gerido até aqui e qual o impacto dessa gestão na paisagem de Trindade. Trazer luz para os atuais processos que têm produzido dialeticamente essa paisagem, contribui para futuras tomadas de decisão dos gestores e da própria comunidade.

Antigos: As falas são unânimes em afirmar que diferente do que muitos “de fora” podem pensar, a vida cotidiana por aqui não inspira comentários de satisfação e plenitude. A chegada do Progresso deixou a vida mais fácil no aspecto do conforto material, entretanto, a presença do dinheiro, tornou a vida cara, a ponto do próprio nativo ter dificuldades de se manter no local, mesmo tendo o direito legal à terra. A fala dos Antigos é rica em comparações entre a saudosa vila de pescadores e a turística Trindade de atualmente.

o dinheiro era pouco, mas a vida assim... é um outro termo de vida, mais numa outra convivência, sabe? E tinha mais amor, mais carinho um pelo outro, parece que mais respeito... A gente fica pensando assim, analisando, tanta coisa boa, tanta coisa boa do tempo passado, sabe?... Hoje “o que?”, o dinheiro é mais fácil. Mas você come do mercado, sabe? Você não come mais do que você planta, o que você cultivava, entendeu? E você vê que tem uma diferença o que é do mercado e o que você faz com a sua mão, né?...

Bom, hoje viver em Trindade é uma vida de mudança... A vida hoje se vive de turismo, né? Cada um luta para si... Eu tenho que lutar, trabalhar para a minha sobrevivência, minha família né e adquirir, sabe? Lutar para ter, sabe? Pra ter, porque hoje não tem mais... virou uma cidade, né? É você tem o seu muro e a sua casa, eu tenho meu muro e a minha casa né, então, eu tenho que fazer a minha parte, você faz a sua... Hoje, a liberdade foi encurtada, né, porque você mora ali e eu moro aqui e tal... se fosse o tempo passado sem dinheiro essas coisas... mas na paz, na alimentação... Mais tranquilo. Tranquilo porque? Hoje, todo lugar quase, são uma vivência assustada, que a violência duplica e naquele tempo não

tinha isso, sabe? Aqui arma de fogo nunca se viu arma de fogo, essas coisas, sabe? Hoje já tem essas coisas.

Hoje, assim, melhorou em parte e outras não, né? O Progresso chegou e melhorou de uma parte, em outra é meio complicado, porque como a gente está dizendo, ser humano hoje não tem muita consciência das coisas, né? Então, assim, hoje, o próprio trindadeiro, muitos, eu percebo que continua a mesma pessoa, trabalhando, vivendo, tocando a vida. Outro, mais morgado achando que vai cair do céu, né... não tem uma relação boa com o outro, com amigo, com o vizinho e até algum próprio de casa da família, né? Mas assim, para mim, muda um pouco no sentido... O Progresso foi assim: era só nós, o caiçara... descia o mochileiro, mas era só nós o caiçara, né? De repente a coisa foi mudando, o povo foi aumentando, o povo chegando, chegando, chegando e foi aumentando... chegou num ponto que o lugar não tinha como comportar aquele povo se o Progresso não chegasse e daí foi mudando, né? A estrada tal, o telefone, uma coisa... e o Progresso chegou.

Então, o que eu quero dizer, é que o Progresso chegou, em parte foi muito bom, mas em parte, em um lado, não foi bom. Porque aquela coisa, o Caiçara em si, que era o mais caiçara, hoje é o menos Caiçara, continua, mas tem muita gente que as tradição foi mudando... a luz chegou, telefone, mudou muita coisa, né? Então, assim, por exemplo... como que eu vou te explicar isso?... O Progresso entrou... você vê o número de pousada que tem hoje o número de restaurante, o ponto que chegou que teve que ter isso, para comportar o povo, para receber o povo melhor né, essa parte foi bom, mas por outro lado, a questão que eu quero dizer assim... A internet é uma coisa muito boa, mas por outro lado, hoje a gente olha, ela fornece um lado bom e um lado ruim, tá?... E assim, que bom que seria se a gente pudesse voltar a ser nós o caiçara.

Hoje eu digo assim, o foco de gente é muita numa alta temporada. A gente hoje, hoje olhando pro lado do Progresso, precisa do povo agora, por que se não tiver, você não vive, porque o lugar ele deixou de nós deixamos de viver mais o lado nosso caiçara e hoje nós vivemos o lado do turismo. Hoje a gente depende do turismo, então assim, o progresso foi bom para chegar, mas olha o que aconteceu, né? Hoje, hoje é que se diz, que eu não vivo mais na pesca, nem tem como viver, porque hoje como está a careza para você ir no mercado? Então, hoje você não pescaria o suficiente para você fazer um mercado na minha casa, ou outra pessoa, para comprar uma roupa, muito caro! Então isso o Progresso facilitou um lado, mas o outro lado não. Eu gostaria muito de viver aquele lado Caiçara antigamente, mas isso jamais vai voltar.

Tem muita gente que está construindo na área do morrão, né meu filho que já tem a casa dele lá. A gente quer fazer, a Tami (Tamires, filha de D. Marinete) quer fazer lá em cima pra gente voltar a ter o fogão de lenha, plantar em volta ... a minha cunhada uma vez falou para mim, é uma gaúcha que é esposa do Pelé, ela falou assim: "Marinete, a Futura Trindade será lá (referenciando o Morrão)". Que tem um projeto muito bom, até com escola, mas o próprio ser humano já vendeu alguns terrenos, já está fazendo uma coisa que já está saindo fora da linha da gente, entendeu? Então você vê como é que é a cabeça do povo. O povo não vê o amanhã, ele vê hoje. Aí eu falo que tudo que a gente vai fazer hoje, a gente tem que pensar no dia de amanhã. O que vai vir? Tudo é uma construção que nós vamos ter nesse lugar amanhã... então, assim, ali sim, pode ser um refúgio, aqui (na vila), mais um lugar de trabalho. Lá, um lugar para você dormir em paz.

A sorte de hoje é que o trindadeiro, felizmente e graças a Deus, não é mais funcionário. Eles viraram patrão pela graça de Deus, né, cara? Que cada um hoje em Trindade tem um pequeno comercinho, de um jeito do outro, tem. Então, fora da temporada consegue sobreviver. Você vê hoje em Trindade, é muito claro quem trabalha para o outro, mas eles têm um próprio negocinho também. Então ele consegue manter, um cobrindo o outro, por exemplo, né? Eu tenho uma família grande, Então, se a minha filha precisar de mim, “Oh, papai, estou precisando disso”. Eu tenho como cobrir ela...

Hoje em dia é a dificuldade aqui, porque tudo é caro. Você sabe que viver hoje aqui num é muito fácil, a luz é alta... A sobrevivência em geral... Cê vai no mercado é muito caro, então se você... tem que, infelizmente, tem que ter o dinheiro, se eu não tiver o dinheiro é complicado. E você depende de tudo, é a mesma coisa que está na cidade, você paga imposto, você paga a luz, você não paga água, mas daqui a pouco vai pagar água, hã? Que você paga o gás caro... o cara vai no mercado paga um absurdo, então, tem que ter esse equilíbrio para você manter... porque se não, se torna muito, muito difícil.

Sobre a qualidade de vida, chama a atenção o fato de um senhor e uma senhora de quase 70 anos, ainda falarem de trabalhar e de ter que administrar muito bem os recursos que entram na temporada para conseguirem se manter na baixa temporada. É verdade, que mesmo sendo humildes, possuem casas amplas, bem equipadas, sem luxo, mas com satisfatório conforto.

Melhorou-se as estruturas, degradaram-se as relações. Os amigos não se encontram mais para tomar um cafezinho, a paz e a tranquilidade deram lugar à vida assustada, o alimento saudável perdeu espaço para os farináceos do mercado. O trabalho da roça, agora é o trabalho da pousada e do barco, as dificuldades que as intempéries naturais já proporcionavam, agora foram agravadas pelos sistemas externos: faça chuva ou sol, o alimento só vem para mesa pagando-se altos valores. E essa marcha parece ser impossível de retroceder.

Se fossem gestores, tratariam de questões quanto à compra e venda de terrenos, a educação e a saúde, e sobre a moradia e as condições de trabalho. Cada uma dessas questões está apoiada em percepções sobre qual tipo de desenvolvimento gostariam para a sua comunidade.

Diz que o Progresso não tem como impedir, é a conversa..., mas dizia o meu pai, sabe, na entrevista que ele dava na época que o Progresso traz o que é bom e que é ruim, que é o que nós estamos falando, né? Trouxe o dinheiro, trouxe para dentro, mas trouxe coisas que não, né... Como que eu vou te falar?... “Gostaria ou pediria o que”? Mas que tivesse mais uma ordem né, que o povo Nativo se concretizasse um pouco de pegar o que tem de Terra né, porque podia... foi um custo, um trabalho ficar aqui... E não vendesse assim, sabe, que eu, graças a Deus, o que eu ganhei, o que eu fiquei que eu tenho é meu, do meu filho, né? Eu não pretendo... sabe, eu sei que eu tenho que trabalhar enquanto eu puder e tenho que trabalhar

para mim sobreviver sim, né, não vou viver de vender o que eu tenho. Sabe, entendeu? Eu vendendo, vou trazer um vizinho que eu não conheço. Ele assim, sabe, que eu não sei quem é eles, hoje é meu amigo, mas amanhã né? Eu não sei. Então, aqui, eu gostaria que quem tivesse as suas terras, as suas moradias, não vende-se num... porque é um lugar gostoso, um lugar bom né lugar bom e ainda, você dá para viver em uma paz diferente de outro lugar aí de outros, né, você ainda está... Então, se as pessoas não vendesse, né não passasse para outro segundo, seria melhor... Essa área de trabalho está virando uma cidade lá né? Você vê, se de noite se vai na praia, se olha para lá, tem luz até...

Aí você me pegou, nega, olha... A educação é melhor, a primeira coisa hoje né, educação para as crianças. Saúde né... ah querida, se a gente for mexer nisso, vai longe, viu?

Hoje, se eu tivesse um poder na mão, que que eu faria em Trindade: eu ia pegar todas essas áreas que está livre, “que área que está livre?” você pegar do Caixad’ação...um exemplo... do Caixad’ação ao Cepilho... toda área que está, sabe, livre, sem construção... Pegar a nova geração e assentar ela nessa área.

O *Progresso* foi o tipo de desenvolvimento que vigorou, sendo supostamente freado pelas áreas de *culto ao silvestre* e de manejo *socioambiental*. Supostamente, porque sem fiscalização, essas áreas também ficam expostas à expansão desse *Progresso*. Como comentou-se a respeito do Morrão do Cepilho, que outrora foi uma zona de lavoura, foi sobreposta por uma unidade de conservação de uso sustentável, atualmente, para a UC é uma área de expansão residencial, e tem efetivamente, trocado suas encostas vegetadas por clareiras, pousadas, asfalto, vizinhos de fora.

Na fala em que se sugere uma mudança na prática de loteamento dos terrenos que foram recebidos através do acordo com a Companhia e posterior venda para não trindadeiros, vê-se uma aproximação de pensamento a linha do *Degrowth*, no sentido de reduzir a entrada de sujeitos alienados da história daquela terra. Supondo que essa prática diminuiria o impacto sobre as relações, restringindo a insegurança quanto à vizinhança e aos convidados dos novos vizinhos. O que mais a frente ainda poderia implicar na derrubada dos muros e retomada do respeito e do carinho.

Para outro entrevistado, seria necessário ainda ocupar as áreas que estão desabitadas, justamente por enxergar que a Vila não tem mais para onde crescer. E essa é uma realidade que as imagens de satélite confirmam: a expansão em área não foi tão grande, mas o aumento da densidade de construções novas entre as construções antigas é notório ao longo das séries temporais. Assim, o entrevistado

considera que as futuras gerações serão forçadas a sair de Trindade, e isso é muito preocupante para ele, pois não vê como o preparo profissional dos filhos da terra, da molecada podem se adequar ao que o mercado de trabalho de fora demanda, podendo levá-los a situação de escassez financeira e vulnerabilidade social.

O desenvolvimento em moldes de *justiça socioambiental* é o que este entrevistado tem idealizado para a próxima geração. Em parte, o projeto de desenvolvimento desse entrevistado está se cumprindo no Cepilho, a área está sendo ocupada. Enquanto o Caixa d'áço e a praia do Meio seguem com o dilema da restrição para os nativos e do uso ilegal pelos de fora, possibilitado pela ausência do ICMBio no território. Ao mesmo tempo em que demolições de estruturas construídas depois da fundação do parque são efetivadas. Para as famílias que têm sua existência no território anterior à fundação da UC, acordos de conduta têm sido celebrados. É o *culto ao silvestre* resistindo ao *progresso*, e ilhas de *justiça socioambiental* resistindo ao *culto ao silvestre*.

A terceira entrevista traz aspectos que dialogam com as preocupações do entrevistado anterior quanto a preparação das gerações através da educação. Para essa geração que foi alfabetizada tardiamente, ver o diploma de seus netos é uma conquista. Todavia a educação em pauta, seria uma educação que forma para o mercado de trabalho, mas não qualifica para a competição do mesmo. Uma educação que não traz destaque fora e é alienada das necessidades internas. Tal modelo de educação está a serviço do *Progresso*, vem com ele e o retroalimenta.

E a saúde é uma necessidade básica da existência humana, que com a mudança dos hábitos alimentares e dos afazeres diários, tem estado em questão. Quando se fala de saúde enquanto gestora, fala-se de formas de manter essa população saudável ou de sanar uma população adoentada. Saúde só vira uma questão, mediante a possibilidade de existência da doença. Uma população saudável com altas taxas de natalidade e longevidade, agora convive com o sobrepeso, infartos, diabetes, hipertensão, óbitos prematuros.

No aspecto da saúde, o desenvolvimento via *Progresso* é altamente desejável, pois através de seu aparato tecnológico, mais doenças podem ser estudadas, mais vidas podem ser salvas e qualidade de vida de um adoentado também pode ser elevada radicalmente. Mas fica a questão: não seriam boa parte dessas doenças originadas pelo estilo de vida que esse *progresso* proporcionou? De

toda forma, na visão da entrevistada, como não é mais possível viver sem ele, é melhor contar com suas benesses.

Os Antigos, naturalmente pensaram em uma gestão para as próximas gerações. Instiguei-os ainda a pensarem sobre as suas próprias descendentes: filhos, netos, bisnetos. Trazer essa proximidade familiar, em um senso comum, afloraria o desejo de melhor futuro possível, e assim, ficaria evidente o que seria esse "melhor futuro" para os entrevistados. As respostas, giraram em torno de uma insegurança grande quanto às possibilidades que o futuro apresenta, e os estudos soam como um bastião para a sobrevivência e para as liberdades.

Trindade pros meus netos... bom, o passado não volta né? Bom, que que eu posso dizer que eu gostaria que eles desfrutassem daqui...o que eu paço para eles foi o que eu aprendi, trago né. A raiz foi o respeito, ajudar os outros, ter carinho com os outros, né? Ajudar aqueles que procuram uma ajuda...aqui é o que nós tinha, aqui quem chegava naquele tempo, sabe, era pouca gente que chegava, mas era bem recebido, sabe? Comia mesma comida que eu comia, sabe? Dormiu mal ou bem mas dormia. Era uma paz, era um... sabe um coração aberto, né? E o que eu posso passar pro meu neto é essa parte daí. E hoje, vida para a frente, né, hoje o que? Estudo! Hoje "estudo" porque acabou-se as ferramentas: machado, enxada, foice. Acabou-se isso, Né, foi do meu tempo. Hoje, as ferramentas são caneta, né? Então, eu faço para minha neta, pro meu neto, isso "olha, vocês façam por onde seguir a vida de vocês. Estudando, aprendendo, colhendo o que é bom, porque o que é ruim também está aí. O que é ruim, está aí e o ruim leva um caminho mau, né? E o que é bom? Continua. Então, vocês estuda, vocês seguem a vida de vocês para no futuro vocês ter uma vida mais tranquila". É o que eu passo para eles, entendeu? Porque? É a vida que eu vivi, que eu estou te falando, não volta mais não, entendi? Não tem mais sentido para isso.

É a quarta geração passada, minha avó, minha sogra, e tem ela, os pais dela, os avô para trás. Era nativa aqui de Trindade e ela, você vê que tem mais 3 gerações para frente, que já são os filhos, os netos bisneto, relação às 3 geração... então não pode ser invasor, tem que ter o direito. Porque esse direito vai ocupar essa geração, isso aí ficou muito difícil para o Caiçara... não só em Trindade, mas em toda parte aqui da Costeira. Essa, essa, essa preocupação do caiçara saber onde que vai colocar seu filho, seu neto. Porque se ele ir para a cidade, ele vai passar sufoco. Como que ele vai pagar um aluguel se não tem um salário adequado? E o filho como vai estudar? Então tudo vai fazer uma grande dificuldade para geração que está vindo. Então a gente espera que se o parque for implantado, vai ter o controle, quantas pessoas vão entrar, onde você vai poder morar, onde você vai poder construir. Vai ter uma quebra da natureza, né, porque onde o povo vai poder morar, onde o povo vai poder trabalhar? Como vai poder sobreviver? Não sei como vai ser, a gente não imagina esse futuro. O futuro só Deus que pode avaliar, né? Mas não vai ser fácil. ... Numa área vai ser bom, porque vai ter o controle das coisas. Em outra área vai ter um sufoco para o nativo. Não vai ter mais Liberdade... Esperamos em Deus que sim, mas eu não sei que caminho a gente vai tomar para poder ter essa liberdade, né? A gente vê como condomínio de Laranjeiras, então é vizinho da gente aqui, ali, o povo da linha daquela região ali da Vila Oratório, muita gente saiu, largou ali, foi para a cidade, porque tem dificuldade de sobrevivência ali, com o condomínio do lado né. Agora não sei

como a gente vai... Sabe, igualar com esse condomínio, como é um parque instalado em Trindade, um controle e a gente como vai sobreviver... a gente não, a nova geração.

Olha outra coisa bem complicado porque a gente fala hoje “meu Deus, que vai ser dessa geração dos meus netos?”. Eu já ficava preocupada quando minha filha nasceu (década de 1990): “meu Deus, o que vai ser dessa geração?” Bom querida... que é difícil que eu vou dizer...claro que eu gostaria de um de um Novo Tempo na vida dessas crianças, uma geração totalmente melhor, os estudos melhor, a educação melhor né? Um mundo melhor, um lugar que Trindade que não pudesse viver acuado, que tivesse o direito dele sair, voltar né de falar, de ter a liberdade deles de falar... Que esse mundo da drogas fosse para bem longe, porque o meu medo hoje, dessa nova criação dessa nova geração, é isso, a droga, o mundo violento que está que eles nunca venham tomar caminho errado, que sempre vá para o caminho bom, o caminho errado a gente sabe onde vai dar. Isso até a gente conversa muito com os meninos até hoje, quando eles saírem na rua. Então, assim, eu gostaria de um Novo Mundo, um Novo Tempo para a vida deles, que fosse melhor do que o nosso, sem dúvida... eu gostaria disso, que eles tivessem o direito de ir e vir. Ter a Liberdade deles de falar, conversar, expor, porque hoje em dia tem gente que não ouve o outro não ou não. Muitas vezes têm um jovem adolescente que quer falar alguma coisa, perguntar e não tem o direito né, então que eles tivessem esse direito de trabalhar, de ter um bom trabalho, né? É viver do suor deles, do rosto dele ... só mesmo Deus na vida dessa Juventude de hoje, porque não é fácil, não o Mundo que está... Por muito que eles têm assim uma cabeça diferente, mas o mundo hoje está terrível. Então a gente não sabe o que pode se esperar daí que vem, porque parece que o que a gente vê cada dia piora...eu gostaria de uma coisa bem bom para eles, no futuro deles.

O desenvolvimento idealizado pelos Antigos para as suas gerações está associado a garantia das liberdades e a educação seria uma ferramenta de articulação e negociação dessas liberdades. O desenvolvimento idealizado pelos Antigos, traz uma geografia, não mais pela enxada, mas pela caneta. O aumento do conhecimento escolar pode ajudar as futuras gerações a produzirem uma existência mais segura e de resistência no território.

Filhos da Luta: sobre a qualidade de vida, trabalha-se para ter dinheiro, enquanto se trabalha perdem-se os momentos de convívio, criam-se afastamentos. O bolso vazio, deu lugar ao abraço vazio e a mente cheia de desassossego.

Onde a vida simples persiste, existe uma busca de melhores condições de moradia, sem perder de vista o uso de materiais que estão em harmonia com o ambiente, pois entende-se que tais melhorias possibilitam um ganho na qualidade de vida. Para essa entrevistada, o adoecimento das mentes estaria associado mais ao ócio e às preocupações com a subsistência, pois ainda é possível encontrar acolhimento na comunidade.

A fala do terceiro entrevistado comenta de um aspecto que pode ser o elo entre a diminuição dos afetos relatada pelo primeiro entrevistado e a manutenção das gentilezas que a segunda entrevistada fala. Os encontros não eram superficiais, não eram entre uma correria e outra, não eram encontros de fluxo, mas de permanência. Sem a obrigação de levantar dinheiro, era possível passar horas proseando com um Antigo em sua casa tomando um café, ou com um amigo na praia. Agora, com o Progresso e com o dinheiro, a vida melhorou, e é preciso pagar as contas dessa melhora.

Existem vários aspectos, e aí talvez o mais interessante, talvez eu já tenha até falado sobre isso.... Hoje as pessoas têm dinheiro no bolso...que está pagando O psicólogo e psicanalista para fazer terapia, inclusive eu. Isso me enche de lágrima. Estou chorando aqui por dentro porque é isso, né? Quando eu não diálogo com os meus, e olha que eu sou pescador o tempo inteiro na praia, quando eu me tranco dentro do meu espaço de cimento que não condiz com a minha realidade... tudo o que eu construí vem por água abaixo, porque qual é o sentido da vida? nascer, crescer, envelhecer e morrer... nesse espaço você tem que viver. E as pessoas estão deixando de viver a sua vida cotidiana com quem você teve relação à vida inteira para ter um outro tipo de vida, só por conta do dinheiro. O dinheiro é importante? Mas é essa chavinha que talvez para nós não está ainda entendida e a gente está só... sabe? numa coisa do ganha. Ganha e não está se dando conta do que está se perdendo ou que se perdeu. Na Trindade hoje já não consigo mais contar quantas pessoas estão com depressão com problemas sérios de saúde psíquica e de saúde mesmo, porque isso leva uma infinidade de questões assim, que as pessoas começam adoecer, ter problemas de saúde, mesmo porque a pessoa ia para a roça, já não vai mais, porque a pessoa tinha frango que dava ovo e tal, não pode mais nem ter quintal com frutas ou com barro para pisar, não tem mais, entendeu? Ou que tem que se sujeitar a ouvir o lenga-lenga o dia inteiro, porque alugou, porque vendeu ou porque a pessoa passa ali... sabe?

Existem várias coisas que eu posso, inclusive apontar. E tudo isso traz esse problema que antes... tinha? Tinha, né? Mas os problemas eram mais.... É... maleáveis... e as pessoas tinham mais Sorriso. As pessoas davam risada e a gente, e muita gente percebeu isso durante a pandemia. Porque fechou a comunidade, todo mundo fez assim: Praia, tirar marisco, dar risada, se encontrar e “ah! Você tem galinha? Pô, você não me arruma um casal? Você não me arruma um? e mandioca, que mandioca que você tem?” ou não sei o que...Que aí começou aquela troca e voltou aquele negócio e as pessoas “nossa que legal” e tal, e um monte de gente sabe... acabou isso, as pessoas voltaram a ter problema, sabe?

É simples, mas eu sempre falo assim para, para as pessoas: “por que que eu não posso ter uma casa de pau-a-pique que é bonita?” E eu tenho acompanhado muito dicas no YouTube, de técnicas que as pessoas estão usando muito isso hoje. De decoração até de construção, né? E é fantástico, porque de uma coisa simples, você pode construir algo bonito. E por que que não pode manter dessa forma que a gente quer manter dessa forma. Mas a gente também está tentando meios que a gente possa conseguir, que eles autorizem a gente ia dar uma melhorada no nosso telhado, porque é precário. Aqui esses dias bateu a ventania e caiu. Árvore quase quebrou, quebrou algumas telhas, quase que caiu em cima da casa. Então eu espero, né? Eu Acredito que a família do meu marido também, que a gente possa

chegar a esse ponto da gente conseguir melhorar as coisas, né? Para ter uma qualidade melhor de vida.

Olha as pessoas que eu conheço que todo dia, que todo mundo nos conhece na Vila, tá todo mundo na sua correria, no seu movimento, quando não está fazendo uma coisa, está fazendo outra, e não tem dinheiro porque não tá, não tá dando pra vender as coisas na praia? Não tem turista? Ai, eu vou pegar uma obra, vou trabalhar de pedreiro. Está sempre se ocupando com alguma coisa, isso eu acho muito legal que não passa apertado. Porque as pessoas precisam trabalhar, precisa do dinheiro, mas elas também precisam trabalhar para as mentes tá funcionando, porque cabeça vazia e você parado... Então nossa, eu fico feliz quando eu acordo de manhã, eu passo na Vila, viro... oi, oi... olha, eu vejo que está todo mundo no seu movimentinho, né, está indo trabalhar... Ou está indo fazer uma coisa ... E eu falo, na Trindade moram muitas pessoas, pessoas que a gente conhece de vista ou não tem aquele convívio, nunca trocou uma ideia, mas a Trindade, ela é tão acolhedora que se torna uma grande família. Que qualquer momento que você precisar, sempre tem alguém ali para auxiliar.

Hoje todo mundo tem uma vida até melhor, mas sabe assim, todo mundo é fechado. Não tem mais aquela coisa bonita que era antigamente, sabe? Todo mundo recebia todo mundo na sua casa. Era uma coisa muito legal! Você passava, você comia ali, sabe? A galera não tinha dinheiro, mas te recebia muito bem. Nossa, se você viesse, aqui a há uns 25 anos atrás, era lindo demais, cara! Qualquer lugar que você fosse, você comia e você não precisava pedir, as pessoas faziam questão... Nossa, você ia na casa dela lá, tinha fogão a lenha. Nossa, ela “vamos tomar um café”, e aí ela gostava de prostrar, estava conversando com você. Era muito legal! Agora, hoje em dia, oh meu, é tipo assim...É ganhar dinheiro, cada um para si e Deus para todos, entendeu? Não tem mais aquela... eu vejo até na pesca aí, não tem mais aquela união que tinha. Com exceção aí de alguns meninos... Mas como mudar? É muito difícil. Posso falar uma coisa? Eu acho que não tem...a mudança foi...que aconteceu em Trindade foi a questão do dinheiro e do Progresso. O dinheiro ele traz desigualdade...A nossa, eu vou lembrar que a na Pandemia, pô, eu lembro que foi 6 meses. Daquela Trindade, como era antigamente. Nossa, que coisa linda, cara....A natureza agradeceu ... até o povo se uniu aqui para você ter uma ideia!

Os Filhos da Luta falam de uma qualidade de vida semelhante à que os Antigos também trouxeram, e acrescentaram os aspectos das doenças psíquicas que têm sido percebidos entre os moradores da comunidade, seja pelo excesso de trabalho ou pela ausência dele. Nesse sentido, mais uma vez a experiência de lugar de cada entrevistado dá indícios das possibilidades para essas diferentes percepções. A vida no Caixa d’áço traz questões e reflexões diferentes da vida na Vila.

O Caixa d’áço de antigamente, fora os impeditivos de plantar e colher, difere pouco do Caixa d’áço de 2020 's. Não havia luz elétrica e continua a não haver. A mesma família vizinha continua lá. O pescado que é consumido, *pesca-se por conta própria ou pega-se com o vizinho que tem cerco*. A entrevistada mora na Vila e trabalha no Caixa d’áço, naturalmente, ao sair de casa encontra outros trabalhadores que também estão em sua rotina. Em uma manhã, depois de nossa entrevista nos

encontramos na rua principal, nos cumprimentamos, comentamos algo sobre a sequência da pesquisa e ela seguiu seu rumo ao mercado para comprar os ingredientes para o almoço do 30 Réis.

A dinâmica da Vila mudou muito. Não se sai cedo para ir para a lavoura, nem à praia. Neste inverno rigoroso em que estive em campo, o movimento só começava já na metade da manhã, por volta das 9 horas. E por algumas vezes percebi que já tarde da noite ainda havia alguma agitação mais barulhenta, cheguei a presenciar uma discussão com ameaças de violência entre possíveis turistas (pelo sotaque paulistano) em uma segunda-feira. O tempo do descanso, de sentar enquanto a comida estava no fogo, foi diminuído pelos minutos do micro-ondas; ou, enquanto a doméstica prepara a refeição, o caiçara empresário faz a contabilidade do último final de semana, para ver se entre impostos e inverno ele ainda consegue manter o seu “novo” padrão de vida.

Diante das insatisfações, o que fariam se fossem gestores de Trindade com carta branca, o que mudariam? Foram unânimes em falar da redução de visitantes na comunidade; além de questões de educação e intervenções urbanas.

Várias pessoas falaram, não é uma fala só minha. Não precisa assim, tipo, “poxa, é tão bom. A gente poderia de vez em quando fechar a Trindade”.

A Trindade não fecharia porque a gente precisa, né? É, eu acho que eu estou aqui, não estou aqui dizendo que o turismo, que as pessoas virem visitar a nossa comunidade não é importante. Sim, é importante. Mas a gente deveria criar regras: Entre tantas pessoas, eu acho que tem uma determinada época que é importante que as pessoas estejam só nós, que tenha o manejo mesmo... As pessoas podem vir, mas muitas coisas foram quebradas, muitas coisas foram rachadas e isso traz uma perda enorme na cultura, no modo de ser, de viver das pessoas, e isso é importante para quem vem também. E isso é importante para todo mundo, importante para a natureza, é importante para nós. É nessa visão, sabe? O controle seria interessante. Abrir um, sei lá, eu gostaria que o turista viesse conhecesse a pesca, o Pescador, a Pescadora, o beneficiamento desse peixe, que se faz com esse peixe, que que você come? Pô, vamos lá, as pessoas escondem a comida, ninguém na Trindade, nenhum tipo de turista come a comida tradicional aqui. As pessoas não se sente bem em vender a sua própria comida. Ninguém mostra o seu estilo de vida. Ninguém fala o que você é na essência, mas isso é você. E o que é você que te faz feliz, po!

Muitas coisas. Muitas coisas. A gente precisa ter um saneamento de esgoto melhor, né? Um espaço para as nossas crianças poderem estar fazendo recreações, cursos que eu acho que precisa, né? Toda a comunidade tem que ter... é uma forma também de estar ajudando os jovens, né? Para não ficar perdido no tempo e nem no mundo. Está fazendo coisas, né? Aprendendo coisas, artesanato, esporte... O meu filho faz jiu jitsu ali na associação, tem um rapaz de Paraty, vem dar aulas. Ali, é gratuito, não paga pelas aulas. E já é alguma coisa...

Se eu pudesse, se houvesse a possibilidade de ampliar mais aquela avenida da vilinha da Trindade, porque ali muitos comerciantes aproveitaram a parte que tem de calçada para pôr mesas, aí diminuiu mais espaço ainda, abriria mais aquela rua para ter mais liberdade, porque chega na temporada, o trânsito de carro ali é coisa de louco. Acho que...o limite também de pessoas para o lugar, porque por ser um lugar pequeno e por ser uma Vila de pescadores, podia ser uma coisa mais controlada.

Olha, primeiro lugar eu ia fazer uma coisa, se eu fosse o gestor mesmo, ou da prefeitura, ou daqui da... presidente da Associação... que é uma coisa difícil, eu acho que jamais vou ser... vou chamar todos os comerciantes, primeiro lugar! A área da rua que tem ali, ó, as pessoas usaram a calçada, a maioria, para fazer... São poucos que respeitam a calçada... não tem calçada para você caminhar. Você pode ver que a maioria anda na rua hoje. No verão, tem congestionamento cara, de gente que está andando na rua, não por causa de carro. Era uma das coisas que eu ia pedir, entrar com uma ação na prefeitura, todo mundo tirar, todo mundo! Teve uma época que tentaram fazer isso...foi impressionante...a prefeitura não continuou com a fiscalização... A pizzaria ali, eles pegaram a calçada e fizeram, literalmente, colocou madeira... cara que absurdo, cara! Ai eu faria isso. Eu plantava flores nessa calçada, de ponta a ponta eu metia plantas, flores, sabe assim de lado, ponta a ponta. É que eu acho, sempre cobreí do pessoal da associação, porque não fazer isso que dá para plantar, sabe? Flores na rua dá outro visual... acho que já tem hoje pessoas para limpar a rua todos os dias, eu colocaria pessoas. Eu colocaria pessoas na praia (limpando), proibiria...é uma coisa que eu iria proibir, te juro... é proibido cachorro na praia! Ou as pessoas levarem na sacola. Tinha que ser lei. Porque, cara, você vai na praia, é muito cocô de cachorro, é muito cocô na rua também. O cachorro teria que ... preso em casa, não na rua. Você vê de manhã, você vai na rua, é muito cocô de cachorro...

Nossa, seria tantas coisas que eu ia fazer.... Que mais? É, limite de turismo na Trindade, no verão, por exemplo, a sua pousada, toda as pousadas, “não tenho mais lugar”, aí chega lá no alto, têm um limite e não vai mais entrar. Quantos carros? Tem vezes de você pegar carro estacionando até no Deus me livre, você acredita?

Das novas medidas, das mais simples para a mais complexa, estariam as medidas que em parte já são ou foram realizadas, mas não surtiram efeito permanente, como: a limpeza de ruas, praia, o embelezamento das vias públicas, o ordenamento das vias públicas. Tais medidas esbarram em limites institucionais, em limites financeiros, em divergências de interesse.

O que o primeiro entrevistado mudaria são problemas inerentes ao crescimento urbano desordenado. Modelo facilmente observável em pequenas comunidades que viram o *Progresso* chegar com suas estruturas sem acompanhar um processo de reflexão sobre os prós e contras das rápidas transformações que estavam vivenciando. As soluções propostas por ele, seguem a lógica do *Progresso* de lei e controle que são externos aos comunitários. Ainda que a Associação de

Moradores seja mencionada, a tomada de decisão é deslocada do indivíduo para o âmbito institucional.

A limpeza urbana é realizada tanto pela prefeitura quanto pela Associação de Moradores, como já mencionado na sessão do inventário das instituições, mas por vezes não é suficiente para a quantidade de lixo produzida, seria necessário a contratação de mais profissionais para realizar a limpeza, principalmente, das praias. Mas enquanto os usuários do espaço não se conscientizarem de que o lixo deveria ser recolhido por quem o produziu, esses investimentos não serão eficazes.

A questão das calçadas serem usadas por comerciantes como extensão de seus comércios, retirando o espaço de passagem dos pedestres e dificultando o embelezamento das vias com canteiros floridos, expressa um conflito na identidade híbrida do caiçara, e qual interesse ele externar, se a possibilidade de aumentar o seu lucro atendendo a mais turistas com mais mesas e cadeiras, ou se vai preferir que suas crianças e idosos tenham calçadas para transitarem com uma menor ameaça de serem atropelados. Se escolhem morar em um lugar belo ou em um lugar lucrativo. E ainda cabe, considerar, que boa parte dos comércios é arrendada, ou seja, o dono do empreendimento, não é o dono do espaço que o empreendimento ocupa, o caiçara arrenda para um empreendedor de fora.

A segunda entrevistada fala do esgoto que precisa passar a ter um tratamento antes de ser despejado na cachoeira (como um da Molecada relatou) ou no rio que corre escurecido até a praia do meio. Com o sistema de captação de águas tendo sido feito pela própria comunidade, a possibilidade de consumo de água contaminada é alta.

Ela também fala de cursos, no sentido de ocupar a juventude. Mas vejo também como potencial de capacitar os moradores a não só promoverem ações de jardinagem, trocarem as mesas e cadeiras nos espaços indevidos, por canteiros de flores, como também auxiliarem os visitantes com o uso e permanência adequados em Trindade, como capacitações para lidar com o turista, não só na relação empresário-cliente, mas também na relação morador-visitante. Como diz uma famosa frase de Paulo Freire: “Educação não transforma o mundo, educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Ao mesmo tempo, dizer que os problemas de Trindade seriam resolvidos com cursos é desconsiderar as regras que o próprio espaço impõe a seus usuários. Educação ajuda a manejar de forma adequada os recursos, mas não acrescenta

resistência ou resiliência aos sistemas natural ou social. Há sim, um limite que é informado pela capacidade de suporte do ambiente, que possui alguma elasticidade, mas, que se ultrapassada, gera os problemas já experimentados em Trindade, e ainda piores.

As mudanças que essa entrevistada providenciaria fazem parte da visão de desenvolvimento como *Progresso*, onde a educação aparece como potência, mas não está necessariamente relacionada às demandas do território. Além de melhorias de infraestrutura que reduzam o impacto sobre os ecossistemas, mas não menciona necessariamente a um sistema alternativo, como um biodigestor. As respostas apontam para demandas que poderiam ser trabalhadas sob outras perspectivas de desenvolvimento, todavia o modo permanece atrelado ao desenvolvimento já vivido.

E a questão mais complexa, apesar de ser uma fala comum em Trindade: *o fechamento de Trindade, um limite de pessoas para o lugar, um limite de turismo*. O próprio Parque da Serra da Bocaina também já fez testes de capacidade de suporte junto com a ABAT para a piscina natural, mas não saiu da fase experimental. Essa é a típica resolução que exemplifica o que foi comentado por alguns entrevistados: *fácil de falar, difícil de fazer, difícil de todos concordarem*.

Sob o aspecto econômico seria necessário um acordo que contemplasse hospedagens e restaurantes e lanchonetes. Os três contam com uma rotatividade de público altamente diferente. Enquanto os primeiros podem contar com uma mesma família por dias e que trazem seu próprio alimento; os restaurantes precisam de um número maior de clientes nos horários de almoço e jantar; enquanto as lanchonetes podem passar o dia todo atendendo.

Quanto aos atrativos naturais, cada um possui uma capacidade de suporte diferente, e principalmente, as praias que possuem características naturais diferentes entre si (como extensão do mar ao fundo da praia, de uma canto ao outro, elementos na areia como árvores, rios, rochas, vegetação rasteira, facilidade de acesso, variação de maré etc.). Junto aos limites naturais também é preciso considerar as questões do uso humano, como consumo de alimentos, bebidas e banheiros, e o lixo que isso gera.

Existem alguns espaços no Brasil que possuem portaria ambiental para serem acessados e estão associados às unidades de conservação. O resgate dessas experiências poderia ajudar a compor bases para Trindade e que precisam ser

readequadas às condições socioambientais locais, e também possuir condições que sejam pactuadas com os moradores e comerciantes de Trindade. Entretanto, o que um dos Filhos da luta comenta é que *as pesquisas não são usadas, (os gestores ambientais) não fazem pesquisa e não leem as pesquisas feitas.*

Somado ao desafio de acordos institucionais, soma-se o desafio das mudanças de gerações, que como pode ser observado ao longo deste trabalho, possuem visões de desenvolvimento que diferem na forma como alcançá-lo. Por vezes, são objetivos e sonhos semelhantes, mas com ferramentas diferentes.

Para a próxima geração, os Filhos da luta desejaram que seus filhos e netos desfrutem de educação diferenciada, liberdade, respeito ao ambiente natural, valorização da cultura e do próximo.

eu gostaria que tivesse a educação, como é uma busca nossa, está existindo aqui a educação diferenciada que trabalha com a questão da pesca, da agricultura e que isso fosse valorizado, sabe? E que as casas de farinha existissem, que as hortas, os quintais produtivos existissem. Que as pessoas tivessem acesso a fazer as suas Canoas, né? E que assim... “filha, tem tudo: tanto voar o mundo, quanto usufruir das suas raízes”. “Poxa, pai, eu quero poder fazer minha roça” “Então, tem”, sabe? Você vai fazer a sua roça, tem uma Terra sadia...poxa, eu quero fazer uma canoa, tem, tem a madeira, tem a pessoa que sabe fazer, né? Então é isso, né? E o respeito sobre isso, seja unidade de conservação, seja a prefeitura, o espaço do ranchos, espaços das Canoas...hoje a gente briga com o próprio turista para deixar a rede no lugar, sabe? A pesca, praticamente, foi tocada na praia do Rancho e a culpa é nossa mesmo.

Uma Trindade mais organizada, que as pessoas tivessem mais consciência que a gente mora num lugar que é um Paraíso, a gente pudesse cuidar de uma forma com mais carinho, mais respeito. Respeitando essa natureza linda que envolve a gente. Gostaria...para a gente falar, as coisas são fáceis, né? É o conduzir é encaminhar que as coisas se tornam difíceis. Ao mesmo tempo que parece ser uma coisa que seria fácil, também é uma coisa que parece que é difícil.

Assim, a Trindade que eu queria para minha filha, praias limpas que ela pudesse ir na Cachoeira, no rio... o rio? não, esquece!... Queria que minha filha fosse na praia, não tivesse cocô de cachorro. Que ela não visse ninguém fumando um baseado ali, que as pessoas fumassem afastadas, que ela pudesse estar lá na piscina de uma água clarinha, por mais que tivesse barco... Ahhh... que que eu queria que minha filha visse aqui na Trindade quando ela tivesse 18 anos... ah, mais união, sabe? Que é a cultura, é cultura. Eu acho que a cultura do lugar vai se acabar, a cultura vai se acabar...queria muito que ela visse o arrastão, que era uma coisa bonita. Nossa, você tinha que ver! A praia ficava lotada...uma galera puxando aqui, outra galera puxando do outro lado, quando chegava aquela quantidade de peixe, dividia para todo mundo. Era uma coisa bonita, é uma coisa que eu não acho que vai rolar mais. Porque eu acho que assim, eu acho que só o Robson, eu acho que tem essa rede ... Ah, mas eu queria ver uma Trindade muito diferente do que é hoje, viu, para minha filha...Em relação à natureza que eu falo, a natureza continua linda, linda, linda. A natureza do filme. Mas o que eu queria

ver para a minha filha era que as pessoas fossem mais próximas, sabe assim, essa é uma união como teve no fechamento. Que coisa bonita, todo mundo trocando, você via gente que não trocavam ideia. Aquilo ali é uma coisa que poderia voltar, mas qual o problema? O problema é o dinheiro, é o Progresso... “ah que eu vou ter um lugar”, o outro “quero ter uma pousada” ...E acabou, acabou a cultura do lugar... tipo assim, não tem mais aquela união como era antigamente, não tem, não.

Sobre os anseios para as futuras gerações falam novamente de educação, mas uma educação nomeada como diferenciada, pois busca desalienar a educação e trazê-la para aplicações mais reais do cotidiano ou da história da comunidade. Ações como as que a Escola do Mar promove, aliam as escolas públicas da Costeira com a ABAT e falam da vida no mar, seja para pesca ou com o turismo, realizando também visitas ao cerco flutuante em Trindade. O objetivo não é excluí-los do ensino tradicional que pode levá-los a outras formações, mas acrescentar o conhecimento da vida tradicional que fez parte da vida de suas famílias e de sua comunidade, é literalmente empoderar uma geração pelo conhecimento de seu território, seguindo ideais do *Buen Vivir*.

A manutenção das liberdades para a reprodução da vida, que têm sido reduzidas pelos *apertos* da legislação ambiental, pela degradação do ambiente, e pelo uso exacerbado do território para fins turísticos (como a troca dos ranchos de pesca dos Antigos para as novas gerações administrarem o espaço como bar e restaurante). A retomada desses espaços para usos mais associados ao modo de vida antigo e o direito de subsistir daquela terra aponta para movimentos de um desenvolvimento que vise a *justiça socioambiental*.

O desejo de respeito ao ambiente natural dialoga com vários caminhos de desenvolvimento, é preciso analisar o contexto de quem fala. A primeira opção poderia estar relacionada ao *culto ao silvestre*, mas seria contraditório considerar que essa entrevistada está falando de um ambiente que não inclua o ser humano, pois em seguida comenta que *moram em um paraíso*; poderia ser um respeito pela *ecoeficiência*, visto que não exclui o uso de tecnologia (youtube) para ver melhores técnicas de construção; até mesmo o respeito através da redução do impacto sobre os recursos com a redução de visitantes e novos moradores lembrando práticas do *Degrowth*.

Todavia, o tipo de desenvolvimento que parece mais adequado a visão que a entrevistada quer expressar ao falar de respeito ao paraíso em que moram, é um

desenvolvimento onde humanos e não-humanos se desenvolvem mutuamente em uma simbiose em que cada espécie dá e usufrui do que a outra espécie tem a oferecer respeitando os tempos e cuidando para que essa relação mantenha saudável tanto um, como o outro ser. Assim, contextualizando o respeito a *essa natureza linda que cerca a gente*, percebe-se mais uma vez o desejo pelo *Buen vivir*.

A valorização da cultura, que é a valorização do próximo segundo esse entrevistado, dialoga abertamente com o *Buen vivir*. Esta é, na verdade, a forma de desenvolvimento que apresenta o cuidado humano como um cuidado de si, o cuidar da comunidade é uma forma de viver integral, harmonizando a existência com o seu meio e todos os seres que nele habitam. A valorização da cultura, isto é, da forma local de sobreviver também compõe o estojo de ferramentas da *justiça socioambiental*.

Em suma, a geração dos Filhos da luta deseja que a nova geração se desenvolva com práticas que se assemelham ao que os Antigos vivenciaram, mas não como retorno a uma comunidade estagnada no tempo e fechada para influências externas, mas como direito de escolha que vem sendo cada vez mais suprimido pelos fatores já expostos. Na próxima seção apresentarei o que a próxima geração tem percebido a respeito do desenvolvimento de Trindade e se o que desejam para si, dialoga com o idealizado pelas gerações anteriores.

Molecada: quando perguntados sobre a vida em Trindade, respondem sobre aspectos da forma de sobrevivência, com que trabalham e o que sentem falta comparado ao passado.

agora eu moro no Cepilho, na praia do cepilho, lá no cantinho da praia, fazendo minha casa também lá de pau-a-pique... eu prefiro construir assim e alugar para turista nesse esquema... não só a moradia, mais a plantação, mais a criação também que tem que ter, eu acho. ... Turismo de base comunitária e bem alternativo também, porque estou tentando colocar energia solar, chuveiro a gás, fogão a lenha... eu queria complementar aquela última pergunta que o Progresso, o Progresso chegou aqui com força, né? O turismo está muito forte. Então agora está muito fácil de trabalhar turismo ... SIM, progresso e turismo, isso está impactando bastante na cultura do lugar, com certeza. Eu fico pensando mesmo nas crianças né que as crianças não sabem muito a história.

Então a minha infância, como eu, eu sou de uma geração, é...eu nasci em 1990... que eu me lembre assim, era bem tranquila, era...era assim ainda tinha um pouco de total liberdade ainda, né?

Sim, mudou um pouco, né? Antes, era um pouco mais de contato (com a natureza), né? Hoje já perdeu um pouco por ter aumentado um pouco o turismo,

né?... a gente tem um esquema ali na praça Dão, na praia dos Ranchos, tem um esquema de barraca lá, que é nossa subsistência, né. Vende-se ali um peixe frito com limão e tal.

Ambos moram no Cepilho e trabalham com o turismo na Vila, mas materializam esse trabalho de forma diferente e demonstram que suas ações estão baseadas em estratégias também diferentes. O primeiro fala de uma estética tradicional no intuito de monetarizar de forma *ecoeficiente* essa estética, é a lógica do lucro advinda do *Progresso*, repensada para as reservas naturais ou reservas de capital natural.

Enquanto o segundo entrevistado, lança mão de uma linguagem tradicional, usa um espaço de retomada territorial, e convive com a pressão da unidade de conservação, e também de parte da comunidade, por possuir uso conflitante com apropriação de zona coletiva para fins privados e, por vezes, degradante com o despejo inadequado de óleo, por exemplo. É o modo de desenvolver do *Progresso* com roupas de *justiça socioambiental*.

Saindo da esfera do indivíduo e trazendo-os para a visão da comunidade, pergunto sobre quais mudanças providenciariam, se fossem gestores. As respostas falaram, em outras palavras, de educação ambiental; esgotamento sanitário adequado; e do cuidado com a paisagem natural.

Eu acho que seria muito legal reunir as pessoas, reunir mesmo ou passar de casa em casa de pousada, em pousada, tipo um censo do IBGE, sabe? E a associação, ajudar todo mundo a cuidar do esgoto de cada caso. Aí, tipo, assim, auxiliar todo mundo mesmo todas as casas, auxiliar todas as casas a fazer um biodigestor e uma fossa do lado de bananeira, uma permacultura, um negócio assim. Porque funciona sim, pode ser uma pousada grande, o que for, tem tantos quartos. Se o cara fizer uma boa fossa de permacultura e um biodigestor segura a onda. Ninguém vai mais precisar chamar, é caminhão de fossa para esvaziar a fossa, essas coisas... Desafogo é tudo um trânsito também... se você pensar bem, aqui em Paraty não tem tratamento de esgoto. Então o caminhão vem aqui, tira a parada da fossa e joga onde? Já teve vídeo do cara descarregando na Cachoeira e todo mundo ficou pasmo, mas isso já aconteceu mais de 100 vezes, muitas vezes já aconteceu isso.

No meu ponto de vista, eu iria priorizar é a beleza do lugar. Tirar um pouco isso... que às vezes, as pessoas vêm para Trindade procurar um pouco de paz, de natureza. Ter um contato a mais com a natureza...procuraria cuidar, preservar mais o lugar... não fazer só o reconhecimento, na verdade, né, aí depois vieram para a terra, e fizeram as operações tal, né?

Olha, eu vejo essa mudança, assim como uma ocasião que, às vezes, pode ser uma coisa que a pessoa esteja necessitada, tipo de se desfazer de algum de algum bem para reformar uma casinha para dar um conforto melhor para sua família, né.

Tem esse lado aí, né, das pessoas que às vezes é por uma falta de necessidade, acaba sendo obrigado a se desfazer para, para cuidar da sua saúde, para ter uma casa, ou um conforto melhor, né? E pelo outro lado pode ser um... pode ter pessoas que simplesmente estão só vendendo, não por uma falta de necessidade, né, mas assim, uma parte de uma ambição que, seria legal o que não vendesse, né. Pra continuar sempre... é, não é uma coisa assim, que fica tão... é... tira um pouco da beleza do lugar e fica assim muita moradia, né crescimento de moradia sim, né.

Como gestores, há similaridade no tipo de desenvolvimento que trariam para a comunidade: pautado na *ecoefficiência* conciliariam as preocupações com o social, o natural e o econômico. O social, por considerar o direito das famílias usarem suas terras como lhes for melhor; O natural, por buscar diminuir o impacto da emissão de esgoto nos corpos hídricos, e também diminuir o crescimento de moradias, buscando uma manutenção da beleza natural do lugar; e econômico, por reconhecer que para sair da escala individual e alcançar a escala comunitária, isso só seria viável por intermédio institucional.

Aproximando novamente as reflexões para o sujeito-particular, pergunto sobre a Trindade que gostariam que seus filhos desfrutassem. E eles falaram da segurança, preocupação similar às das gerações anteriores; do direito à reprodução da vida no território; da manutenção das liberdades e do amor e respeito à Trindade.

Então eu espero né uma Trindade, assim como a segurança né? tipo assim... não com muito perigo, sabe? Assim, um lugar que você possa passar uma visão para ele, tipo assim, não de coisas muito erradas, sabe? Que possa levar a pensar de uma forma diferente, um caminho que não seja o lado do bem, né, sabe uma coisa assim. Eu espero que vai acontecer com essa Juventude que está vindo aí com uma cabeça boa... Que o que mais a gente quer é trabalhar no nosso próprio lugar, né, assim com uma dignidade boa, né? E passar para as nossas gerações...igual... depois de mim vai vir meu filho, né? Entendeu? Aí com essa base da gente ter uma associação de Caiçara, vai ficar um legado aí para eles, para dizer que a gente lutou para as próximas gerações, tenham se em uma visão da Trindade que ela merece, né, ser cuidada, ser respeitada, não deixar a parte da negatividade a parte da das drogas falar mais alto, sabe?

A Trindade que eu quero deixar para os meus filhos... Eu acho que a Trindade está se transformando para um lugar um pouco melhor... Eu fico só com medo da violência, né, Violência que está chegando aqui em Paraty, a gente sente que está chegando...eu acho que a Trindade que o que eu gostaria de deixar para os meus filhos é um lugar que a gente possa viver tranquilo, né, a gente ainda consiga sair na rua, sair de noite e dormir na praia. Na verdade, eu quero que meus filhos vivam lá no cepilho no Morro no meio do Mato comigo, aprendendo as coisas lá. Essa Trindade que eu quero que meus filhos vivam, ainda é uma Trindade que a gente consiga saber qual que é cada planta que tem nesse lugar, cada animal que tem aqui na Trindade, que consiga brincar com as crianças que tem aqui tranquilo, não seja molecada com a cabeça já virada para outras coisas, sabe... Sei lá, para... uma cabeça mais de adulto...de cidade... que gosta muito de beber,

chapar... porque natureza não combina muito com o álcool com drogas, até perigoso, né? A gente tem que amar a natureza, é essa Trindade que eu desejo para as crianças, para os meus filhos e tudo mais. Que a gente ame mais Trindade e ensinar eles a amar. É isso!

A Molecada, que representam os netos e bisnetos do Antigos, também reconhecem que a violência e as drogas têm oferecido riscos ao futuro que desejam para as suas gerações. Reconhecem que são perigos vindos de fora e que tem se intensificado, incorrendo na diminuição das liberdades do ir e vir, ou mesmo de desfrutar a natureza de Trindade. É preciso resistir para que se alcance o direito de viver na e da terra. Pela oposição às mazelas que vem do *Progreso* de fora e pela valorização das características internas, os entrevistados apontam com esperança para uma Trindade do *Buen vivir*.

5. Conclusões

A bondade ou maldade do ser humano não estiveram em pauta neste trabalho - ainda que por vezes, tenham sido apontadas nas entrevistas - e sim, um panorama da complexa rede de pensamentos e ações que os sujeitos que moldam os territórios e marcam as paisagens, estão intrincados. O que se fez aqui foi apresentar um diagnóstico de como essas marcas e modelagem tem se materializado no território e nos espíritos humanos.

O que se reconhece aqui é um desenvolvimento socioespacial como movimento de transformação de territórios e paisagens. Abrindo possibilidade para reconhecimento, divulgação ou formulação de outros desenvolvimentos que emanam do território e informam sobre qual modelo de desenvolvimento tem sido vivenciado pelas comunidades tradicionais no século XXI.

As perguntas que foram feitas para nortear essa pesquisa (o que é “desenvolvimento” a partir da perspectiva dos moradores destas comunidades e qual o entendimento deles a respeito desse processo ao longo dos anos no que diz respeito à cultura, ao território e à qualidade de vida? Como tem se desenvolvido a cultura e quais são as materializações reais sobre territórios³⁶? E quais são as visões de futuro destas comunidades para os seus territórios tradicionais, se é que ainda se pretendem culturalmente distintos e desejam que a futura geração assim se prolongue e reconheça?) avançam no sentido de detalhar e expor em quais bases, quais valores, com quais horizontes de futuro o desenvolvimento tem sido vivido e idealizado.

Os discursos sobre essas questões foram apreendidos através das entrevistas. A observação de campo e cruzamento dos dados mostraram como esse discurso tem se materializado na prática, colocando a paisagem como um filme (sequência de cenas) que fala de seu fotógrafo e da sociedade que a habita. Também fala de quem a habitou, por ser um acúmulo de camadas de tempos diferentes com marcas associadas a ideologias desse tempo. A paisagem também pode sugerir quem e como possivelmente a habitará, quando considerada matriz de desenvolvimento.

³⁶ Esses territórios, apesar de tradicionalmente ocupados por estas comunidades, atualmente contam com um regime de legislações que definem o que é ser tradicional, e o que seriam as características de um território tradicional, e nesse sentido, cabe ponderar as potencialidades e fragilidades que esses documentos podem manifestar nos territórios

Assim, a análise da paisagem evidenciou as transformações da paisagem em diferentes escalas e sobre os eco-símbolos que constituem o território. Entendendo que os diferentes tempos e grupos que agem naquela paisagem-território deixaram marcas que manifestam seus respectivos projetos de desenvolvimento. A análise entre as gerações mostrou que os desejos e aspirações para o futuro estão associados com o direito à possibilidade das próximas gerações permanecerem na terra e a garantia das liberdades para manutenção da qualidade de vida.

Liberdades estas, que muitas vezes sofrem cercamentos, limites impostos pelos diferentes atores que gerem o território de Trindade, seja pela presença ou pela ausência. Muros que são construídos materialmente, refletindo a constante sensação de aprisionamento em seu próprio território. Limites que tentam barrar o uso indiscriminado dos recursos naturais, muros que tentam barrar a violência.

Em meio a tantas barreiras formam-se as identidades híbridas, pensadas por Brondizio e Penna-Firme, fruto dos fluxos de gentes, de coisas, de ideias que se entrelaçam a matéria que emana da terra, da água, do ar, daquele lugar. E a paisagem passa a ser reflexo visível das ideias encarnadas, e a sua gestão torna-se palco para negociações interpessoais, institucionais e paradigmáticas (qual tipo de desenvolvimento).

Os paradigmas, além dos muros que os entrevistados reconhecem, são grandes e imponentes sistemas de pensamento que tentam se impor sobre os territórios-paisagens, mas possuem uma reformulação, um rearranjo local, impedindo que a cultura caiçara tradicional seja de todo suprimida pelas reservas naturais ou pelo Progresso.

O que pude observar na comunidade é a agregação de valor turístico às práticas que faziam parte da vivência dos antigos, que passaram um tempo restritas ou adormecidas, e nos últimos anos têm sido retomadas com o intuito de promover um turismo mais qualificado, que diminua (ao menos, aparentemente) a pressão sobre a cultura tradicional caiçara e passe a (re)valorizá-la, através do movimento de turismo de base comunitária. São as restaurações das casas de farinha, a visita de turistas ao cerco de pesca, a possibilidade de vivência agroecológica nos quintais que ainda resistiram à pressão de serem transformados em espaços de hospedagem.

A combinação do rural e do urbano facilita a atração de turistas do mundo inteiro para Trindade, que pode proporcionar experiências turísticas históricas, ecológicas, de praia, de campo, étnicas, gastronômicas etc. E para receber o

turista e se inserir neste “novo” ciclo econômico promovido pelo turismo, as comunidades tradicionais caiçaras também buscaram algumas adaptações em seus territórios, como visto ao longo deste trabalho.

Segundo Begossi (2009), o turismo deve ser olhado como mais um dos ciclos econômicos que fazem parte dessa cultura plástica do caiçara, que se volta para onde “der mais peixe”, sendo a capacidade de adaptação local mais característica desse modo de viver do que uma suposta homogeneidade, de onde vive-se exclusivamente da pesca e da agricultura. Apesar dessas atividades continuarem a constar como salvaguarda nos momentos de crise dos ciclos econômicos.

A grande questão que se coloca é que se os saberes a respeito das práticas tradicionais não estão sendo passados para a próxima geração, por dificuldades associadas às questões ambientais, a reconfiguração territorial, ou mesmo a possibilidade de outras atividades pelo desejo de uma melhor condição de vida para as próximas gerações, cada vez mais os saberes tradicionais vão se perdendo (ou renovando?) e as novas gerações passam a exercer territorialidades que imprimem novas marcas na paisagem ou mesmo reimpressões de marcas antigas mas com novas funções.

Essa forma de chegada do desenvolvimento é recorrente em outras comunidades tradicionais, como diferentes estudos têm demonstrado (PENNA-FIRME, 2013; ROVAI, 2013; FREITAS, 2011; COHN, 2001). Trindade é mais uma comunidade tradicional onde podemos observá-lo, mas devido ao seu histórico de luta, desde os índios Carapebas até os movimentos da Molecada, os trindadeiros conseguem, a base de muita articulação política interna e externa e luta, garantir certa autonomia sobre seu território-paisagem.

Não se trata de uma aplicação purista de nenhuma das formas de desenvolvimento apresentadas na teoria, mas é uma costura do que é melhor, do que é possível e do que é necessário para a manutenção da vida com bem-estar para as gerações, formando uma paisagem que expressa um mosaico de diferentes teorias de desenvolvimento, trazendo um caráter único para a experiência do desenvolvimento em Trindade.

As novas formas de ver a paisagem e o território, são novas portas de compreensão do mundo, que só serão abertas com chaves que ainda não estão disponíveis no antigo molho das teorias do desenvolvimento, e que estão sendo

moldadas pelos chaveiros do próprio território, os quais, ao exercerem a sua territorialidade e se reapropriar do espaço e todos os elementos concretos e simbólicos que a ele estão associados visando um ganho de qualidade de vida, sem se submeter aos discursos externos que propagandeiam um desenvolvimento que os exclui, resistem no tempo e espaço, transformando os antigos usos da natureza em re-existência do seu próprio grupo e paisagem.

6. Referências bibliográficas

ADAMS, C. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2000, V. 43, nº 1. p. 146 – 182

ALIER, Juan Martinez. Correntes do ecologismo. In: **O ecologismo dos pobres**. São Paulo: Contexto, 2007. p.21 -39.

ARAÚJO, J.W.C. **A noção de consciência moral em Bernhard Haring e sua contribuição à atual crise de valores**. PUC-RIO - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011, 279p.

BEGOSSI, A. O cerco flutuante e os caiçaras do litoral norte de São Paulo, com ênfase à pesca de Trindade, RJ. **Interciência**. nov 2011, vol. 36 nº 11. p. 803 – 807

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Berque, Augustin. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: Corrêa, Roberto e Rosendahl, Zeny (org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, pp. 84-91.

Besse, Jean-Marc. As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas contemporâneas. In: Besse, Jean-Marc. **O gosto do mundo**. Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

BOLETIM CARTOGRAFIA. Cartografia social de Trindade: a pesca artesanal da comunidade tradicional caiçara de Trindade (Paraty, RJ). **Boletim Informativo**. n. 4, dezembro de 2016. 20 p.

CAMARGO, C. P. M. P. A luta pela permanência na terra em Ponta Negra, Paraty (RJ). **VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária** GT 2 – Comunidades tradicionais na luta por territórios. Curitiba. 1 a 5 de novembro de 2017.

CASTORIADIS, Cornelius. **As Encruzilhadas do Labirinto II**, os domínios do homem. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

CHESNEAUX, J. Modernidade como cultura e ideologia. In: **Modernidade-mundo**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes. 1996.

CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL Z. (Org). **Paisagens, texto e identidades**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 13-74.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3ª edição. Florianópolis: UFSC, 2007.

COHN, C. Culturas em transformação: os índios e a civilização. **Perspectiva**. São Paulo. n. 15, p. 36-42, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8575.pdf> Acesso em: 22/12/2020.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **História da CEPAL**. Acessado em: <https://www.cepal.org/pt-br/historia-de-la-cepal>. Data: 4/8/2020.

Conselho Nacional dos Direitos Humanos. **Povos livres, territórios em luta**: relatório sobre os direitos dos povos e comunidades tradicionais/ Conselho Nacional dos Direitos Humanos – Brasília: Conselho Nacional dos Direitos Humanos; 2018. Acessado em: <http://www.dedihc.pr.gov.br/arquivos/File/2018/RELATRIOSOBREOSDIR EITOSDOSPOVOSECOMUNIDADESTRADICIONAISv2.pdf> . Data:4/8/2020

CIONE, Vicente di. El desarrollo geográfico desigual, combinado y contradictorio y la dialéctica de los procesos de territorialización política. **Geo aires, cuadernos de Geografía** s/d.

COUTO, J. M. O pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch. **Economia e Sociedade**,8 Campinas, v. 16, n. 1 (29), p. 45-64, abr. 2007

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. Ensaio sobre a relação entre desenvolvimento geográfico desigual e regionalização do espaço brasileiro. **Geosp – Espaço e Tempo** (On-line), v. 24, n. 1, p. 27-50, abr. 2020.

DALLABRIDA, V. R. Economia, Cultura e Desenvolvimento: uma primeira aproximação sobre as origens teóricas da abordagem do tema. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**.v. 7, n. 2, p. 282-299, mai-ago/2011.

DÁVALOS, Pablo. Reflexiones sobre el sumak kawsay (el buen vivir) y las teorías del desarrollo. **América Latina em movimento**. Publicado em 04/08/2008. Acessado em <https://www.alainet.org/es/active/25617> . Data de acesso: 16/01/2020.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: HUCITEC/ NU-PAUB, USP, 2004 (5ª edição).

EMBRATUR. Política nacional de Turismo. 197? mimeo. _____ . Reunião Oficial de Turismo, 1972. mimeo. Arquivo Noronha Santos. Subsérie Congressos. Caixa 83 pasta 47

ESCOBAR, Arturo. El “postdesarrollo” como concepto y práctica social. In: Daniel Mato (coord.), **Políticas de economía, ambiente y sociedad en tiempos de globalización**. Caracas: Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, Universidad Central de Venezuela, (2005), pp. 17-31.

FEENY, David; Berkes, F; McCay, B; Acheson, J. A tragédia dos comuns: vinte e dois anos depois. In: **Espaços e recursos naturais de uso comum**. NUPAUB-USP. 2001. p.17 - 42.

FONTES, C. F. L.; GUERRA, A. J. T. Conflitos socioambientais na APA de Cairuçu (Paraty-RJ) à luz da sobreposição com unidades de conservação de diferentes categorias. **Geosp** – Espaço e Tempo (Online), v. 20, n. 1, p. 178-193 mês. 2016.

FRANCCESCO, A. A. Território em disputa: o caso dos caiçaras da Cajaíba. **V Encontro Nacional da Anppas** Florianópolis – SC – Brasil. 4 a 7 de outubro de 2010.

FREITAS, C.A. Tradições de futuro. **Agropecuária Catarinense**, v.24, n.1, mar. 2011 p. 26 - 30.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARCIA, S. F; DEDECA, J. G. Reflexos ambientais (biodiversidade) da Urbanização do município de Paraty-RJ. **Revista Ciências do Ambiente On-Line** Março, 2012 Volume 8, Número 1. p. 7 – 15.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de e HAESBAERT, Rogério. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access. 2007, p. 33-56.

HALL, Stuart. The West and the Rest: discourse and power. In: SCHECH, Susane e HAGGIS, Jane. **Development, a cultural studies reader**. Oxford (RU) e Malden (EUA): Blackwell, p. 56-64. 2002.

HARVEY, David. **Spaces of global capitalism: towards a theory of uneven geographical development**. New York: Verso, 2006. 154p.

HOBBSBAWNS, E. J. **A era dos extremos: o breve século XX, 1914 – 1991**. (Tradução: Marcos Santarrita). São Paulo: Companhia das Letras. 1995

IDROBO, J. C; JOHNSON, D. S. Livelihood transitions and social wellbeing on the Atlantic Forest Coast of Brazil. **Maritime Studies**. Abril 2019.

Igara Consultoria em Aquicultura e Gestão Ambiental. **Definição de categoria de unidade de conservação da natureza para o espaço territorial constituído pela Reserva Ecológica da Juatinga e Área Estadual de Lazer de Paraty-Mirim**. Julho de 2011. 74p.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental do Cairuçu**. 2018. p.

IRVING, Marta. Sustentabilidade e o futuro que não queremos: polissemias, controvérsias e a construção de sociedades sustentáveis. *Sinais Sociais. Dossiê Sustentabilidade*. - Vol. 1, n. 1 maio/ago. 2006. p.13 - 38.

KAMALI, Masoud. Conceptualizing the “Other”, Institutionalized Discrimination, and Cultural Racism. Department of Sociology, University of Uppsala. **SAGE Publications**. 2008.

LA BLACHE, Paul Vidal. Os gêneros de vida na Geografia Humana: primeiro artigo. In: Haesbaert, Rogerio; Nunes Pereira, Sergio; Ribeiro, Guilherme (dir.) **Vidal, Vidais: textos de Geografia Humana, Regional e Política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, pp. 131-181.

LATOUCHE, Serge. **A Ocidentalização do mundo: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária** Vozes. Petrópolis. 1994.

LATOUR, Bruno. 1994. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34.

LHOTTE, C. **Trindade para os trindadeiros**. / Cristina Lhotte. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP. Campinas: SP. 1982, 299p.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. BARBOSA, G. L., ZBOROWSKI, M. B. Os vários “ecologismos dos pobres” e as relações de dominação no campo ambiental. In: Loureiro, C. F. B; Layrargues, Philipe; Castro, R. S. de (orgs.). **Repensar a educação ambiental: um olhar crítico**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2012.

LOWY, Michael. **A teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado**. Mimeo. s/d.

MACHADO, J. G. R; PAMPLONA, J. B. A ONU e o desenvolvimento econômico: uma interpretação das bases teóricas da atuação do PNUD. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 17, n. 1 (32), p. 53-84, abr. 2008.

MALUF, R. S. Atribuindo sentido(s) à noção de desenvolvimento econômico. **Estudos Sociedade e Agricultura**. 15, p. 53-86. outubro 2000.

MARIA, Y. L. Paisagem: entre o sensível e o factual. Uma abordagem a partir da Geografia Cultural. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2010. 134 p.

MINAYO, M.C.S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Minayo, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 80 p., 1994.

MORAES, L. M. A. V. **Contribuições da psicossociologia para a compreensão das relações de grupo sob situação de conflito**

socioambiental em Trindade, Paraty, RJ. /Luana M A V Moraes. - Rio de Janeiro: EICOS UFRJ, 2017. 122f.: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999

NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, vol. 6, n. 2, dez. 163-186. 2010.

NOGUEIRA, A. **Hans Staden**, o amanhecer de uma nação. Clube de Autores. 191 p. s/d. Acessado em: <https://books.google.com.br/books?id=nbd5DwAAQBAJ&pg=PA26&lpg=PA26&dq=capistrano+de+abreu+hans+staden+trindade&source=bl&ots=l1qpNWLBIQ&sig=ACfU3U2HIMMqZJF2BwsSISKrCvXsnxr3aQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiA8OD4tdLpAhVSDrkGHTP5DNYQ6AEwAnoECAoQAQ#v=onepage&q=capistrano%20de%20abreu%20hans%20staden%20trindade&f=false>. Data: 4/8/2020. p. 26.

OLIVEIRA, Rogério Ribeiro, ENGEMANN, Carlos. História da paisagem e paisagens sem história: a presença humana na Floresta Atlântica do Sudeste Brasileiro. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 18, n. 25, p. 9-31, ago. 2011.

OSTROM, Elinor. A diagnostic approach for going beyond panaceas. **PNAS**. September 25, 2007. vol. 104. n° 39. p. 15181 - 15187.

PENNA-FIRME, Rodrigo. Political and event ecology: critiques and opportunities for collaboration. **Journal of Political Ecology**, v. 20, p. 199, 2013.

PENNA-FIRME, Rodrigo; BRONDIZIO, E. S. Quilombola ethnic tourism: balancing between 'modernity' and 'tradition'. **GeoPUC**. Rio de Janeiro, ano 5, n. 10, jan.-jun. 2013, p. 1-22.

PENNA-FIRME, Rodrigo; BRONDIZIO, E. S. Quilombolas como coletividades verdes: contestando e incorporando o ambientalismo na Mata Atlântica, Brasil. **AMBIENTE & SOCIEDADE** (ONLINE), v. 20, p. 141-162, 2017.

PENNA-FIRME, Rodrigo; BRONDIZIO, E. S. The risks of commodifying poverty: rural communities, Quilombola identity, and nature conservation in Brazil. **Revista Habitus**, v. 5, p. 355, 2007

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

QUIJANO, Aníbal. "Bien vivir": entre el "desarrollo" y la des/colonialidad del poder. In: **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-**

estrutural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

QUIJANO, Aníbal. “Bien Vivir” para REDISTRIBUIR el poder Los pueblos indígenas y su propuesta alternativa en tiempos de dominación global. Informe 2009-2010 Oxfam. **Pobreza, desigualdad y desarrollo en el Perú**, Julio, 2010.

RECH, E. P; BRUMES, K. R. Contextualizando o conceito de desenvolvimento através dos meios de comunicação na disciplina de Geografia. Acessado em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2446-8.pdf> . Data: 4/8/2020.

ROSTOW, W. W. **Etapas do Desenvolvimento Econômico**: um manifesto não comunista. Editora. Cidade. 1970. p.

ROVAI, M.G.O. Tradição oral e patrimônio imaterial: o papel da memória na luta por políticas públicas na Comunidade de Canárias, Maranhão. **Revista Resgate**. Vol. XXI, p. 7-16, 2013

RUA, João; ACIOLI, A. ; GIANNELLA, LETICIA ; VASCONCELOS, T. . Geografia e desenvolvimento territorial. **GeoPuc** (Rio de Janeiro) , v. 4, p. 1-22, 2009

SACHS, Ignacy. **A terceira margem**: em busca do ecodesenvolvimento. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SAID, Edward. **Orientalismo**, o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das letras. 1990.

SANTOS, R.M.R. **O Mapa Êmico da Praia Grande da Cajaíba**: uma contribuição da geografia para o entendimento do território caiçara. IGEO / UFRJ, 2012 78p. Monografia (Bacharelado em Geografia) UFRJ.

SANTOS, M. J; CARNIELLO, M. F. História do desenvolvimento: limites de um campo de pesquisa. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. v. 10, n. 3 (número especial), p. 67-88, set/2014, Taubaté, SP, Brasil.

SANTOS, E. L; BRAGA, V; SANTOS, R. S; BRAGA, A. M. S. Desenvolvimento: um conceito multidimensional. **Desenvolvimento Regional em debate** Ano 2, n. 1, jul. 2012.

SAUER, Carl. **Introducción a la geografía histórica**. Memoria Presidencial presentada ante la Asociación de Geógrafos Americanos en Baton Rouge, Louisiana, diciembre de 1940.

SILVA, Flávio José Rocha da. O conceito de desenvolvimento no pensamento de Arturo Escobar. **Revista Pegada** – vol. 17 n.2. dez. 2016.

SILVA, G. M. A história do conceito de desenvolvimento e a ascensão das associações civis. XXXV Encontro da **ANPAD**. Rio de Janeiro. RJ, 4 a 7 de setembro de 2011.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo, Abril Cultural: 1982

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual, natureza, capital e a produção do espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A. 1988.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. A expulsão do paraíso. O “paradigma da complexidade” e o desenvolvimento sócio-espacial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1997(a).

SOUZA, Marcelo José Lopes de. A teorização sobre o desenvolvimento em uma época de fadiga teórica, ou sobre a necessidade de uma “teoria aberta” do desenvolvimento sócio-espacial. **Território, Rio de Janeiro**, Laget/UFRJ. Relume/Dumará. n. 1, vol. 1, p. 5-22. dez 1996.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social. **Território Rio de Janeiro**, n. 3, LAGET/UFRJ, p. 13-36, jul-dez. 1997 (b).

SOUZA, Marcelo José Lopes de. Território do Outro, problemática do Mesmo? O princípio da Autonomia e a superação da dicotomia Universalismo Ético versus Relativismo Cultural. IN: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: EDUERJ. p. 145-176. 2001.

STRACHULSKI, J. O percurso do conceito de paisagem na ciência geográfica e perspectivas atuais. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais – UEG/Câmpus de Iporá**, v.4, n. 2, p. 03 - 33 – jul/dez 2015.

SVAMPA, Maristela. **Debates Latinoamericanos: Indianismo, desarrollo, dependencia y populismo**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa, 2016. 586p.

TAVARES, Fred; IRVING, Marta. “Sustentabilidade líquida”: resignificando as relações entre Natureza, Capital e Consumo em tempos de fluidez. **Revista Espaço Acadêmico** - nº 51 - dez/2013. p.1 - 10.

TURCO, Angelo. **Ecumene: Introduzione allo studio degli ambienti umani**, edizione critica a cura di Marco Maggioli, traduzione e glossario di Claudio Arbore, Simone Gamba e Marco Maggioli, presentazione di “Kosmos”, vol. 29, Sesto San Giovanni, Mimesis, 2020.

VIEIRA, E. T; SANTOS, M. J. Desenvolvimento econômico regional: uma revisão histórica e teórica. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. v. 8, n. 2, p. 344-369, mai-ago/2012,

ZIBECHI, R. A las puertas de un nuevo orden mundial. In: AGAMBEN, G. et al. **Sopa de Wuhan**. Buenos Aires: ASPO, 2020. p. 113-118

Anexo A - Minha inserção no Campo

As informações sobre o campo tratam dos registros dos trabalhos de campo realizados para esta pesquisa, e das experiências associadas a minha trajetória acadêmica que se associam a valores pessoais e compromissos sociais.

Desde 2014, com o do projeto “Diagnóstico de danos ambientais em unidades de conservação: Parque Nacional da Serra da Bocaina (Área de Proteção Ambiental do Cairuçu) e Reserva Ecológica da Juatinga” pelo Laboratório de Geomorfologia Ambiental e Degradação dos Solos - UFRJ, tenho contato com a região e a rica complexidade de questões que estar lá nos propõe a pensar.

Na época, estive em Trindade, praia do Sono e no centro de Paraty por diversas vezes realizando levantamento de dados para as diferentes pesquisas do laboratório. No desenvolvimento de minha monografia “A Educação Ambiental como mediadora de conflitos socioambientais, junto aos moradores de Trindade, no Parque Nacional da Serra da Bocaina (RJ)” realizei entrevistas com lideranças do território e com agentes do ICMBio.

Junto ao desenvolvimento da monografia, participei como monitora voluntária de atuações pontuais do ICMBio em Trindade, a fim de observar de perto as relações entre o órgão ambiental, os moradores e os turistas. Após a conclusão da monografia, voltei a participar de outras intervenções do ICMBio em Trindade até 2017. A atividade era voltada ao atendimento turístico em feriados com chegada de grande público no PNSB.

A partir de 2015, voltei minhas análises para as relações dentro da comunidade de Trindade e dissertei sobre as “Contribuições da psicossociologia para a compreensão do conflito socioambiental em Trindade, Paraty - RJ”. Durante essa pesquisa tive a oportunidade de estreitar mais as relações com alguns moradores, além de entrevistas, também conversas, refeições e diversão juntos.

Entre um transporte à barco e outro, meu olhar foi despertado para as diferenças na paisagem das comunidades, e como já comentei na seção introdutória, aguicei a minha observação sobre as marcas que identificavam a presença de certo modo de vida na paisagem. Agreguei ao campo de estudo as comunidades da praia do Sono e Ponta Negra. E em 2019 estive nas três comunidades, conversando, trocando experiências e buscando entender o que estava emanado daqueles territórios aos meus olhos.

Anexo B - Roteiro semiestruturado

1. Inventário eco-geográfico:

Sobre a natureza, como você a descreve? Essa é a natureza que você vê aqui, na sua comunidade? Como era a comunidade antigamente, na sua infância, por exemplo? Como se alimentavam? onde moravam?

2. Inventário das representações:

O que você pensa sobre a relação do ser humano com a natureza? Qual é a sua relação com a natureza? Como você diria que é a relação da comunidade com a natureza?

Se eu te pedisse para registrar uma foto para eu me lembrar daqui, como ela seria? A gente consegue tirar essa foto agora?

3. Inventário dos conceitos e valores:

Você conseguiria me explicar porque escolheu esse lugar para representar a lembrança da comunidade?

Quais são os aspectos “invisíveis” da comunidade, aquilo que a gente não vai conseguir tirar foto, mas que eu devo lembrar ao falar daqui?

Sobre o modo de viver, o que vocêalaria sobre ele? Sobre os valores que você carrega com você e sua família? E é possível ver esses valores como aqui na comunidade? São valores que resistem ao tempo?

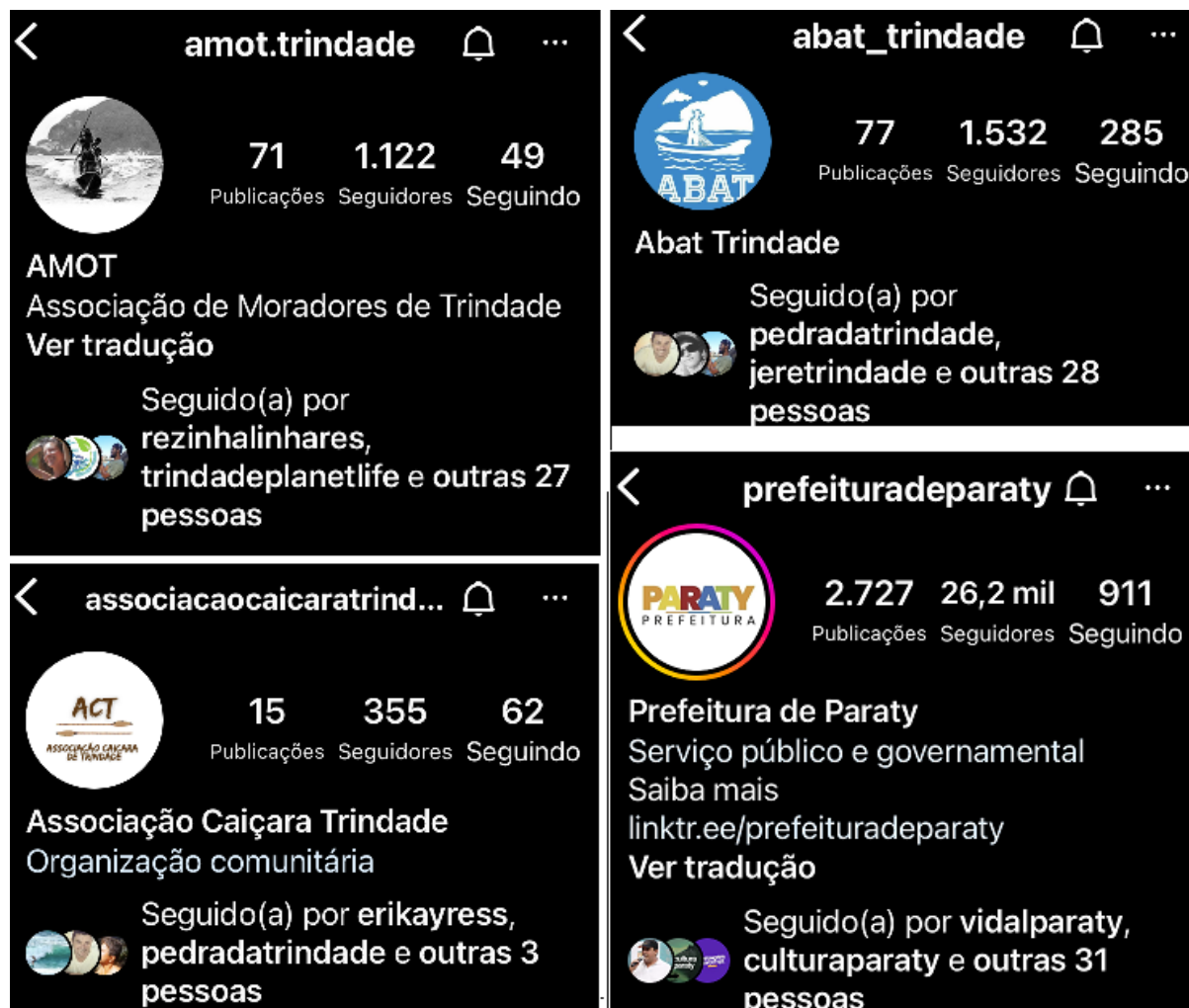
4. Inventário das políticas

Como é a questão da gestão do território? Existem regras para uso e ocupação dos espaços da comunidade? Quem estabelece essas regras? Sempre foi assim? Há alguém que fiscalize se elas estão sendo cumpridas? Pode haver sanções?

Se você fosse o novo gestor da comunidade e tivesse carta branca para fazer o que lhe parece melhor, o que iria providenciar? Qual seria o seu legado?

Como é a comunidade que você quer que sua próxima geração viva? O que faz ou está disposto a fazer em prol disso?

Anexo C - Redes sociais e imagens de satélite.



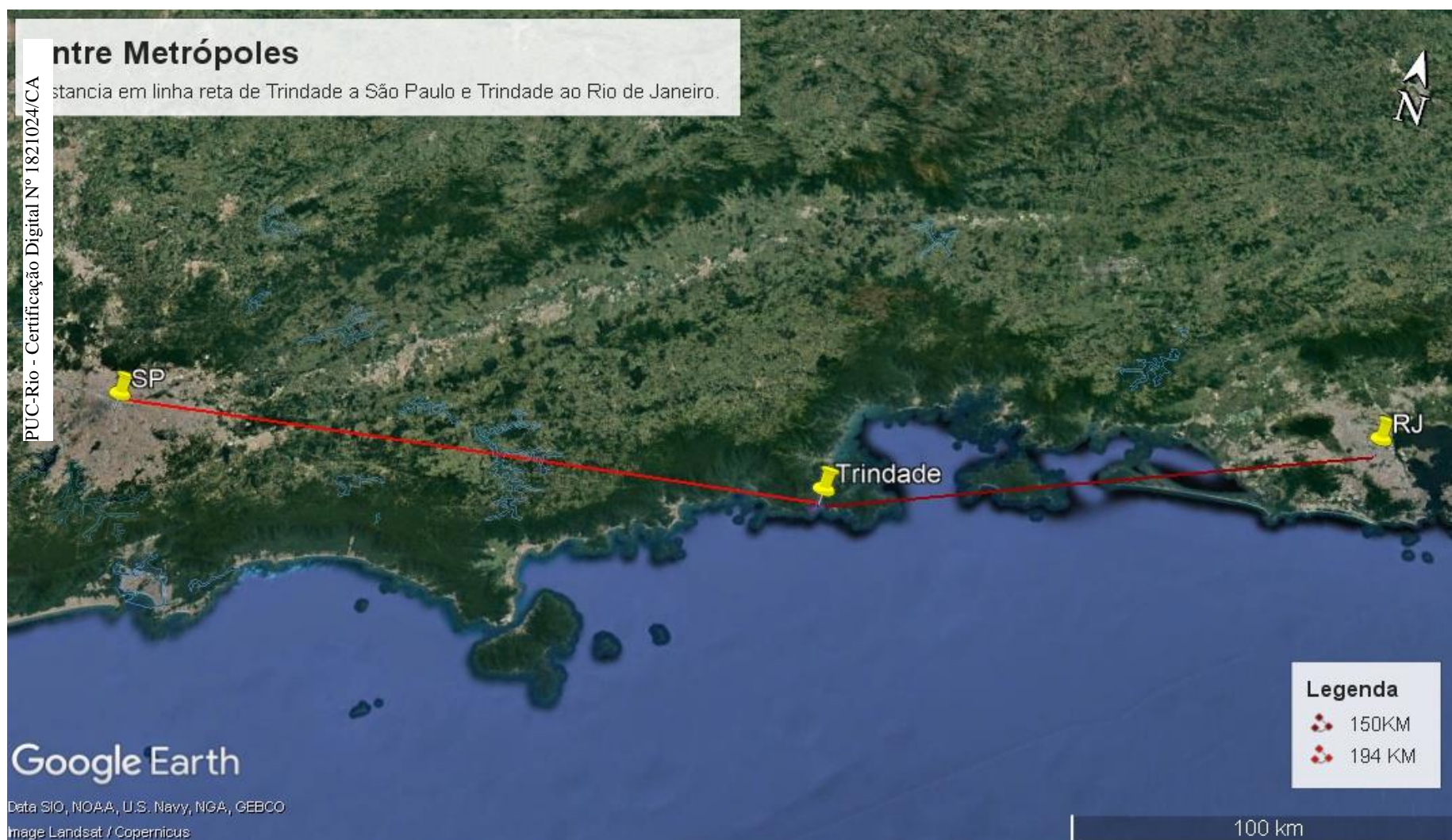


Figura 39 - Localização em Metrôpoles

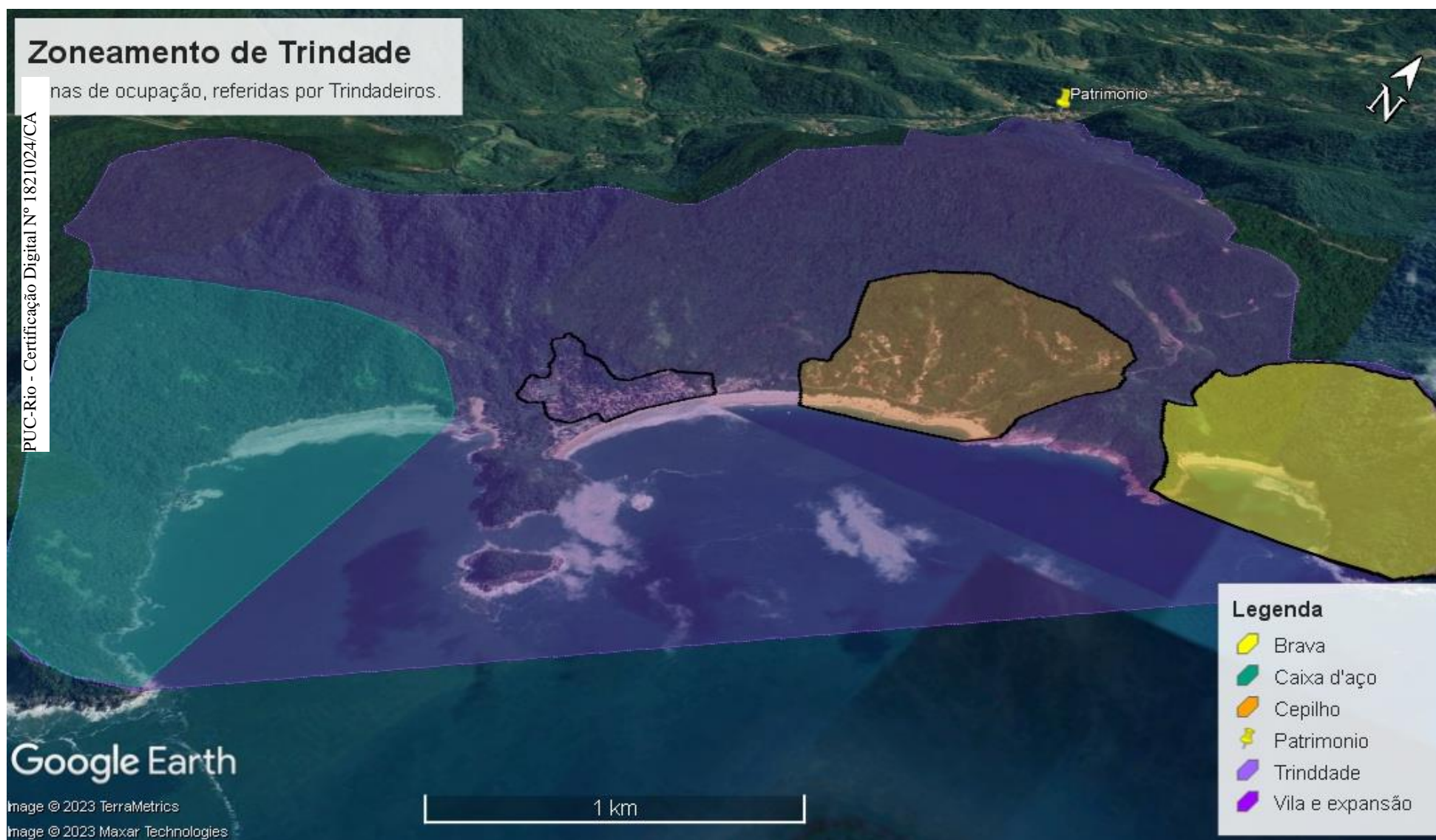


Figura 40 - Zoneamento de Trindade

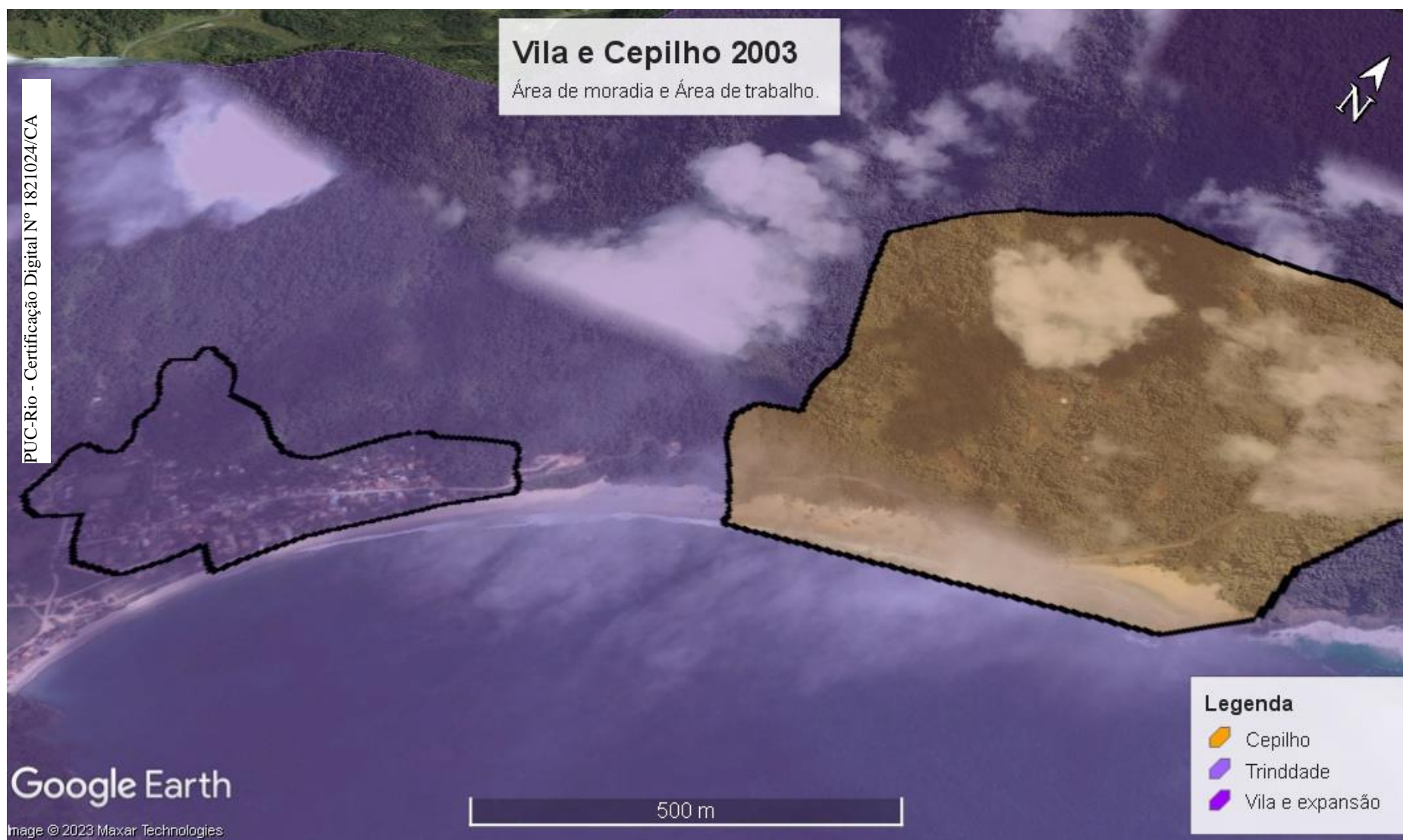


Figura 41 - Área de moradia e trabalho 2003. Fonte: própria, 2022.

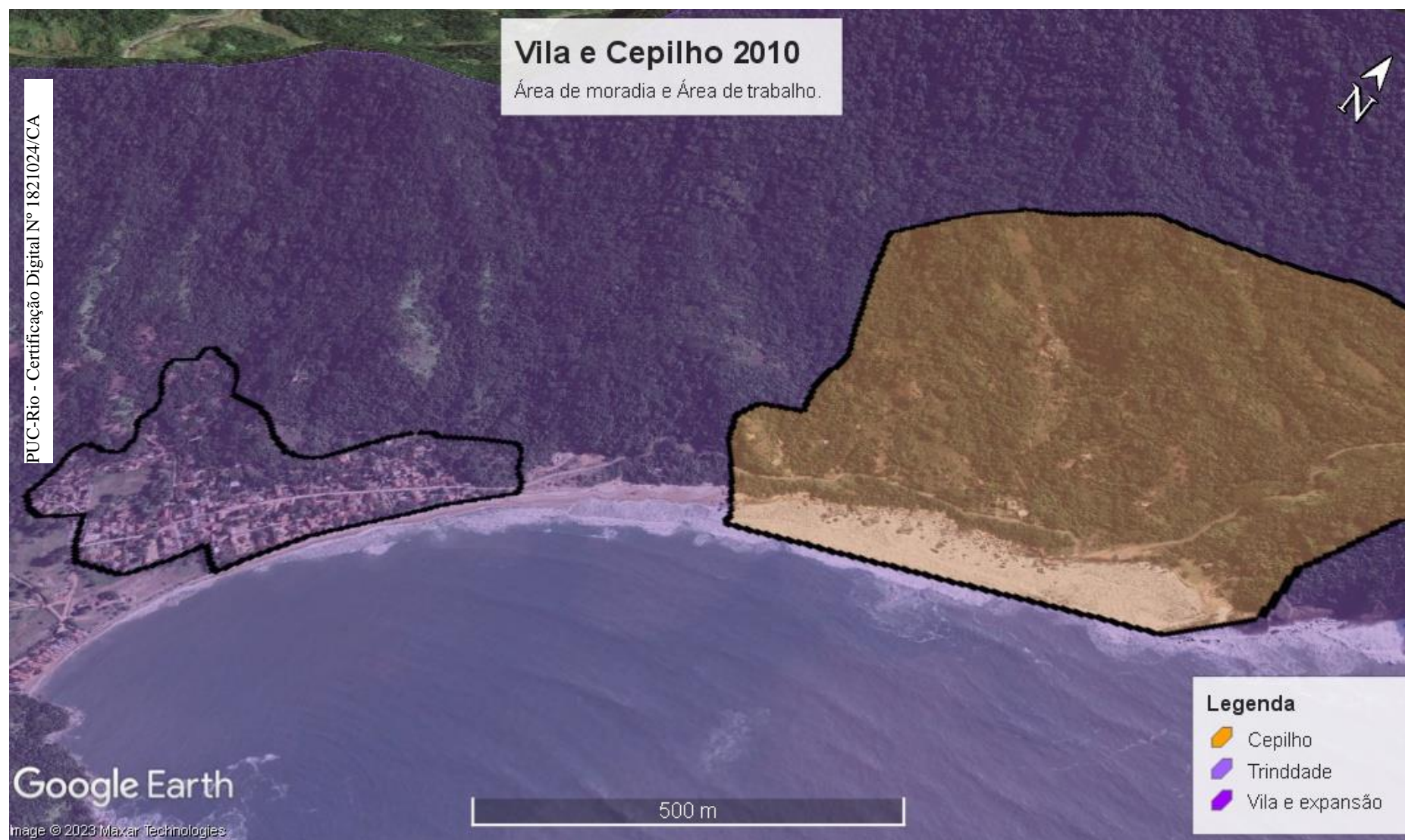


Figura 42 - Área de moradia e trabalho em 2010. Fonte: própria, 2022.



Figura 43 - Área de moradia e trabalho 2021. Fonte: própria, 2022.

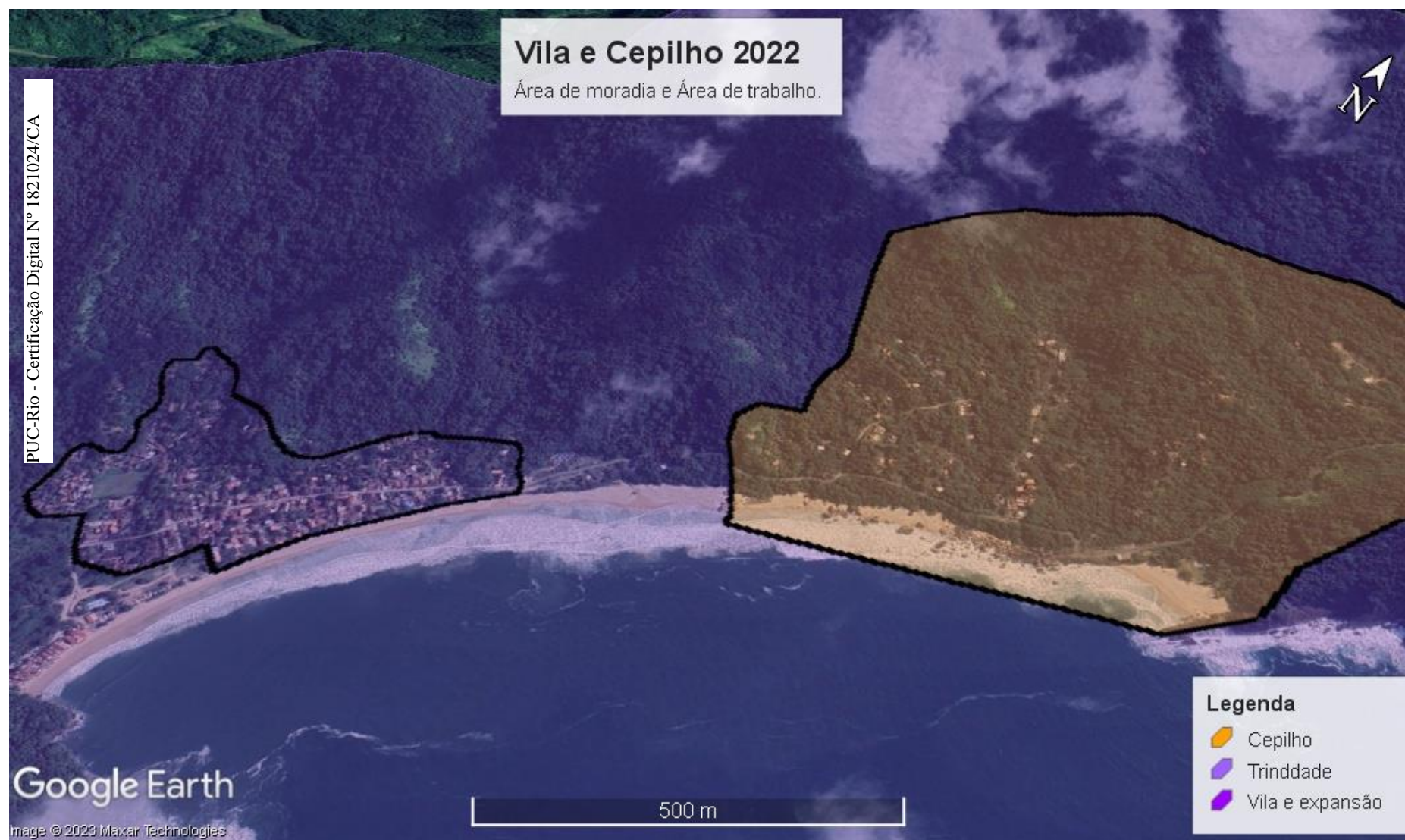


Figura 44 - Área de moradia e trabalho 2022. Fonte: própria, 2022.



Figura 45 - Área de trabalho no Cepilho 2010.

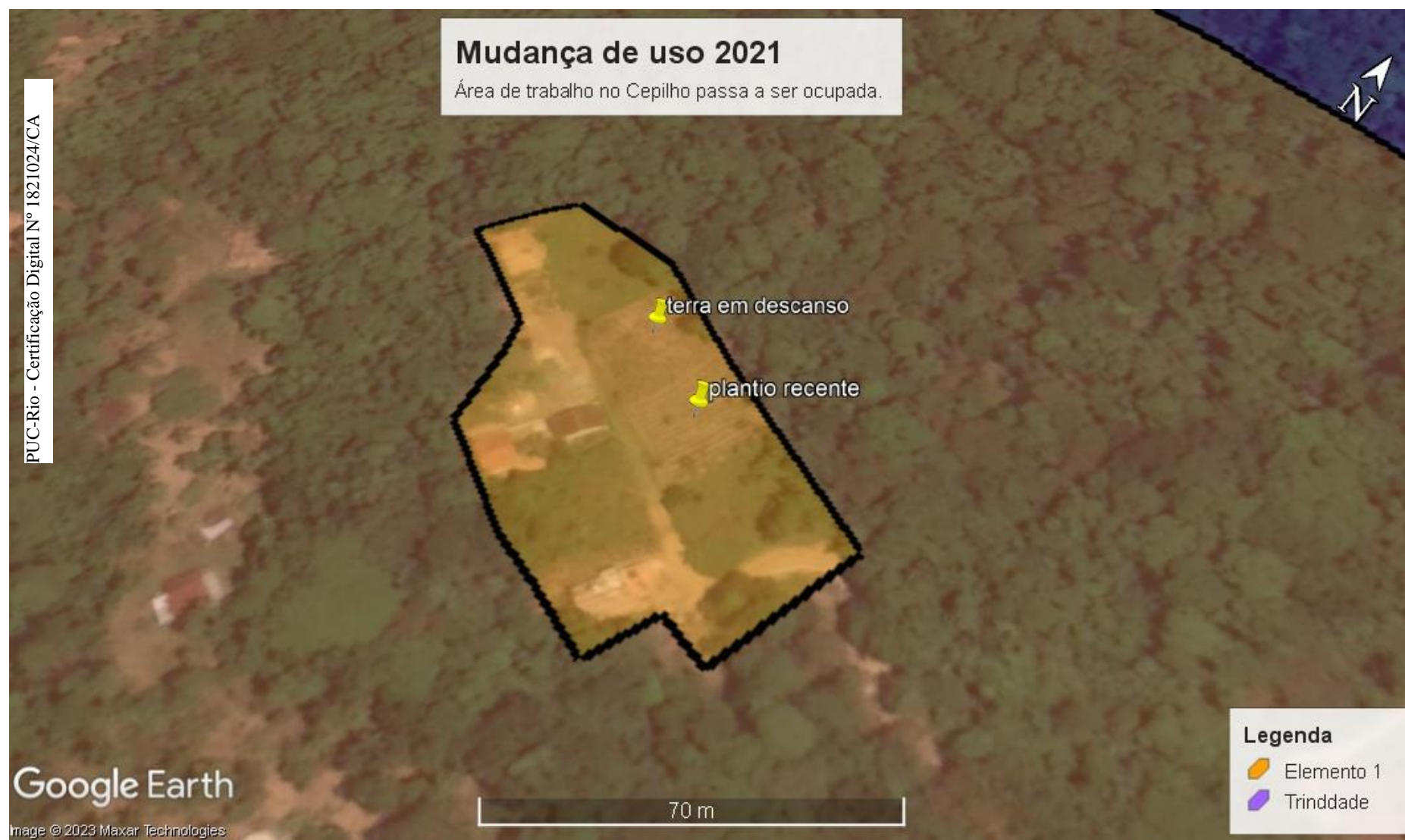


Figura 46 - Área de trabalho no Cepilho 2021.

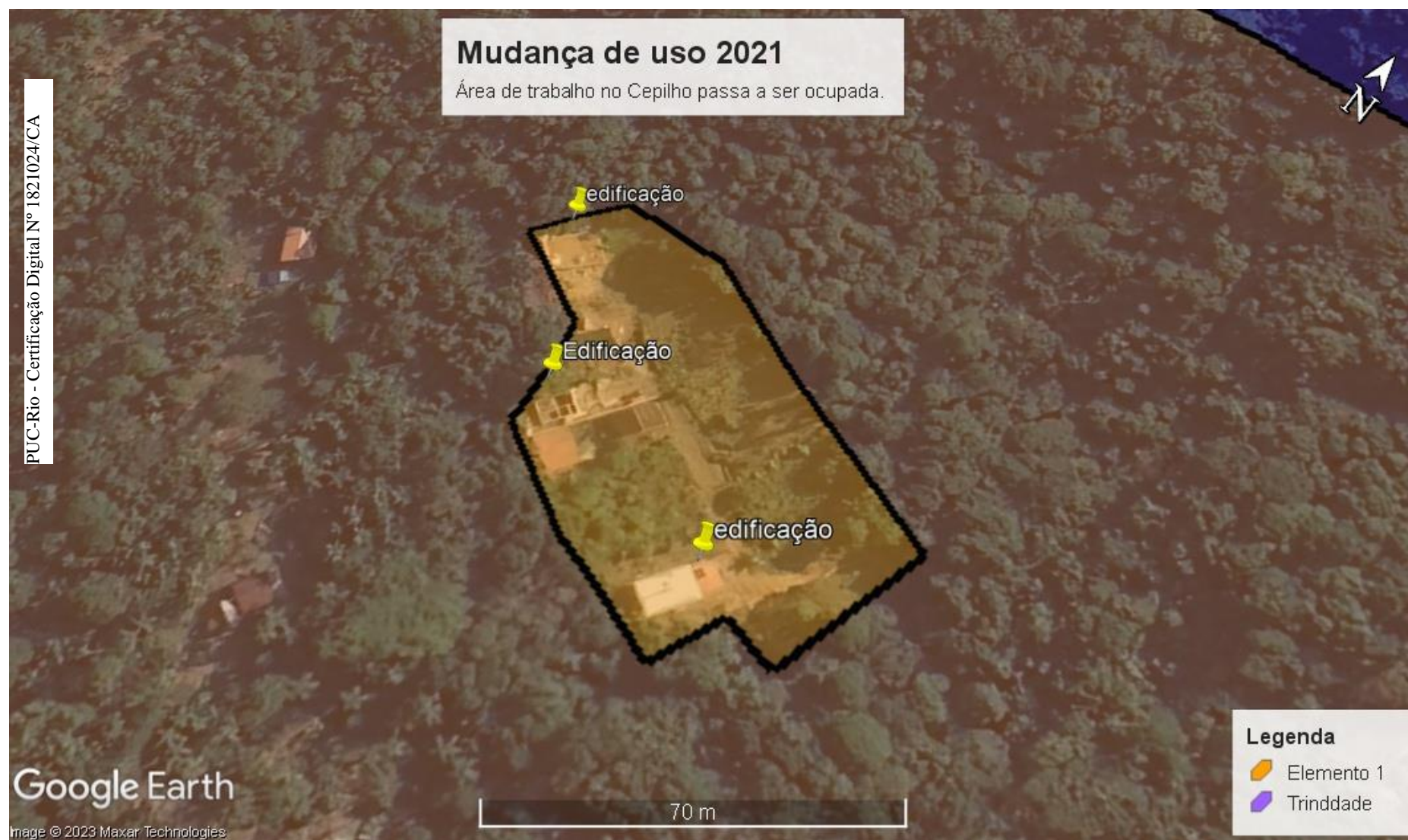


Figura 47 - Área de trabalho no Cepilho 2021.



Figura 48 - Ampliação de estradas no Cepilho 2021.